O disco ao vivo do Pearl Jam • Letra traduzida: Offspring

SHOW BIZZ

Para quem gosta de música

R$ 5,00

Exclusivo:
PAUL STANLEY
revela como o
KISS
se tornou uma máquina de fazer rock e dinheiro

Reverendo Reginaldo Rossi
Você precisa ouvir a voz do Senhor do brega

Duran Duran & Culture Club
O pop inglês dos anos 80 está vivo e se vingando

Joe Perry e Steven Tyler, do
indestrutível
AEROSMITH
Sucesso à prova de acidentes, explosões, overdoses...

15561/1 EDIÇÃO 162 ANO 15 Nº1 Janeiro 1999
ISSN 0104-1649
9 770104 164007 00162

O BOICOTE AOS RACIONAIS MCs • IRON MAIDEN AO VIVO

Abril

A Yamaha apresenta a nova Stage Custom.

A Yamaha incorporou toda a sua experiência adquirida em décadas fabricando baterias, em todos os aspectos da série Stage Custom. O resultado é um set de bateria de qualidade profissional, com uma sonoridade fantástica, por um preço totalmente acessível.

Todos os cascos de madeira

O novo Stage Custom possui também o corpo em madeira (Wood Shell)

Cascos de Birch e Mogno

Uma camada externa de Birch e uma camada interna de Folheado combinados com folhas de Mogno. Todos os cascos são compostos com o exclusivo sistema Air Seal para a formação do Casco. Este método único proporciona um casco de formato cilíndrico perfeito, resultando em máxima durabilidade e qualidade excepcional de timbres.

QY70 Um conjunto de grande versatilidade

Music Sequencer By Douglas Las Casas

Hoje em dia, a importância de se estudar com metrônomo e de ter um bom equipamento para os estudos, é tão grande como a de ter um bom instrumento.
O QY 70 é isso, um sequencer versátil e rápido, pois não preciso ficar compondo "paterns" para estudar ou dar aulas.
Cada patern já vem com 6 partes (Introdução, Parte A, Parte B, Fill A/B, Fill B/A, e um final). Tudo já está pronto, nas mais diversos estilos. Ao invés de ficar estudando apenas com o "Click", escolho um estilo, solto um patern, tornando o meu estudo mais agradável e musical, pois a musicalidade que você cria estudando com o QY70 é muito grande. É como se eu tivesse uma banda para estudar junto em tempo integral.

Canoas de alta tensão

Incorporando um design de encaixe de parafuso sem molo, possibilita um ajuste de tensão no casco sem ruídos, semelhante ao sistema do nosso bateria Recording Custom (Canoas fabricadas em uma peça única)

Sistema esférico de montagem e Clamp

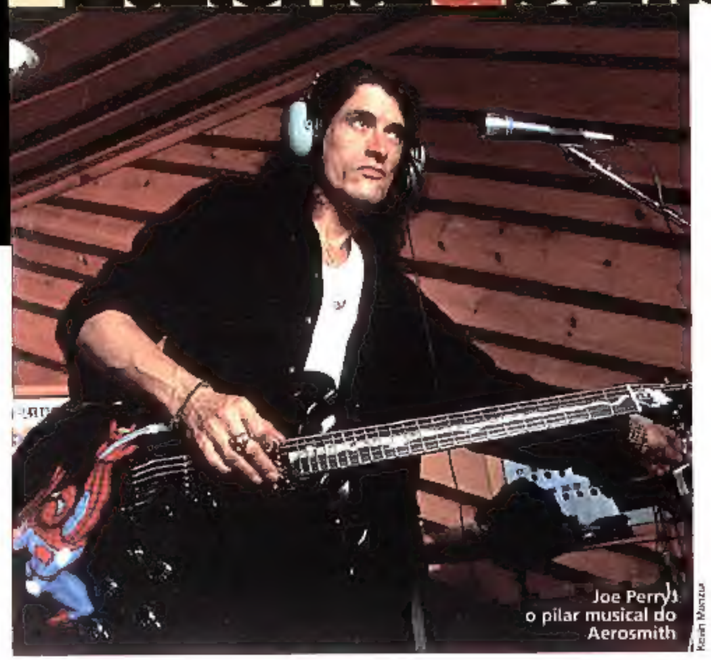
A grande esfera de resina fixada com uma robusta cavilha vem proporcionando aos bateristas um posicionamento dos tons extremamente flexível e estável há 90 anos. Uma placa de retenção interna colocada embaixo da cavilha assegura uma estabilidade impressionante que suporta os performances mais rigorosos

Color Finishes

REVENDEDORES AUTORIZADOS:
DISCONILDO (021) 671-2919 - Rio de Janeiro • **FOX TROT** (071) 358-8313 - Salvador • **MADE IN BRAZIL** (011) 3061-3131 - São Paulo • **MIL SONS** (051) 221-0410 - Porto Alegre • **PLAYTECH** (011) 250-0505 - São Paulo • **TANGO** (011) 3064-0600 - São Paulo • **TOCA SOM** (081) 465-7093 - Recife • **TRAVIATA** (012) 322-7133 - São José dos Campos

YAMAHA
YAMAHA MUSICAL DO BRASIL

Editorial&Sumário



Joe Perry: o pilar musical do Aerosmith

Koran Moreira

Esta edição traz um grande grupo de rock na capa, o Aerosmith, destrinchado por nosso correspondente em Los Angeles, Daniel Oliveira, a partir de uma entrevista exclusiva com o guitarrista Joe Perry. Em outra matéria de destaque, mais uma banda clássica, Kiss (goste-se ou não deles, a definição cabe), assunto de outra conversa também exclusiva com Paul Stanley. As hostes roqueiras não têm do que reclamar.

Seja qual for o seu gosto musical, se você possui um mínimo de bom humor, a matéria escrita por José Telles sobre o brega/cult/jovem-guardista (e pioneiro do rock no Brasil) Reginaldo Rossi também vai lhe proporcionar agradáveis momentos de leitura.

A reportagem que mais nos orgulha, porém, fala sobre o pouco badalado Gordurinha (1922–1969), autor de "Chiclete Com Banana". O belo trabalho de Julio Moura faz justiça ao talento de um compositor que, involuntária e inconscientemente, anteviu em sua obra genialmente galata o tropicalismo e o manguebit.

Aquele abraço,
Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Burt Bacharach – *The Look Of Love*
Caixa de 4 CDs com as criações do maestro americano, eternizadas nas vozes de Dionne Warwick, Carpenters, Dusty Springfield etc.

Gomez – *Bring It On*
Rock autenticamente de garagem (influenciado por Neil Young) que fez sensação entre a crítica do Reino Unido. Surpreendentemente bom.

Semisonic – *Feeling Strangely Fine*
O trio norte-americano mostra que tem fôlego para mais do que o sucesso pop "Closing Time".

Kid Abelha - *Autolove*
Paula, Bruno e George põem para ferver em mais uma bela e animada coleção de canções pop.

18 Aerosmith
Joe Perry conta como o grupo americano sobreviveu aos acidentes com Steven Tyler e com Joey Kramer

24 Gordurinha, um herói injustiçado
O compositor baiano que antecipou a tropicália e o manguebit

30 Ki$$
Paul Stanley conta como sua banda virou uma máquina de fazer dinheiro

36 Reverendo Rossi
Reginaldo Rei, o imperador do brega cult

sempre em showbizz

4 CARTAS
Polêmicos Titãs; diferentes experiências com o Iron Maiden

6 SHOWBIZZ RESPONDE
Hora de recordar Bauhaus e Casa Das Máquinas

10 INFORME BIZZ
Todos os crimes do Metallica; Planet Hemp muda baterista

48 SOM INDEPENDENTE
O renovado Maria Bacana; Rebeca Mata faz trip hop à baiana

50 MINHA COLEÇÃO
O rapper Thaíde, patrono do rap de São Paulo

55 DISCOS
Pearl Jam, Portishead, Suzanne Vega, Beatles, Garth Brooks, Motörhead, Engenheiros Do Hawaii...

68 AO VIVO
Festa da Brasil 2000, Racionais MC's, Superdemo, Iron Maiden

76 ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

78 LETRA TRADUZIDA
"Pretty Fly (For A White Guy)", do Offspring

80 MEU INSTRUMENTO
A bossa furiosa de Dom Um Romão

81 EQUIPAMENTOS DE SOM
Os melhores mini systems do mercado

82 DISCOTECA BÁSICA
Tapestry, de Carole King

Cartas

Radiola poderosa de São Luís: a Jamaica é aqui

Cristian Kropper

Carta do mês

Eu moro (ou morava) em São Paulo e estou passando uns tempos aqui em Rosário, no Maranhão. Sou fã de Bob Marley desde que nasci e meu maior sonho é conhecer a Jamaica, mas como ficou muito caro resolvi dar um passeio na Jamaica brasileira, São Luís do Maranhão. Dia 5 de dezembro vi um show com a presença de Gregory Isaacs e Lloyd Parks, foi maravilhoso. Estou quase louco de tanto ouvir reggae, em cada casa que passo as caixas de som estão estourando. Essas casas noturnas aqui são chamadas de "radiola", espécie de discoteca ao ar livre em que verdadeiros paredões de autofalantes (de máxima potência) ficam expostos na palhoça, um barracão enorme feito de barro. Como as caixas de som ficam para fora do barracão, vocês podem imaginar o barulho no meio da rua, né? Na minha opinião as melhores radiolas de São Luís são a Musical Itamaraty, Asa Branca, Diamante Negro e Guerreira Do Som. Falo isso para incentivar o resto do país a conhecer esse paraíso. As festas de reggae acontecem aqui de domingo a domingo, nem estou mais com vontade de voltar para São Paulo. A não ser para montar uma radiola por aí. Já estou começando um curso de DJ aqui.

Aloedan Santos – Rosário, MA

Elogios, elogios

Sou assinante da SHOWBIZZ desde o primeiro número e nunca escrevi para a redação. A partir da edição de setembro de 1998, me deu vontade de escrever para congratular a equipe pela beleza de revista feita, não só pelo novo *(antigo)* formato, como pela qualidade de reportagem e informação. Pensei então que a revista poderia ser como aqueles esperados discos que sucedem a outro de muito sucesso e que, quando aparecem, não correspondem ao esperado. Felizmente minha previsão não se concretizou. SHOWBIZZ seguiu arrebentando. Definitivamente, a revista vem sendo em seus últimos números uma verdadeira aula de História. Da nossa História.

Eliel Ferreira da Silva – Ceará-Mirim, RN

Contra o comércio

Tenho 26 anos e há doze acompanho todas as fases, amores e dissabores desta revista. Gostaria de reclamar desse povo que coloca anúncios vendendo exemplares antigos da revista e cobra valores que ultrapassam o preço de banca. Não consigo entender como jovens da minha idade, que viveram boa parte dos anos 80, podem querer se aproveitar de pessoas que estão querendo apenas manter viva a memória do rock. Vejo que muita gente colecionava essas revistas simplesmente por colecionar. Uma BIZZ/SHOWBIZZ não tem apenas o respectivo preço na capa, mas um preço cultural que nenhum leitor entenderá, a menos que se esforce!

Luis Cláudio Forti – Piracicaba, SP

Titãs reprovados

É triste ver o público dos Titãs hoje em dia, que é formado basicamente por adolescentes que, quando perguntados quais suas bandas preferidas, respondem: Titãs e Hanson, Titãs e Spice Girls, Titãs e Backstreet Boys. Nada contra os adolescentes, eu também já fui um. Mas os adolescentes de outrora fãs dos Titãs colocavam a banda junto de gente como Rolling Stones, Sex Pistols, The Who, Raul Seixas etc. O que, convenhamos, é bem diferente. Pergunta: o que foi feito daqueles oito depois sete rebeldes, talentosos e anárquicos? Resposta: o monstro SIST comeu!

José Henrique Miranda – Recife, PE

Titãs aprovados

Eu não gostei da nota que vocês deram ao novo CD do Titãs. *Volume Dois (nota 5, crítica assinada por Tárik De Souza, publicada na edição de novembro de 1998)*. Acho que mudar a maneira de tocar não significa que a banda passou a ser ruim. Os Titãs revoltados eram bons. Aliás, muito bons. Mas será que ficar batendo sempre na mesma tecla é bom? Os Titãs quiseram mudar. Nem sabiam se essa mudança iria ser para melhor, eles nem tinham essa pretensão, queriam apenas mudar e mudaram. Acredito que não foi um lance de marketing, afinal as músicas revisitadas ficaram conhecidas no formato original e poderia pegar muito mal uma segunda versão delas. Se fosse o primeiro álbum do Titãs, seria muito elogiado, porque as músicas são realmente boas. Acontece que todos nós já conhecíamos o trabalho do grupo. Mesmo assim, fica a constatação: eles continuam tocando muito bem, até melhor do que antes, só que em outro formato. Pode ter decepcionado a uns, mas agradou a muitos.

Mônica L. C. de Oliveira – João Pessoa, PB

Nova, finalmente

Parabéns a vocês da SHOWBIZZ *(edição dezembro de 1998)*, já assino a revista há muito tempo e esperava algo sobre o Camisa de Vênus ou Marcelo Nova, para mim a melhor banda do Brasil e a única que leva o rock a sério. Vi um show dele ao vivo e é ótimo, ou vocês acham que ele gravou um disco com o mostro Raulzito à toa. O cara entende do rock e escreve letras bárbaras.

João Antunes – Marau, RS

Maiden no Brasil

São duas horas da madrugada e só cheguei em casa agora. Eu e mais três amigos (somos uma banda de garagem de Itatiba. Interior de São Paulo) fomos assistir ao show do Iron Maiden no Brinco de Ouro, em Campinas (dia 4 de dezembro), mas o único objeto de ferro que vimos foi o escudo dos policiais. Os portões só foram abertos às 21h (horário previsto para o início do show). Mais ou menos às 22h30 alguém avisou no microfone que o show havia sido adiado por "problemas técnicos" e que poderíamos passar na bilheteria para pegar o ingresso de volta.

O óbvio aconteceu: fãs enfurecidos começaram a jogar pedras, tábuas e garrafas no palco. A PM apareceu do nada (ninguém foi revistado para entrar no estádio) e começou a soltar gás lacrimogênio. Nos dirigimos até as bilheterias, mas havia vários camburões, com policiais armados até os dentes. Resultado: quase ninguém se arriscou a levar um tiro para pegar os ingressos e saímos todos roubados.

Camilo Albuquerque de Braz – Itatiba, SP

O show do Iron Maiden em São Paulo (dia 5 de dezembro, no estacionamento do Anhembi) foi simplesmente o máximo. O vocalista Blaze Bayley demonstrou uma ótima performance, bem melhor se comparada à sua primeira vinda ao Brasil, no Monsters Of Rock (em 1996). Aliás ele lembra muito o Bruce Dickinson. Mas o show poderia ser melhor se fosse num estádio. Eu estava perto do palco, todos ali ficaram espremidos, o calor era insuportável, pessoas desmaiavam e eram retiradas com muito sacrifício. A chuva caiu em boa hora. Mais uma vez o Iron Maiden levou os fãs à loucura, até mesmo com as músicas recentes, sem falar no eterno sucesso "The Number Of The Beast". Eles provaram mais uma vez que são a melhor banda heavy metal do mundo.

Carlos Alberto Gomes Ferreira - São Paulo, SP

Ode ao Ultraje

Estava andando pelo centro de São Paulo à procura de discos para minha coleção. Na Rua 7 de Abril tinha um casal vendendo discos de vinil. Perguntei se eles teriam alguma raridade nacional e eles me ofereceram Ultraje A Rigor. Fiquei muito surpreso com tanta inteligência.

Gilberto Santos Junior - São Paulo, SP

Pernambuco faz arte

A cultura pernambucana hoje tem algo que só os olhos insensíveis da mídia tentam ocultar: ritmos tradicionais e contemporâneos, e misturas que estabelecem diretrizes para a MPB. Nos dias 5 e 6 de setembro de 1998, 15 mil pessoas prestigiaram o Festival Pé no Rock, com 24 bandas locais. SHOWBIZZ *(de outubro)* saudou o evento com mísera meia página, deixando fora Frank Jr., RDA, Jorge Cabeleira, Hanagorik e Coração Tribal. Talvez o sr. Rodrigo Salém *(autor do texto)* tenha ido fazer um lanche na hora do show das duas maiores bandas do segundo dia: Querosene Jacaré e Serpente Negra. Já estamos acostumados com esse descaso, mas como diz Capiba... "Queiram ou não queiram os juízes/ O nosso bloco é de fato Campeão/ E se aqui estamos, cantando esta canção/ Queremos defender a nossa tradição/ E gritar bem alto que a injustiça dói/ Nós somos madeira de lei/ Que cupim não rói!"

Luciano Morais de Souza - Paulista, PE

Valeu a lembrança de Capiba, Luciano. Mas não foi por preconceito nosso ou por cochilo de Rodrigo Salém que seus prediletos ficaram de fora: questões de edição e prazos limitaram o espaço. Salve Pernambuco!

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor.

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Correio: Caixa Postal 66157 - CEP 05315-970 São Paulo, SP
Fax: (011) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail: abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2112 *(Grande São Paulo)*
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (011) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

NÚMEROS ATRASADOS
Seis últimas edições de SHOWBIZZ

E-mail: dinap.na@email.abril.com.br
Tel.: (011) 810-4800 / **Fax:** (011) 868-2400

PUBLICIDADE
Tel.: (011) 3871-7019 / **Fax:** (011) 262-8696

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomadi
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Cinq
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR EDITORIAL AGRÍCOLA: Matinas Suzuki Jr
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Milton Lampoburdi

SHOWBIZZ

DIRETOR DE REDAÇÃO: Felipe Zobaran
REDATOR CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Bernardo Araújo e Sérgio Martins
REPÓRTER: Letícia Calmon
EDITOR DE ARTE: Rodolpho Vasconcellos Neto
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula Freire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) Ayrton Mugnaioni Jr., Carlos Eduardo Oliveira, Celso Masson, Celso Pucci, Cláudia Lima, Daniel Oliveira, Fábio Rodrigues, Felipe Machado, Fernanda Takai, Kid Vinil, Hélio Gomes, Jaime Braggio, José Telles, Jotabê Medeiros, Julio Moura, Márcio Pinheiro, Paulo Cavalcanti, Pedro Alexandre Sanches, Tárik de Souza, Thales de Menezes, Thomas Pappon, Vitor Paolozzi (FOTOS) Alex Silveira, Daniela Dacorso, Gustavo Caldas, Jorge Rosenberg, Léo Caldas, Luzia Ferreira, Marcelo Xamanes, Pedro Serra, Renan Cepeda, Rui Mendes (ILUSTRAÇÃO) Fabio Cobiaco, Márcio Simch (REVISÃO) Jorge Couto (ARTE) Isabella Estanislau do Amaral

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Grace de Souza
PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE
EXECUTIVOS DE CONTAS: Marcia Regina Braga

MARKETING
GERENTE DE PRODUTO E PROMOÇÃO: André Felipe D'Amato

ASSINATURAS
DIRETOR DE OPERAÇÕES E SERVIÇOS: Antonio Almeida
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira

DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Abril

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*; José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES: Fabima Ali, Geraldo Nogueira de Aguiar, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email: showbizz.atleitor@email.abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Goo Goo Dolls: de cover de Prince ao sucesso com produtor do Green Day

Vranes

Casa das bonecas

Falem sobre o Goo Goo Dolls e sobre a música "Iris", que estão estourando nas paradas.

Luciana de S. Ferreira – Osasco, São Paulo

"Iris" faz parte do mais recente álbum do grupo americano Goo Goo Dolls, chamado *Dizzy Up The Girl*. O disco foi produzido por Rob Cavallo, mais conhecido por modelar o rock básico e pop do Green Day. Os Goo Goo Dolls surgiram no ano de 1995 e sua formação é a seguinte: Robby Takac (baixo e vocais), Johnny Rzezni (guitarra e vocais) e George (bateria).

O trio a princípio fazia um punk com tendências pop, sendo comparado com os Replacements – seminal banda punk dos anos 80. Eles também são famosos por terem dado um tratamento de classe a uma canção de Prince, "I Could Never Take The Place Of Your Man" – ela está em *Hold Me Up*, de 1990, que chegou a ser lançado no Brasil.

Engenheiros

Gostaria de saber por onde andam os Engenheiros.

Marcos Aurélio L. Da Silva – Ceres, GO

Os Engenheiros Do Hawaii assinaram contrato com a gravadora PolyGram e devem lançar disco novo em março deste ano. No site oficial da banda, na Internet, é possível ouvir uma canção nova, chamada "98/99" – o endereço é virtualand.net/enghaw/. Enquanto isso a BMG Brasil, antiga gravadora do quarteto, soltou *Infinita Hawaii*, caixa com todos os CDs do grupo (*confira crítica na pág. 56 e a reportagem sobre o show da rádio Brasil 2000 no* Ao Vivo).

Heróis do rock

Gostaria que publicassem a discografia do grupo Casa Das Máquinas. Quais deles foram lançados em CD?

Alessandro Giacomel - Brasília, DF

O Casa Das Máquinas surgiu em 1974 pelas mãos do baterista Netinho, ex-Incríveis e The Clevers. Também faziam parte da banda Simbas (vocais), Haroldo (guitarra), Pisca (guitarra, baixo e teclados), Mario Thestoni Jr. (teclados) e Marinho (percussão). O grupo lançou os álbuns *Casa Das Máquinas* (1974), *Lar Das Maravilhas* (1975) e *Casa Do Rock* (1976) e se dissolveu em 1977, voltando à ativa ano passado para participar da turnê *Heróis Do Rock*, ao lado de companheiros de época, como Made In Brazil, Tutti Frutti e Patrulha Do Espaço, entre outros.

Apenas *Lar Das Maravilhas* e *Casa Do Rock* estão disponíveis em CD. Você pode encontrar álbuns do Casa Das Máquinas em lojas que lidam com discos raros e/ou usados. Em São Paulo, tente a Nuvem Nove (011/820-7051) ou a Ventania (011/222-6273).

Qual é o nome deles?

Por favor, publiquem os nomes verdadeiros de Robert Plant e Jimmy Page, ex-líderes do Led Zeppelin.

Erinaldo R. dos Santos – Praia Grande, SP

Robert Plant é Robert Plant, Erinaldo. Já nosso amigo Jimmy Page (que completou 55 anos em 9 de janeiro) foi batizado como James Patrick Page.

Do tempo de Bob

Sou fã do Bob Marley e vi a notícia do relançamento da caixa *Songs Of Freedom*. Então peço a vocês algum endereço e telefone onde eu possa encontrar essa caixa. Outro desafio é encontrar os CDs *Natty Dread* e *One Love – The Wailers At Studio One*.

Marcelo Balthazar – São Paulo, SP

A PolyGram adiou o relançamento de *Songs Of Freedom*. No entanto, você pode se deliciar com *The Complete Bob Marley & The Wailers*: são duas caixas com três CDs cada, disponíveis em lojas que trabalham com produtos importados. Tente as lojas Nuvem Nove (011/820-7051) ou Ventania (011/222-6273) – também para você encontrar *Natty Dread* e *One Love*.

Alternativas

A música "Turnaround" que o Nirvana gravou em seu LP *Incesticide* é uma cover do Devo? A banda pop inglesa Ride ainda existe? Vocês poderiam publicar as discografias do Ride e do Superchunk?

Rangel Cruz – Palmares PE

Em primeiro lugar, "Turnaround" é, sim, do Devo. Kurt Cobain & Cia. resgataram a canção de um obscuro lado B da banda. O Ride acabou, mas, em compensação, Andy Bell, ex-guitarrista e vocalista da banda, montou o Hurricane # 1. O grupo lançou seu homônimo álbum de estréia em 1997 – e o som deles lembra bastante as melhores coisas de seu antigo grupo. Agora, as discografias de Ride e Superchunk. Ride: *Nowhere* (1990), *Smile* (1990), *Going Blank Again* (1992), *Carnival Of Light* (1994), *Live Light* (1995) e *Tarantula* (1996). Superchunk: *Superchunk* (1990), *No Pocky For Kitty* (1991), *Tossing Seeds – Singles 89-91* (1992), *On The Mouth* (1993), *Foolish* (1994), *Incidental Music 91-95* (1995), *Here's Where The String Comes* (1995) e *Indoor Living* (1997).

Ficha: Bauhaus

A pedido do leitor **Bruno C. M. Bacchriega**, de Santo André (SP)

Importância

Ao lado de Siouxsie & The Banshees e The Cure, eles são pioneiros do rock gótico. Sua influência pode ser percebida até hoje, no trabalho de, por exemplo, Marilyn Manson.

Biografia

- Os irmãos David Jay e Kevin Haskins (baixo e bateria, respectivamente) montam a banda Craze ao lado do guitarrista Daniel Ash. Com a adição do cantor David Murphey eles se tornam Bauhaus. O nome é uma homenagem à antiga escola de arte alemã, que defendia o conceito "menos é mais".
- Eles lançam o single "Bela Lugosi's Dead" em agosto de 1979. A música, uma homenagem ao famoso ator húngaro que personificava o Conde Drácula, foi uma das pedras fundamentais do rock gótico.
- O Bauhaus faz sua primeira turnê pelos Estados Unidos em setembro de 1980. Na ocasião eles coverizam "Telegram Sam", sucesso do grupo de glam rock T. Rex. A canção faz bonito nas rádios independentes da Inglaterra e dos Estados Unidos.
- *Mask* (1981), segundo trabalho do quarteto, tem uma sonoridade mais ambiciosa: há uma profusão de ruídos e efeitos e o Bauhaus flerta com a música eletrônica e com o som pesado. Os hits são "Passion Of Lovers" e o "funk branco" "Kick In The Eye".
- No início de 1982 o Bauhaus faz uma aparição em *Fome De Viver* (1982), filme sobre vampirismo estrelado por David Bowie e Catherine Deneuve. "Spirit" e "Ziggy Stardust" – versão de um dos grandes hits de Bowie – são os destaques de *Sky's Gone Out*, considerado o álbum mais acessível do Bauhaus.
- Peter Murphy contrai pneumonia e praticamente não aparece para gravar *Burning From The Inside* (1983).
- Em julho de 1983 o Bauhaus anuncia sua separação.
- Peter Murphy forma o Dali's Car ao lado de Mick Karn (ex-Japan) e depois segue em carreira solo; Daniel Ash e Kevin Haskins criam o Tones On Tail; David Jay lança alguns discos solos e se junta ao Jazz Butcher. Ash, Haskins e Jay formariam depois o Love And Rockets (o nome foi tirado de uma revista em quadrinhos americana).
- O Bauhaus chegou a ensaiar uma volta em 1985 – mas o vocalista Peter Murphy não topou. A banda voltou somente ano passado, depois que Murphy foi "resgatado" da Turquia, onde foi morar depois de convertido ao islamismo. O Bauhaus lançou então a coletânea *Crackle* e fez uma turnê pelos Estados Unidos e Europa.

H. Rosenberg/ Divulgação
Vampiros redivivos: David J, Daniel Ash, Peter Murphy e Kevin Haskins

Discografia

Bauhaus: *In The Flat Field* (1980); *Mask* (1981); *Press The Eject And Give Me The Tape* (1982); *The Sky's Gone Out* (1982); *Burning From The Inside* (1983); *Singles 1979-1983 Vols. 1 & 2* (1983); *Swing The Heartache: The BBC Sessions* (1989); *Crackle* (1998).
Love And Rockets: *Seventh Dream Of Teenage Heaven* (1985); *Express* (1986); *Earth•Sun•Moon* (1987) *Love And Rockets* (1989); *Hot Trip To Heaven* (1994); *Sweet F.A.* (1996).
Daniel Ash: *Coming Down* (1991); *Foolish Things Desire* (1992)
David Jay: *Etiquette Of Violence* (1983); *Crocodile Tears And The Velvet Cosh* (1985); *David J On Glass* (1986) *Songs From Another Season* (1990); *Urban Urbane* (1992).
Peter Murphy: *Should The World Fail To Fall Apart* (1986); *Love Hysteria* (1988); *Deep* (1990); *Holy Smoke* (1992); *Cascade* (1995).
Tones On Tail: *Pop* (1986); *Night Music* (1987); *Tones On Tail* (1990).

Promoção

RAINHA

FORA DE SÉRIE

X GAMES

CA/AM/SDE/DPDC nº 01/1254/98

CA/AM/SDE/DPDC nº 01/1253/98

Chega de assistir esporte radical deitado no sofá.

A Rainha radicalizou: PROMOÇÃO Rainha Fora de Série. Pra participar é só comprar um tênis Rainha, preencher o cupom que está nas lojas e depositar em qualquer caixa de coleta dos correios até 05/02/99.

Você estará concorrendo a 3 VIAGENS com acompanhante para curtir os X-GAMES de verão em São Francisco, Califórnia e mais 10 KITS RAINHA contendo tênis, mochila, boné e camiseta.

Não fique marcando, entre logo nessa. Maiores informações: 0800-170501

ALGUMAS DAS LOJAS ONDE VOCÊ PODERÁ ENCONTRAR O SEU TÊNIS RAINHA

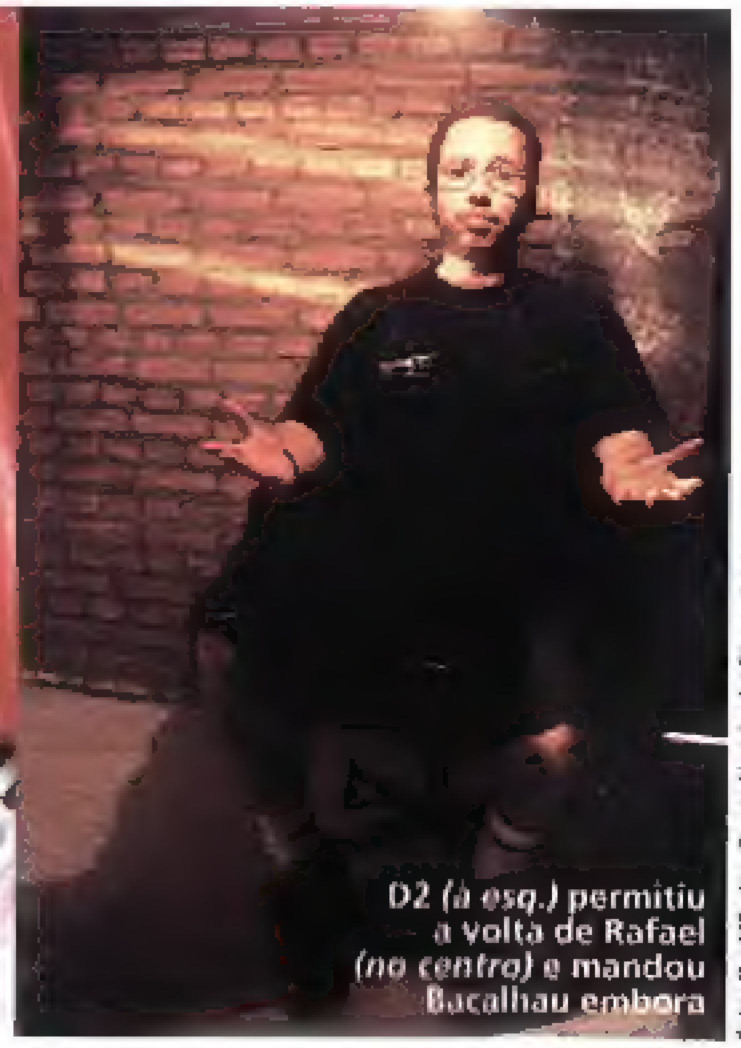
Belém (091) • Y Yamada 224-8844 **Belo Horizonte (031)** • Centauro 286-2445 • By Tenis 286-2194 • Elmo 235-2000 • Só Esportes 482-9040 • Sapataria Americana 212-3607 **Bragança Pta. (011)** • Jo Calçados 7844-1177 **Brasília (061)** • Sport Center 321-3338 **Campinas (019)** • Baby 230-8011 **Cuiabá (065)** • Gabriela Moda e Couro 674-7799 **Curitiba (041)** • Planeta Pé 345-7654 • Pague Menos 335-1555 • Andorinha 233-3737 • Senador Calçados 232-4132 **Feira de Sant'ana (075)** • Mersan 623-9661 **Florianópolis (048)** • Tênis Bleu Blau 324-0298 • Carioca Calçados 244-6763 • Imperador Calçados 259-2731 **Fortaleza (085)** • Casa Rio 252-1011 • Pecary 242-4074 **Goiânia (062)** • Apollo Esportes 281-1822 • Flavio's 212-8787 **Jundiaí (011)** • Passarela 7395-4100 **Porto Alegre (051)** • Paquetá Calçados 342-6788 • Reenex 341-7122 • Chinesinha 228-0415 • Terra Calçados 226-9432 • Ughini 228-0144 **Recife (081)** • Esposende 424-9544 • Exótica 231 6306 • Via Sports 424-4868 **Rio de Janeiro (021)** • Físico e Forma 541-0145 • Via Rio Tropical 548-9898 • Pupy 431-9738 • Paquetá 236-0011 • Di Santos 509-7898 • Magia dos Pés 595-4243 **Salvador (071)** • Graf's 351-0068 • Dinni 359-1415 • Adi Calçados 351-6669 • A Bolsa Moderna 351-2105 • Ao Leão de Ouro 243-5778 **Santo André (011)** • Pisalé 440-9859 **São Paulo (011)** • Não Não 883-7233 • Ocean 820-2231 • Bessni 220-0022 • World Tenis 3105-6509 • Nicky's 881-4111 • Mundial 6959-0990 • Shoe Biz 220-3322 • Alegria 220-3322 • Kallan 223-0277 • Dib's 222-9299 • Babuch 259-0466 • Novo Babuch 606-6381 • Resgate 3115-5200 • Ramão 293-6122 • Aragon 5589-4411 • Gaty 288-2444 **Vitória (027)** • Elmo 335-1194 • Só Esportes 222-8017

Atendimento Master ao Consumidor Rainha • 0800-557166

RAINHA

Peixe fora d'água

Bacalhau não é mais baterista do **Planet Hemp**. "Saí, embora ninguém da banda tenha me avisado. Por mim, teria ficado", diz o músico outrora conhecido como Wagner Ramos. Marcelo D2, cantor e dono da bola, minimiza a história. "Ele andava desmotivado, parecia que não queria mais contribuir com a banda. Mas isso é normal, o Hemp não precisa ter uma formação fixa, tanta gente já entrou e saiu..." Uma fonte próxima à banda diz que Bacalhau, acompanhado pelo baixista Formigão, andou gravando um trabalho próprio, que mostrou ao diretor artístico da gravadora Sony, Ronaldo Vianna. Isso teria desagradado a D2, que, ironicamente, lançou meses atrás seu primeiro disco solo, *Eu Tiro É Onda*. "Não sei de nenhum trabalho do Bacalhau", diz Marcelo, recém-chegado de Portugal com o novo Hemp. O titular das baquetas – o buraco foi tapado por Marcelo Yuka, d'O Rappa, por alguns shows – é Pedrinho, ex-integrante da banda carioca Cabeça, a princípio provisoriamente. "Acho que ele vai ficar", prevê D2. Um sai, outro volta. Após cerca de um ano fora da banda, o guitarrista Rafael é novamente integrante do grupo. "Ele estava desinteressado antes, mas agora tá amarradão. Nós sempre compusemos muito juntos e já fizemos algumas coisas novas", comemora D2. Como o gaúcho Jackson continua nas fileiras, agora o Hemp tem dois guitarristas.



D2 *(à esq.)* permitiu a volta de Rafael *(no centro)* e mandou Bacalhau embora

Fotos Rui Mendes, Sergio Nedel e Ari Dossenbrack

A ciência das coisas

The Science Of Things é o nome do novo CD do **Bush**, previsto para chegar às lojas em abril. Serão quinze ou dezesseis novas canções, compostas durante a reclusão do cantor e principal compositor da banda, Gavin Rossdale, em uma casa no sul da Irlanda. "Cansei de escrever na estrada, como fiz em *Razorblade Suitcase*" (último disco de inéditas do Bush, de 1996), diz Gavin. Ele passou o segundo semestre de 1998 ocupado com o novo material, gravando fragmentos de canções e trocando fitas com os companheiros de banda. As gravações e mixagens tinham prazo para acabar no fim de dezembro, sob a supervisão dos produtores Clive Langer e Alan Winstaley, os mesmos do CD de estréia do grupo, *Sixteen Stone*. "Ban The Bomb" e "Altered States" são nomes de duas das novas canções.

Gavin *(à frente)* não gostou do CD com remixes do Bush, *Deconstructed*

Divulgação

Cine Garbage

Divulgação

O **Garbage** comemora o sucesso de *Version 2.0* – sexto álbum mais vendido no mundo em 1998 – com trabalho redobrado. O grupo liderado pelo baterista Butch Vig foi convidado para participar da trilha sonora de *Ed TV*, novo filme do diretor Ron Howard (o mesmo de *Apollo 13*). "Devemos colaborar com algumas canções novas. Eu assisti ao trailer do filme e achei bem interessante", confessa Vig. Estrelado pelo galã Matthew McConaughey, *Ed TV* conta a história de um sujeito cujo dia-a-dia é transmitido 24 horas por uma rede de televisão a cabo.

Mas *Ed TV* ainda é um sonho do Garbage, bem como a parceria com o diretor David Lynch – do cult trash *A Estrada Perdida*. "Somos fãs de Lynch e combinamos fazer algo juntos em breve", sonha Vig. Atualmente o grupo se concentra na turnê, que tem boas chances de desembarcar no Brasil. "Acredito que será em março ou abril. Somos relativamente conhecidos por aí e estaremos realizando um antigo sonho nosso", acredita.

Enquanto o Garbage não chega por aqui, a solução é conferir os próximos singles da banda. "Estamos gravando nossas apresentações. As melhores canções deverão vir como bônus-track dos nossos próximos singles", adianta o baterista. "Os shows também estão sendo filmados por Sophie Muller (que fez milhares de garotas chorarem com Gwen Stefani, do No Doubt, no clipe de 'Don't Speak'). Eles servirão de base para o nosso próximo videoclipe."

Respeitável loiruda

A turnê de 21 datas na Europa foi um sucesso tão grande que nenhuma crítica fez piada com os quilos a mais da cantora Debbie Harry (afinal, ela está com 53 anos e seria uma falta de educação, até mesmo para os impiedosos padrões da imprensa inglesa). Bem, o fato é que o **Blondie**, considerado o melhor grupo new wave de todas as waves, voltou mesmo. Com disco novo, *No Exit*, e todo o encanto. A revista britânica *Q* afirma até que novas canções como "Forgive And Forget" não fazem feio diante de clássicos como "Atomic".

Jimmy Destri, Debbie Harry, Chris Stein e Clem Burke: grande volta

Folha Corrida

Metallica confessa ao jornal inglês *Melody Maker* todos os crimes cometidos ao longo da carreira

Prisões

Jason Newsted (baixo): Uma vez, em 1985, quando ainda não era da banda, fui preso por posse de cogumelos psicodélicos. Dormi uma noite na cadeia cheia de bandidos, mas havia um grandalhão fã de heavy metal lá, então tentei mantê-lo acordado conversando com ele a noite inteira. Paguei mil dólares de fiança, cortaram meu cabelo e o caso acabou arquivado.
James Hetfield (voz, guitarra): Fui preso em Londres uma vez por destruir um cinema. A culpa é dos ingleses, que nos servem aquela cerveja deles e esperam que a gente se comporte.

Atos obscenos em público

Kirk Hammett (guitarra): Às vezes sou pego transando em ambientes particulares... quando a pessoa que está comigo acorda!
Lars Ulrich (bateria): Todas as vezes que fiz sexo em público as pessoas por perto ignoraram ou participaram.
Jason: Uma vez, aos 15 anos, trabalhei numa exposição de gado e transei com uma menina dentro de um caminhão de transporte de cavalos.

Tumultos em hotéis

James: Quando você passa a juventude em uma banda, isso acontece o tempo todo. Mas parei, agora tenho uma mulher que adoro.
Kirk: Quer me colocar em encrencas? Entre 1985 e 1989, qualquer hotel vagabundo servia para zoar.
Lars: Quantas páginas temos para isso? Quer que eu comece por que cidade?

Porte de armas

Jason: Tenho revólveres e espingardas, que usava para caçar coelhos. Há oito anos não atiro em nada.
Kirk: Não tenho arma, só uma coleção de espadas, facas, adagas, tacos de beisebol e barras de ferro.
James: Não tenho uma arma, tenho 150. Meu pai faleceu recentemente e herdei a coleção dele, que inclui espingardas Winchester do século 18.

Drogas

Jason: Uma vez me venderam uma mutuca por 20 dólares. Quando cheguei em casa descobri que era orégano com outras ervas. Meus amigos fumaram assim mesmo.
Lars: No Canadá, eu e Kirk fomos a uma boate com alguns integrantes do Cult. Foi uma daquelas noites... Quando acordei não conseguia encontrar meu celular. Liguei pro Kirk e ele me disse: "Não se lembra? Você trocou o celular por uma parada".

Polydram Divulgação

Polydram

3 motivos para você achar Burt Bacharach...

...um gênio

1 **"The Look Of Love"** – composta para a trilha sonora de *Casino Royale* (um James Bond atípico, de 1967), rendeu maravilhas nas vozes da cantora inglesa Dusty Springfield, de Sergio Mendes e do soulman Isaac Hayes.

2 **"Close To You"** – "Por que os pássaros surgem de repente/ Toda vez que você se aproxima?/ Assim como eu, eles gostariam de ficar perto de você." Um clássico, que fica melhor na exuberante interpretação da anoréxica Karen Carpenter.

3 **"Walk On By"** – imortalizada na voz de Dionne Warwick, esta pérola também recebeu tratamentos maravilhosos de feras como Aretha Franklin e Isaac Hayes.

...um medíocre

1 **"That's What Friends Are For"** – composta em 1982 para Rod Stewart e mais conhecida na versão em benefício das vítimas da Aids, que reúne Stevie Wonder, Elton John e Dionne Warwick no pior momento de suas carreiras.

2 **Baby Boom (trilha sonora)** – composta em 1989, num período de seca para Burt e para Diane Keaton, a executiva que ganha um bebê e redescobre a vida ao fabricar papinha.

3 **"Arthur's Theme (The Best That You Can Do)"** – essa esquecível balada ganhou Oscar em 1981, batendo "Endless Love", com Diana Ross e Lionel Richie. Era cantada por Christopher Cross, intérprete de quilinhos a mais e talento de menos.

O rap é nosso

Se houve um precursor do rap no Brasil, ele foi **Arnaud Rodrigues**. E Luiz Carlos **Miéle** foi nosso primeiro MC. Em 1972, Arnaud teve a idéia de compor uma canção cuja letra seria falada. O problema foi achar um cantor para a "Melô do Tagarela". É Miéle quem conta: "O Arnaud um dia foi lá em casa tomar um uísque e acabou me escolhendo. Logo eu, que, naquela época, não cantava nada!". Arnaud tem outra versão: "O Miéle cantava, sim, e em certas músicas escolhia uns trechos para falar a letra". Mas Arnaud – ex-Baiano e Os Novos Caetanos e hoje Coronel, personagem do programa *A Praça É Nossa* – não se considera o inventor do rap. "Isso vem de longe. O martelo agalopado, um ritmo nordestino com duas notas, já fazia um pouco disso."

Sérgio Sade

Miéle e Arnaud: velhos MCs

frases

"Eu estava no palco com o Asia no Rio de Janeiro, em 1991, quando olhei para o público e havia um cara fazendo a saudação metaleira para mim. Olhei para ele e pensei: 'Meu Deus, é isso o que você pensa que sou? Isto não é digno para um sujeito de 42 anos'. A partir daí embarquei em uma missão diferente."
John Wetton, na revista inglesa Mojo

"A Glória Pires andava muito em busca de me encontrar. Ela tinha um encantamento por mim."
Djavan, modestamente faroleiro, na revista Playboy

Vedder
er que
e dane

Gammy/Latinary Press McMullan

"Estou vendo que vocês não se importam nem um pouco com a maneira como compraram seus ingressos. Estou aqui para dizer... também não estou nem aí"
Eddie Vedder, cantor do Pearl Jam, exorciza seu trauma com a Ticket Master em um show em Nova York, na revista americana Uncut

"Vou decepar suas mãos!"
***Ian Brown**, cantor inglês, a uma aeromoça, na agressão que lhe rendeu uma sentença de prisão*

"Você nunca vai me ver fingindo ser o que não sou, que nem um monte de gente. Não vai pegar o jornal e ler 'Zélia foi vista ontem com fulano'. Isso é hipocrisia"
***Zélia Duncan**, cantora, na revista* Domingo

"A não ser que nossos fãs gostem muito do próximo disco, sou capaz de voltar à faculdade para estudar Engenharia Civil. Tenho 36 anos e o rock é para jovens"
***Peter Steele**, cantor e baixista do Type O Negative, na revista inglesa* Kerrang!

"Obrigado, Curitiba!"
***Reinaldo**, cantor do grupo Terra Samba, ao encerrar um show em Porto Alegre*

George não resistiu a um almoço grátis

Sarah Azoon

Sem vergonha

George Michael abre o jogo sobre assuntos polêmicos

Farra no banheiro

Após almoçar no dia 7 de abril de 1998 no parque Will Rogers, em Los Angeles, George foi ao banheiro. Lá o policial à paisana Marcelo Rodriguez o provocou sexualmente, sendo prontamente bem recebido. "Ele era bem gostosinho e veio brandindo o pênis para mim. Eu não pude resistir a um almoço grátis", recorda o cantor, em entrevista à revista inglesa *Q*. Rodriguez saiu do banheiro e esperou George para algemá-lo e levá-lo preso por conduta indecente em lugar público. O namorado de George, Kenny Goss (um texano loiro e bronzeadíssimo), compreendeu. "Sou muito honesto no meu relacionamento. Já tivemos muitas discussões sobre quem sou eu", explicou George. Oito meses após o escândalo ele lançou *Ladies And Gentleman The Very Best Of George Michael*, CD duplo com seus maiores sucessos e três músicas inéditas, sendo "A Moment With You" dedicada ao policial Rodriguez.
O clipe tem George fardado e diversas referências a banheiros.

Homossexualidade

"Está certo que correr nu pela Oxford Street (uma das ruas mais movimentadas de Londres) cantando 'I Am What I Am' ainda seria uma maneira menos humilhante de assumir, mas quem ainda não sabia?", questiona. Até os 27 anos – está com 35 – George achava que era bissexual e transava com homens e mulheres, chegando ao cúmulo de namorar a atriz Brooke Shields quando ela era "a última virgem dos EUA". "A única vez em que entrei no quarto dela, a mãe e o guarda-costas apareceram gritando: 'Surpresa!' No dia seguinte disse a ela que não nos veríamos mais."

George pulou a cerca e acabou preso

Drogas

"Sou um homem da maconha, ocasionalmente do ecstasy. Gostaria de nunca ter experimentado ecstasy, para não saber o que estaria perdendo", diz o cantor, que gravou o disco *Older* sob os efeitos da cannabis. "Acendo um baseado ao final da faixa 'Spinning Of The Wheel'. Você ouve o isqueiro, a maconha queimando e eu tragando, depois começa a faixa seguinte. Mas não gosto de cantar sobre drogas, é muito chato", avalia.

Violinos e celos em família

São três irmãos, o pai e um primo. "O pai foi ensinando o que sabia pra gente", conta o caçula Lucas, 16 anos, voz e violino. "Usei meus filhos como cobaias", brinca José Carlos Lima. O disco, que tem de música clássica a MPB, veio depois de a **Família Lima** ter tocado em programas de TV como *Jô Soares* e *Domingão do Faustão*. "Nossos fãs também são uma família, com criancinhas, adolescentes e gente da terceira idade", fala Moisés, 20, violoncelo. O show, que indui efeitos de luz e vídeos, já foi apresentado em onze países, incluindo Estados Unidos, França, Suíça, Espanha e Portugal. "Foi difícil escolher as músicas para o disco por causa da variedade do repertório, mas depois de tantos shows já sabíamos de que o público mais gostava", explica Amon-Rá, 21, violinista. O segundo CD está no forno. "O Allen compõe todo dia", conta Lucas. O primo, de 26 anos, esbanja modéstia: "Apresento um esboço e todos dão palpites".

A Família Lima mistura clássico e popular

Mila Maciel

Túnel do tempo

Gwen Stefani, cantora do No Doubt, alargou os ombros e torneou as pernas quando, ainda morena, era da equipe de natação do colégio. "Fui nadar porque era gordinha", lembra Gwen. Deu certo.

A baleia que havia em Gwen foi extinta

Daniel Oliveira

Prince e Sisters Of Mercy estão no currículo de David Z

Marcelo Zamenhof

A marca do Z

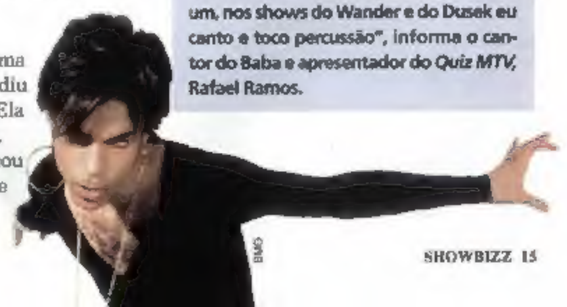
"Todos os grandes produtores brasileiros deveriam aprender com ele", rasga Dinho, do Capital Inicial, cujo disco *Atrás Dos Olhos* foi produzido por **David Z**. Este americano esteve presente em grandes momentos da história do pop mundial: foi parceiro do cantor de country rock Gram Parsons (ex-Byrds e Flying Burrito Brothers) – "Um gênio. Compôs parte de *Sticky Fingers*, dos Rolling Stones, e nunca recebeu crédito por isso", conta Z –, trabalhou com Neneh Cherry (a versão de "I've Got You Under My Skin"), Fine Young Cannibals (o maravilhoso disco *Raw & Cooked*, que rendeu a David o prêmio de Produtor do Ano de 1990, e um baixinho que já se chamou Prince. "Ele é gente fina, apenas faz tipo de esquisito", segreda. Elogiando o trabalho de seus pupilos do Capital Inicial – "são bons músicos, têm qualidade internacional" –, ele está em Londres trabalhando com o Smoke City – grupo de trip hop inglês, comandado pela cantora brasileira Nina Miranda. Confira abaixo a opinião de Mr. Z sobre seus trabalhos prediletos.

Jonny Lang – os álbuns *Lie To Me* e *Wander This World*
"É um dos maiores fenômenos da história da música. Este menino mora numa comunidade onde você anda quilômetros até topar com um cara de cor. Mas canta como se tivesse nascido no Mississippi e fosse criado por bluesmen!"

Fine Young Cannibals – "She Drives Me Crazy"
"São ótimos compositores, mas o vocalista *(Roland Gift)* ainda não se conscientizou de seu talento. Ele levou um bom tempo para acertar os vocais em falsete de 'She Drives Me Crazy'."

Sisters Of Mercy – "Temple Of Love"
"Eu juraria que eles eram vampiros. Fui ao encontro do *(cantor)* Andrew Eldritch na Dinamarca. Ele construiu seu estúdio num antigo açougue!"

Prince – "Kiss"
"Prince deu 'Kiss' para uma banda, mas na hora H pediu a fita de volta, dizendo: 'Ela é boa demais para vocês'. Depois a Warner encrencou com a faixa, achavam que não era dançante!"


BMG

notas

Careca voyeur

Stipe gosta de ver

Theo Kingma

O cantor **Michael Stipe**, do **R.E.M.**, não se cansa de ser esquisitão. Numa das únicas apresentações para promover o disco *Up* – só para a MTV e membros do fã-clube –, no Bowery Ballroom de Nova York, Stipe pegou um CD e falou: "Estamos oferecendo este disco à primeira pessoa que ficar totalmente nua. É sério". Algumas canções depois, como não obteve resposta, voltou à carga: "Gostaria de encorajar todos na MTVlândia a tirar a roupa na frente de seus pais. Digam a eles o que vocês realmente pensam!". Ninguém arriscou um strip-tease.

Loucura na Austrália

Daniel maluco

Em vias de lançar disco novo, o trio australiano **Silverchair** investiu numa dobradinha inusitada: convidou o pianista maluquinho **David Helfgott** (biografado no filme *Shine – Brilhante*) para tocar na canção "Emotion Sickness". "Depois de aprontarmos a música, concluímos que ela precisava de um piano maluco", conta o cantor e guitarrista Daniel Johns, que para o desespero do fã-clube feminino cortou o cabelo. Além de Helfgott, "Emotion Sickness" tem um arranjo de cordas.

A união faz o show

Roqueiros de três gerações estão unidos em shows eletroacústicos, que já foram apresentados em São Paulo e no Rio. Os moleques do Baba Cósmica trabalham como banda de apoio do baladeiro punk Wander Wildner e do debochado Eduardo Dusek. "São cinco músicas para cada um, nos shows do Wander e do Dusek eu canto e toco percussão", informa o cantor do Baba e apresentador do *Quiz MTV*, Rafael Ramos.

Golfadas de glamour

Vingança dos montados: o Duran sobreviveu

Simon Fowler (LF)

Agora pode ser dito: Simon Le Bon ficou enjoado e vomitou baldes naquele iate maravilhoso onde o Duran Duran filmou o clipe de "Rio". Com o glamour do *new romantic* devidamente fichado nas prateleiras da História, etiquetado e revendido em coletâneas, turnês de reunião e fervidas noites em clubes de Londres e Nova York, segredos como esse vêm sendo revelados. O Primeiro Mundo percebe que os anos 80 não foram "a década que o bom gosto esqueceu" e agora não se cansa de lembrar, divertidíssimo, o pop inglês da era pré-britpop. "Não dava para ser a maior banda do mundo o tempo todo, é preciso dar um tempinho de vez em quando para retocar o batom", brinca Nick Rhodes, tecladista do revalorizado Duran Duran, explicando as oscilações de popularidade do grupo.

Viagens com volta e sem volta

	A Flock Of Seagulls	Spandau Ballet
Hits	"Transfer Affection" (tema do comercial dos cigarros Califórnia, em 1984) e "Wishing (If I Had A Photograph Of You)"	"True" (reciclado pelo PM Dawn em 1992, em "Set Adrift On A Memory Bliss")
Revisão histórica	A mais ridícula franjinha da história do pop, ostentada por Mike Score, tem até mito de origem. "Certa noite, antes do show, eu estava fazendo o cabelo e o Frank *(Maudsley, baixista)*, impaciente, me deu um tapa na testa. Só percebi que o topete tinha baixado no meio do show..."	"Sim, o *new romantic* começou no clube Blitz, em Londres, onde Boy George era balconista. Mas as pessoas falam isso e imaginam um bando de efeminados falando em arte e literatura. P*** nenhuma! O Blitz era um monte de doidões querendo arrumar mulher", lembra o cantor Tony Hadley.
Parou por quê?	"Nos envolvemos pesado com cocaína. Um de nós perdeu o controle e Roma pegou fogo!"	"Nunca cheirei e sou casado desde os 19 anos. O que acabou com a banda foram as brigas por dinheiro. Eu e Gary *(Kemp, guitarrista, que atuou em* O Guarda-Costas*)* não nos bicamos", prossegue Hadley.
Situação atual	Reunida, a banda gravou uma cover de "This Used To Be My Playground", de Madonna	"Não, o Spandau Ballet não vai voltar, não no próximo milhão de anos!", grita Hadley, que sonhou ser o Frank Sinatra dos anos 80 e hoje tem carreira solo malsucedida.

Tony Hadley *(no alto, à esq.)*: "O dinheiro matou o Spandau"

A Flock Of Seagulls: Mike Score e o da franja maior

Reprodução

Gamma Rapaz / Sygma

O baterista Jon Moss *(no círculo)* morava no coração de Boy George

Baquetas inspiradoras

Campeão em babados ridículos, Nick Rhodes, do Duran Duran, só perdia em androginia para Boy George, atualmente em altíssima. Após doze anos separado, seu antigo grupo **Culture Club** se reuniu e faz uma vitoriosa turnê pelos EUA levando a tiracolo os também ressuscitados Human League e o ABC. George mais o baterista (e seu ex-namorado) Jon Moss, o guitarrista Roy Hay e o baixista Mikey Craig têm lotado casas com mais de 10 mil pessoas. O relacionamento de George e Jon, outrora obsessivo, não é mais problema. "Estou com outro cara há onze anos e às vezes penso o que foi que vi no Jon. Na verdade nunca fomos íntimos, só nos aproximávamos para transar", revela Boy. O conturbado namoro gerou algumas das melhores letras de George, como "Do You Really Want To Hurt Me", e a balada "Victims".

Phil Oakey *(de franjão)* e o Human League: de volta

London Features

Espada andrógino

Em 1981/82, "Don't You Want Me", do grupo inglês **Human League**, fez o planeta se apaixonar definitivamente pelo tecnopop. Hoje, alguns hits e vários anos depois, a trupe liderada por Phil Oakey continua fazendo multidões dançarem. No fim de dezembro, terminou a excursão com o Culture Club e o ABC (grupo inglês que cravou outra jóia perfeita do pop dos anos 80, "The Look Of Love" – nada a ver com a canção de Burt Bacharach), em grande estilo, no estádio de Wembley, em Londres.

Nascido em Sheffield, como os rapazes do filme *Ou Tudo Ou Nada (The Full Monty)* e apaixonado pelo rock glam de David Bowie e Roxy Music, Phil pirou depois que ouviu a trilha de *Laranja Mecânica*, tocada pelo rei do órgão Moog, Walter Carlos. Não fez como o músico, que trocou de sexo e hoje atende por Wendy Carlos, mas passou um batom e foi à luta: tomou o poder dentro do Human League e, no começo da década passada, transformou o que era um grupo eletrônico-cabeça em sucesso mundial. "É impressionante como até hoje me vêem como gay nos EUA", ri ele, que, ao contrário das aparências, é aquilo que o escritor Rubem Fonseca e o humorista Hubert chamam de "espada".

Onde foi dar o tal do tecnopop?

Ultravox

Midge (no centro): está só

Lançou seu último disco em 1993, sem o líder Midge Ure *(autor de "Do They Know It's Christmas?")*. Ure, 45 anos, segue carreira *low profile* e mora em Bath, Inglaterra, sozinho com dois gatos, um cachorro, dois coelhos e um pônei.

Kajagoogoo

Limahl (de vermelho)

Teve um hit em 1984, "Too Shy", e afundou depois da saída do cantor Limahl, que estourou "The Never Ending Story" e hoje tem estúdio. O baixista Nick Beggs é executivo de gravadora.

Frankie Goes To Hollywood

O grupo do hit gay "Relax" acabou em 1987. O cantor Holly Johnson é portador do vírus HIV.

A-ha

A-ha: breve reunião

Fez um show extraordinário de reunião na noite de entrega do Prêmio Nobel, mês passado, em Oslo, na Noruega. O cantor Morten Harket, pai de três filhos, divorciado e recentemente descartado pela namorada Lene (cantora-e-barbie do grupo dinamarquês Aqua), tem vários projetos: colaborou com o duo eletrônico sueco Boolabass, está envolvido com um musical baseado em *O Mundo de Sofia*, e vai gravar seu quarto disco solo.

Enquanto isso...

Stuart Adamson *(o segundo)* vive no pub

Big Country

Em 1983, a crítica brasileira dizia que Duran Duran e Culture Club iriam a pique em dois anos – e que este grupo escocês mudaria o mundo. O líder Stuart Adamson hoje é figura fácil no pub de sua mãe, em Dumferline. Segundo a revista inglesa *Loaded*, o barman local avisa: "Nem queira saber o que esse cara faz hoje em dia..."

Steven Tyler (à frente) torceu o joelho e Joey Kramer (bateria) se queimou todo, mas tudo vai bem

OS INDESTRUTÍVEIS

Explosões, acidentes, problemas de saúde, brigas, baladões... Nenhuma desgraça é capaz de deter o Aerosmith

por Daniel Oliveira

Joe Perry e Steven Tyler, há quase trinta anos a dupla de ataque do Aerosmith

O quinteto completo: Joe, Brad, Steven, Joey e Tom, em 1998

Sucesso e decadência, drogas e álcool, riqueza e falência boatos com e sem fundo de verdade, brigas e reconciliações. Steven Tyler e Joe Perry. A dupla de ataque do Aerosmith já viveu todos os clichês do mundo do rock. Em 1998, o grupo entrou na trilha sonora do filme *Armageddon*, que incluiu "I Don't Want To Miss A Thing", sua primeira canção a atingir o número 1 na parada americana. Nesse meio tempo, Steven precisou de cirurgia após romper os ligamentos do joelho num show no Alasca e o baterista Joey Kramer tratou de queimaduras de segundo grau depois que sua Ferrari pegou fogo num posto de gasolina. Esses acidentes interromperam a turnê de *Nine Lives*, um disco gravado duas vezes (foi rejeitado pela companhia inicialmente), durante uma briga com o empresário Tim Collins – que acabou demitido – e que no início, não contou com Joey numa crise de depressão. As visitas a clínicas de reabilitação (verdadeiras e fictícias) já foram tantas que deixaram de ser notícia. Independentemente de todas as desgraças, o quinteto (completo com o guitarrista Brad Whitford e o baixista Tom Hamilton) celebrou sua carreira no disco ao vivo *A Little South Of Sanity* – um CD duplo de 23 músicas gravado durante as turnês *Get A Grip* (1993) e *Nine Lives* (1997). Não há vírus que destrua o filho mais famoso de Steven Tyler e Joe Perry.

O Aerosmith é um dos poucos grupos dos anos 70 a conquistar até hoje o público jovem. A que você atribui isso?
JOE PERRY: Batalhamos para colocar nossas músicas nas rádios. Os grupos antigos em geral desistem facilmente: se eles estivessem no rádio conquistariam também os jovens. Não podemos ter medo de fugir de nosso estilo musical e tentar coisas novas.

O que você acha de algumas das atuais correntes do rock americano, como os grupos alternativos (como Matchbox 20), industriais (Rob Zombie) e influenciados por hip hop (Rage Against The Machine)? Qual o papel do Aerosmith nessa história?
Adoro Rob Zombie e Rage Against The Machine, pela simplicidade das canções. Nós temos um público fiel, porque estamos na ativa há muito tempo. Após alguns anos de carreira, o mesmo deve acontecer com esses artistas mais novos.

"NUNCA ME INTERESSEI POR TIETES. COMPENSEI COM AS DROGAS E O ROCK'N'ROLL. ME DIVERTI MUITO, MAS ISSO É COISA DO PASSADO"

"I Don't Want To Miss A Thing" se tornou um dos maiores hits do grupo. É frustrante estourar com uma balada quando a base de seu estilo são as guitarras pesadas?
Não, porque isso sempre aconteceu. Até mesmo em 1973, quando lançamos nosso primeiro disco, "Dream On" foi a música que entrou nas rádios. As coisas não mudaram. É difícil para um grupo de guitarras ter músicas no top 40. Se você ficar dizendo: "Só farei músicas com guitarras barulhentas", seu grupo não entrará nas rádios. É ainda mais difícil para o Aerosmith porque somos mais velhos. Se um grupo jovem tivesse lançado *Nine Lives*, as canções entrariam na rádio, tenho certeza. É uma vergonha, mas esta é a natureza dos negócios.

Diane Warren, que já trabalhou com artistas pop como Celine Dion, Toni Braxton e Ace Of Base, é a compositora de "I Don't Want To Miss A Thing". Vocês tiveram problemas para gravar uma canção dela?
Não, e por isso colocamos uma música no topo das paradas! Ela não compõe nada no estilo de "Livin' On The Edge" – isso nós fazemos bem. Sei que outros grupos não tocariam "I Don't Want To Miss A Thing" só porque Diane Warren a compôs. Não vejo como essa música pode prejudicar o grupo. A gamtada vai aos nossos shows por causa dela e acaba ouvindo a pancada de "Nine Lives", por exemplo. É por ter mentes fechadas que alguns grupos não expandem seu público.

Vocês são músicos experientes. Por que a decisão de trabalhar com outros compositores?
Para renovar nosso estilo musical. Trabalhamos também com Glen Ballard *(que já produziu Alanis Morissette e Van Halen)*, e Richie Supa *(que fornecia drogas ao Aerosmith nos anos 70)*. Eu e Steven compomos juntos há tanto tempo que é legal ouvir alguém como Desmond Child *(Kiss e Bon Jovi)*.

Desde *Nine Lives* até a turnê americana vocês enfrentaram problemas como a depressão e o acidente de Joey, a briga com um empresário, a visita a um centro de reabilitação e a cirurgia de Steven. Faltou sorte?
Nem um pouco, somos bastante sortudos. Outro dia mesmo Steven disse: "Cara, temos que agradecer por não estarmos em coma por causa das drogas". Esses problemas são bobagens. Coisas muito piores poderiam acontecer. Acreditamos muito na força de Deus. Steven machucou o joelho, mas gravamos "I Don't Want To Miss A Thing". Durante o período de verão em que não pudemos excursionar por causa da cirurgia, tivemos uma música em primeiro lugar nas paradas!

Você e Steven são os membros do Aerosmith com mais destaque. Brad, Tom e Joey ficam chateados com isso?
Essa situação é como uma faca de dois gumes. Recebemos mais atenção, mas é mais difícil sair nas ruas. Todos sabem que fazem um bom trabalho no grupo e não ficam chateados. O engraçado é que algumas revistas se recusam a fazer reportagens com o Aerosmith se as entrevistas não forem comigo ou com Steven. Acho que isso acontece porque somos os compositores principais.

A autobiografia *Walk This Way* revela abertamente as experiências do grupo com as drogas. Qual foi a maior loucura que você já fez?
É difícil falar de apenas uma situação. Sempre houve altos e baixos. Eu gostava da sensação provocada pelas drogas. Minha filosofia é que sempre há um preço a se pagar, não se pode ficar bêbado sem ter uma ressaca. Sempre que eu ficava mal por causa das drogas, eu sabia o motivo. Me diverti com as fastunhas, mas minha vida ficou uma porcaria.

Seguindo a aeroestrada

Quem regravou músicas do Aerosmith

Guns N' Roses – O quinteto liderado por Axl Rose gravou ao vivo a canção "Mama Kin" no disco *Live Like a Suicide*, de 1986.

R.E.M. – A gravação do disco "Toys In The Attic" pode ser encontrada em dois discos de sobras e lados B do grupo americano: *Dead Letter Office*, de 1987 (que traz uma observação do guitarrista Peter Buck: "Se você cresceu nos anos 70, você gostava de Aerosmith"), e *R.E.M. In The Attic*, que saiu em 1996.

Run-DMC – A dupla americana mostrou-se pioneira na fusão de rap e guitarras ao regravar, com Steven Tyler e Joe Perry, "Walk This Way", no disco *Raising Hell*, lançado em 1986.

The Mission – O quarteto gótico inglês, dissidência do Sisters Of Mercy – de sucesso cult "Severina" –, registrou uma versão da balada "Dream On" em seu segundo disco, *Children*, de 1987.

Testament – "Nobody's Fault", do álbum *Rocks*, foi a escolhida pelo grupo de segunda divisão do thrash californiano, no disco *The New Order*, de 1988.

Lobão – Um dos discos mais polêmicos do ex-baterista da Blitz, *O Rock Errou*, de 1986, tem uma versão para "Seasons Of Wither" chamada "Moonlight Paranóia", feita por Lobão, Bernardo Vilhena e Júlio Barroso.

Yahoo – O grupo liderado por Robertinho de Recife no final da década de 80 fez sucesso com "Anjo", uma versão animada mais melosa para a balada "Angel".

"É PRECISO BRIGAR PARA ENTRAR NO TOP 10. NÃO PODEMOS TER MEDO DE FUGIR DE NOSSO ESTILO MUSICAL E TENTAR COISAS NOVAS"

O livro cobriu tudo ou deixou alguns fatos de fora?
Para cada situação descrita no livro aconteceram umas cinco outras parecidas! Quisemos dar uma idéia geral do que se passava na época. Era raro encontrar alguém que não bebesse ou usasse drogas. Já li diversas biografias de bandas e todas eram meio monotonas, não faziam coisas legais. Me senti rebaixado como fã e pensei: "Se escrevermos o nosso livro, faremos direito".

Agora que você é um músico mais amadurecido, os velhos tempos de "sexo, drogas e rock'n'roll" dão saudades?
Na verdade sempre estive casado ou com uma namorada. Exa. Nunca me interessei por tietes, mas compensei com as drogas e o rock'n'roll. Eu jamais teria uma vida legal agora se ainda estivesse envolvido com as drogas. Portanto, não sinto a mínima falta delas. Me diverti muito, mas tudo isso é coisa do passado.

Por que você saiu do grupo em 1979?
Eu estava talhado e me sugeriram que gravasse um disco solo para levantar uma grana. Estávamos com problemas para terminar o disco *Night In The Ruts*, as músicas estavam prontas, mas não conseguíamos finalizar as gravações. Voltei então para Boston e compus *Let The Music Do The Talking*. E, como também não confiava no empresário, me distanciei do Aerosmith.

O que você acha do disco *Rock In A Hard Place*, gravado com os guitarristas Jimmy Crespo e Rick Dufay, que substituíram a você e Brad Whitford?
É legal, mas não acho que o Aerosmith seria tão famoso hoje se ainda estivesse com aquela formação. Há uma energia muito forte entre os integrantes originais de um grupo, que também não consegui alcançar em meus discos solo.

Você concorda que a música "Walk This Way", tocada com o Run-DMC, ajudou o Aerosmith a ressurgir nos Estados Unidos nos anos 80?
Não fez muita diferença, porque tínhamos gravado o disco *Permanent Vacation* de qualquer maneira. Mas na Europa "Walk This Way" ajudou muito. Ninguém nos conhecia lá até a união com o Run-DMC.

No Brasil, o grupo só estourou mesmo com o disco *Get A Grip*.
Pois é, as coisas são diferentes ao redor do mundo. Nos EUA, a música "Get A Grip" chamou a atenção das pessoas mais por causa do videoclipe, que foi um marco em nossa carreira.

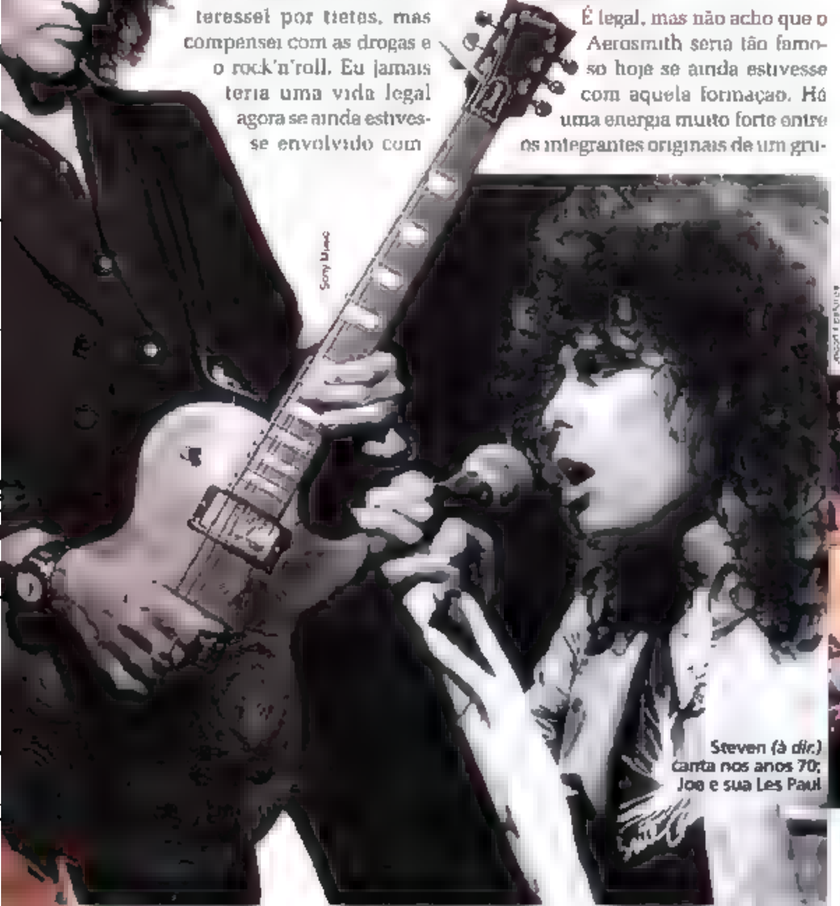
Você tem 48 anos. A idade influencia seus compromissos de turnê, gravação e promoção?
Se quisermos nos manter no topo, precisamos fazer como quando éramos jovens. Algumas pessoas me perguntam: "Vocês ainda estão nessa, dão entrevistas?". Claro que sim! E por isso que estamos aqui hoje, e as coisas são até fáceis! Podemos escolher quando e com quem desejamos trabalhar. Anos atrás não dávamos tantas entrevistas quanto hoje, mas fazíamos o triplo de shows.

A quantas anda o próximo disco do Aerosmith?
Começaremos a compor em fevereiro, depois partimos para uma turnê de uns dois meses, damos uma parada, no segundo semestre retomamos as gravações e o disco sai em seguida.

Quando vocês tocarão no Brasil novamente?
É difícil dizer agora. Sempre que arrumamos um tempinho para ir à América do Sul nos dizem que os festivais foram cancelados. Estamos ansiosos para retornar, nos divertimos muito no Brasil.

Os leitores da SHOWBIZZ o elegeram como melhor guitarrista e o Aerosmith como melhor grupo. Você gostaria de lhes dizer algo?
(Animado) Pô, fico satisfeito de ter causado esta impressão! Apenas toco o que as músicas pedem e me divirto com isso. Esta votação significa que as pessoas estão me ouvindo e agradeço muito a elas.

Qual é sua melhor lembrança da turnê no Brasil, em 1994?
Passamos um dia em uma praia carioca, a aproximadamente uma hora de Ipanema, cheia de restaurantes e de bancos na rua. As pessoas faziam tagostas na chapa e um cara levava os visitantes em passeios de ultraleve. Era um local relaxante, as pessoas eram amugáveis e havia um churrasco fantástico. Foi uma das melhores festas da minha vida.


Steven (à dir.) canta nos anos 70; Joe e sua Les Paul

Run-DMC: pioneiros na mistura de rap e rock, com "Walk This Way"

A Little South Of Sanity faixa a faixa

"Eat The Rich" (do disco *Get A Grip*) - "Trabalhei sob o luar quatro dias seguidos", *Steven Tyler*

"Love In An Elevator" (*Pump*) - "Eu estava numa piscina de hotel com garotas e resolvemos subir para a suíte. No elevador uma delas abriu o roupão e outra apertou todos os botões. A porta abriu em pleno lobby", *Steven*

"Falling In Love (Is Hard On The Knees)" (*Nine Lives*) - "Glen Ballard colaborou na canção. Ele vem do sul dos EUA e é influenciado pelo blues do Mississippi", *Joe*

"Same Old Song And Dance" (*Get Your Wings*) - "A gente tocava esta música há vinte [illegible] ela ao vivo!", *Tom Hamilton*

"Hole In My Soul" (*Nine Lives*) - "Um exemplo da música de dois refrãos", *Joe*

"Monkey On My Back" (*Pump*) - "Quando ouvi a mixagem, estava no carro com Steven e meu cabelo foi puxado pelo vento. Ainda tenho essa sensação quando ouço a música", *Tom*

"Livin' On The Edge" (*Get A Grip*) - "Fala das loucuras por que passamos em turnê", *Steven*

"Cryin'" (*Get A Grip*) - "Escrevi a letra de noite pro dia, passei cinco meses mudando-a, mas acabei usando a original", *Steven*

"Rag Doll" (*Permanent Vacation*) - "Uma [illegible] [illegible]", *Steven*

[illegible] (*Permanent Vacation*) - "[illegible] [illegible] [illegible] [

O visionario Gorduriinha

Nos anos 30, um baiano de tiradas geniais antecipou o Tropicalismo e o manguebit; três décadas depois de sua morte, o Brasil começa a reverenciá-lo como ele merece

Na noite de 31 de março de 1964, quando as tropas do general Olympio Mourão partiram de Belo Horizonte para o Rio, muita gente não acreditava que estivesse a caminho um regime militar que condenaria o Brasil a mais de vinte anos de ditadura. O sempre bem-humorado compositor, cantor, comediante e homem de rádio Waldeck Arthur de Macedo (apelidado Gordurinha por sua extrema magreza na juventude) estava entre os que previam consequências desastrosas para aquele levante.

Em casa, no município fluminense de Nova Iguaçu, avisou a mulher Eloide, e a enteada Evelyn, num tom muito distante do brucalhão que todos festejavam: "A coisa vai ficar feia. Preciso ir à Radio Mayrink Veiga e dar um fim no livro dos treze. Vocês rasguem tudo o que possa me comprometer. Vou sumir por uns tempos". "Baiano Burro Nasce Morto", como ele mesmo compôs (a letra metralha: "O pau que nasce torto/ Não tem jeito, morre torto/ Baiano burro, te garanto, nasce morto").

"ELE DETESTAVA CHICLETE"

"Nos acostumamos a ouvi-lo dizer que ia ali na esquina e passar semanas fora de casa. Quando finalmente aparecia, minha mãe dava bronca e ele dizia na maior calma: 'Puxa, Eloide está nervosa'. Naquele dia sentimos que não era desculpa para a boemia. Desconfiávamos de sua ligação com grupos de esquerda, mas nunca soubemos o nível do envolvimento. Levou meses para voltar, sujo e maltratado, com a mesma roupa no corpo. Fizemos o que ele mandou, rasgamos tudo, até uma foto dele tocando violão para o João Goulart e o *(Leonel)* Brizola", lembra Evelyn Warthon, ex-chacrete, hoje vivendo ao lado da mãe, Eloide e de João Pedro, 8 anos, neto de Gordurinha e a cara do avô, na praia de Mauá, distrito de Magé, Rio de Janeiro. Até hoje o tal "livro dos treze" é um mistério. E.e não gostava de falar sobre o assunto, eu também não queria saber", cala Dona Eloide, 77 anos.

Ela conheceu Gordurinha no Recife quando ele apresentava um programa humorístico na Rádio Tamandaré. Na época, era casada com o diretor da rádio, João Silvino (pai de Evelyn e Edna). Assim que enviuvou, porém, casou com o rapaz magro e asmático, que circulava pelos bares da cidade com o poeta Ascenso Ferreira, o cantor Genival Lacerda e o ex-técnico de futebol Gentil Cardoso. "Tivemos duas filhas gêmeas, Marileide e Mariloide. Nos anos 50, a música nordestina atravessava um bom momento, com o Jackson do Pandeiro e o Luiz Gonzaga, e mudamos para o Rio. Ensinei ele a vestir paletó, a lazer as unhas, a parar de usar gumex", conta, orgulhosa, a viúva.

Certo dia, a caminho da praia da Urca, Gordurinha começou a inventar um baião que falava em chiclete. "Ele detestava chiclete e implicava com tudo que era americano. Eu disse: 'Grave como mambo, está na moda' ", lembra Eloide. Foi o que ele fez, em seu primeiro LP, lançado pela Continental em 1958. Deu certo: "Chiclete Com Banana", creditado a Gordurinha e Almira Castilho (então mulher e parceira de Jackson do Pandeiro), veio a ser grande sucesso.

"Só ponho bebop no meu samba quando o Tio Sam tocar no tamborim", condicionava a letra, antes de arrematar, antropofágica: "Quero ver o Tio Sam, de frigideira, numa batucada brasileira". Era tudo o que os meninos Gilberto Gil e Caetano Veloso, na época ainda descobrindo João Gilberto, viriam a amarrar mais tarde no Tropicalismo.

Vendedor De Caranguejo", gravado inicialmente pelo próprio Gordurinha, depois por Clara Nunes, em 1974, e por Gil, em 1997, poderia muito bem ser um manifesto da geração mangue de Chico Science e Fred 04. "Caranguejo-uçá, apanho ele na lama e boto no meu caçuá. ▶

Elba gravou "Pau-De-Arara E A Vovozinha"

Gilberto Gil queria que Chico Science gravasse Gordurinha

Clara Nunes gravou "Vendedor De Caranguejo" em 1974

Revolucionário antes dos revolucionários

Arquivo Pessoal

Morreu cedo, em 1969, aos 46 anos, mas seu humor anarquista e sarcástico prenunciou até Raul Seixas

caranguejo tem gordo guaiamum, cada corda de dez eu dou mais um". Não foi por acaso que, antes de incluir a música, em *Quanta* (de 1997), Gilberto Gil a mostrou para Chico Science. "Eu queria que ele tivesse gravado."

"Até hoje rezo toda noite um pai-nosso para meus três grandes mestres: Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Gordurinha", diz o cantor Genival Lacerda realçando a importância de seu velho amigo. "Ele me chamava de 'cobra do norte', que acabou virando título de um de meus discos", lembra.

Jards Macalé, que gravou duas de suas composições, "Mambo Da Cantareira" e 'Orora Analfabeta", no antológico LP *Aprender A Nadar* (de 1974), acredita que, além de visionário, Gordurinha era um anarquista. "Seu humor propunha uma revisão dos valores e das relações sociais. Num país analfabetíssimo, uma música como 'Orora...' prega uma peça nas elites." Esse anarquismo inspirou Macalé a protagonizar a mais sensacional performance de lançamento de disco – o próprio *Aprendendo A Nadar* – no Brasil. "Pulei da barca Rio–Niterói, ao som do 'Mambo' nos alto-falantes".

Almira, hoje morando no Recife, tem lembranças poéticas do compositor: "Ele nos visitava quase toda a semana. Levava o violão, cantávamos a tarde inteira. Ele ia pra frente da gaiola e ficava tocando violão pros passarinhos". Esse mesmo sujeito, porém, ia fundo na crítica social, como provam os versos de "Meu Enxoval" (outra parceria com Almira), que fala de um retirante que dorme coberto por jornais. "Eu vou ficando, dormindo aqui na porta do Municipal, com 4 mil réis eu faço um enxoval. *Diário da Noite* e *Ultima Hora*".

"Ele tinha um humor sarcástico, inteligente, inovador para a época. Não sei se teria espaço na televisão débil mental de hoje em dia", duvida Juca Chaves, que foi, junto com Chico Anysio, seu colega no programa *Boate Do Ali Babá*, na TV Rio. "Na Rádio Arcoverde, em Pernambuco, Gordurinha era anunciado como o homem do raciocínio rápido", lembra o ex-radialista Severino Dadá, hoje montador de cinema.

DISCO-TRIBUTO NA BAHIA

"Só mesmo vendo como é que dói trabalhar em Madureira, viajar na Cantareira e morar em Niterói", diz o "Mambo da Cantareira". "Orora Analfabeta" era "uma dona boa lá de Cascadura". "Tô Doido Pra Ficar Maluco" *(veja letra na página ao lado)* brinca com o antigo hospício de Jacarepaguá. O retirante de "Não Sou Mais Pau-De-Arara" aluga um apartamento no Leblon e o operário de "LBO" mora num barraco em Belford Roxo. Em "Festival De Bolachada", o inocente sai da delegacia e vai a pé pra casa em Bangu. Em sambas, baiões, mambos, cocos, Gordurinha cantou o Rio como poucos cariocas.

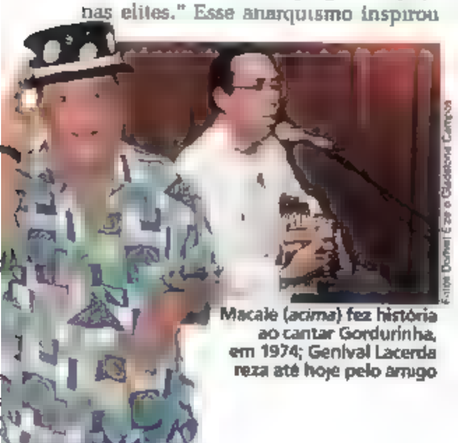
Mas é a Bahia que homenageia o compositor com um disco, previsto para maio, ano em que se completam trinta anos sem o compositor, morto em 16 de janeiro de 1969. O projeto é coordenado pelo produtor Roberto Santana – o homem que apresentou Gilberto Gil a Caetano Veloso – e tem o apoio da Secretaria de Cultura de Salvador. Roberto pretende convocar novos artistas baianos, como o grupo Confraria Da Bazófia, para interpretar canções de Gordurinha. "Tem gente que nem sabe que ele nasceu em Salvador, no bairro da Saúde. Suas músicas são atualíssimas e merecem reconhecimento", defende.

HOMENAGEM EM SHOW NO RIO

Elba Ramalho, que ano passado gravou a excelente "Pau-De-Arara É A Vovozinha", no álbum *Flor Da Pamília*, é outra voz em defesa da memória do compositor. "Meu pai, que era músico, me ensinou a gostar de seus cocos, forrós e sambas. Ele tinha tiradas sensacionais e dividia muito bem os versos".

Atualmente o cavaquinista carioca Eduardo Galotti, 34 anos, produz um show – e sonha em lançar um disco – exclusivamente dedicado ao autor de "Calouro Temoso" e "O Mando Da Vedete", dois "sucessos" de Gordurinha no circuito de rodas de samba do Rio. "Se um cara hoje quiser conhecer Gordurinha, faz como? Nos museus e nas bibliotecas, não se encontra nada. Só procurando feito um louco se acha disco dele nos sebos", indigna-se Galot.

Enquanto a obra (uma edição em CD saiu em 1994, pela Continental, mas está esgotada) não é relançada, os curiosos aguardam. Como Dona Eloide esperava. A última vez que Gordurinha saiu de casa, levou três anos e meio pra voltar. Metido com outra mulher, foi para Recife. Reapareceu no dia 2 de janeiro de 1969, atacado pela asma que o maltratou toda a vida. Tinha se viciado em injeções de adrenalina, que ele mesmo aplicava na tentativa de aliviar as crises. Quatorze dias depois, aplicou a última dose. "Ele pediu: 'Eloide, traga minha injeção'. Minutos depois, caiu duro, fulminado por um infarto", lembra a viúva. Morria de overdose Gordurinha, um herói da música brasileira.



Acervo Dorinha Egito e Gladstone Campos

Macalé (*acima*) fez história ao cantar Gordurinha, em 1974; Genival Lacerda reza até hoje pelo amigo

Pérolas esquecidas

LBO

(Gordurinha)

Mas é que eu sou trabalhador
Moro em Belford Roxo
Numa vila, num barraco sem tramela

Pago no fim do mês
Dois contos e quinhentos de aluguel
Ao português seu Manuel
Eu ganho cinco contos de salário
Nem precisa dizer que eu sou operário

Trabalho sem pudor
Ando atolado até o pescoço
Estou todo bombardeado
Eu pago IAPI, IAPET, IAPETEC, IAPETUC

Meu patrão é cheio de truque
Agora vem dizendo
Que eu tenho que pagar até o LBO
Procurei o advogado lá no sindicato do doutor Macário
Fiquei sabendo que o LBO significa:
"Limpa o bolso do otário"

"Tô Doido Pra Ficar Maluco"

(Rodrigues da Silva/Ataíde Pereira)

Estou doido pra ficar maluco
Estou doidinho mesmo pra ficar maluco
Tenho calo na memória, tirei curso de caduco
Sou um matusquela que chegou de Pernambuco
Alô alô Jacarepaguá, voluntariamente vou me apresentar
Alô alô Jacarepaguá, guarda o meu cantinho, que eu já vou pra lá
Lá na Colombo eu fiz uma confusão
Pedi água sanitária e sanduíche de sabão
Mexi o cafezinho com o cabo de vassoura
Mandei somar na conta com pedaço de [redacted]
Trabalho atualmente numa fábrica de areia
Me deito às quatro horas e levanto às três e meia
Sou telefonista, só atendo quando quero
Zero mil zerocentos e zerenta e zero

Gordurinha, já fazendo jus ao apelido, gravou o rock "Estou Doido Pra Ficar Maluco"

KISS LTDA.

Os mascarados faturam como nunca vendendo aos fãs o que eles querem: produtos com a marca da banda, declarações arrogantes e rock'n'roll descomplicado

por Daniel Oliveira, de Los Angeles

80 milhões de discos vendidos

Eles podem ser chamados de repetitivos, apelativos ou inconsistentes, mas o troféu de artista que melhor inventa maneiras de faturar não pode ser tirado de Gene Simmons, Paul Stanley, Ace Frehley e Peter Criss, conhecidos coletivamente como Kiss. Depois de protagonizar um dos mais importantes fatos da década no campo da música – ao reaparecer com a formação original e a maquiagem que os consagraram nos anos 70 – e estrelar a turnê mais rentável do biênio 1996-97, o quarteto gravou um CD de músicas inéditas, *Psycho Circus*, e iniciou nova excursão (sempre com ingressos pelo menos 50% mais caros do que o habitual), que deve encher estádios ao redor do mundo por catorze meses. Isso além dos CDs remasterizados, vídeos, bonecos, revistas em quadrinhos, um carro personalizado de 75 mil dólares e uma camiseta que toca a melodia de "Rock And Roll All Nite"

"Que ninguém saia até a noite terminar/ as caixas começam a soar/ o carnaval acabou de começar", o guitarrista e cantor Paul Stanley desfia em "Psycho Circus", faixa-título do novo disco do Kiss. Nada de letras politizadas ou instrumentais complexos, só guitarras, baixo e bateria. Desde 1972, quando se formou em Nova York na esteira do movimento glam, que enfatizava tanto o espetáculo visual quanto a música, é assim. Ao longo dos anos o grupo foi trocando guitarristas e bateristas – apenas Simmons e Stanley permaneceram todo o tempo –, acumulando sucessos de diferentes magnitudes e sempre chamando a atenção (em geral, positiva) dos fãs e (normalmente, negativa), da mídia. Há dois anos a insistência do público para a volta da formação original – que se dissolveu no início dos anos 80 – obteve resultados. Gene e Paul se acertaram com Ace e Peter e tocaram juntos novamente no fim de um show *unplugged* para a MTV. "Eles estão sóbrios e limpos, e por isso puderam voltar ao grupo", explica Gene. O quarteto lançou recentemente *Psycho Circus* com uma grande estratégia de marketing e já está na estrada, fazendo os primeiros shows na história da música com tecnologia 3D

Vocês costumam dizer à imprensa que o Kiss é o maior grupo de rock'n'roll do mundo. Por que não adotam uma postura mais humilde?

Paul Stanley - Porque uma entrevista deve ser divertida. A maioria das coisas que as bandas falam por aí me deixa com sono. Esses artistas com idéias sérias são uns bobos. O que é melhor: as pessoas que acham que falam algo importante ou as pessoas que fazem uma entrevista divertida? Vamos encarar o fato – estamos em bandas de rock'n'roll! O cara que dá uma entrevista se achando o presidente dos Estados Unidos é mais cômico que qualquer outra pessoa.

Tendo vendido mais de 80 milhões de álbuns nesses 25 anos de carreira, o Kiss só perde para os Beatles em quantidade de discos de ouro e platina. Você acha que algum dia será possível superá-los nesse recorde?

Só o fato de estarmos ao lado deles já é uma honra. Não acho que possamos superá-los, porque sempre serão lançadas coletâneas e coisas do tipo. Normalmente as pessoas são julgadas por essas comparações, e esta não poderia ser mais vantajosa para nós!

Na turnê de *Psycho Circus* os fãs recebem óculos especiais nos shows para um efeito 3D nos telões do palco. Como surgiu essa idéia?

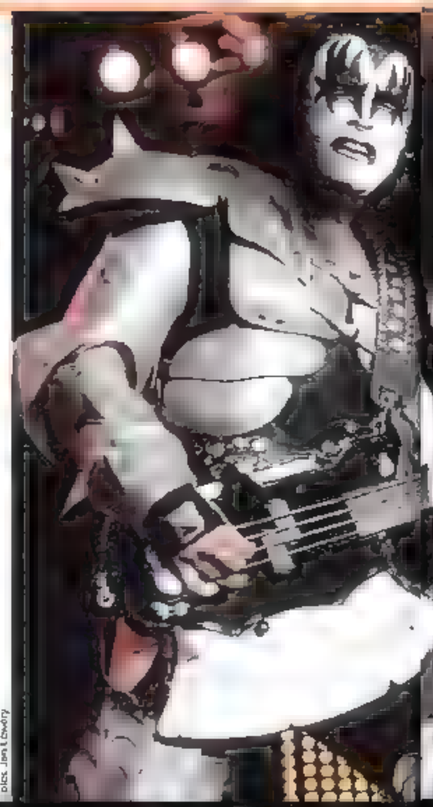
Algumas coisas são perfeitas para o Kiss, mas não dariam certo com outros grupos. Gostamos de impor nossas regras ao invés de seguirmos as dos outros. A idéia 3D foi desenvolvida para aproximar o público do Kiss. Quando um grupo é dinâmico e excitante, as pessoas querem vê-lo de perto. Desse modo, os óculos 3D dão um ingresso de primeira fileira a todos os presentes. Doc McGhee, nosso empresário, nos deu essa idéia fantástica.

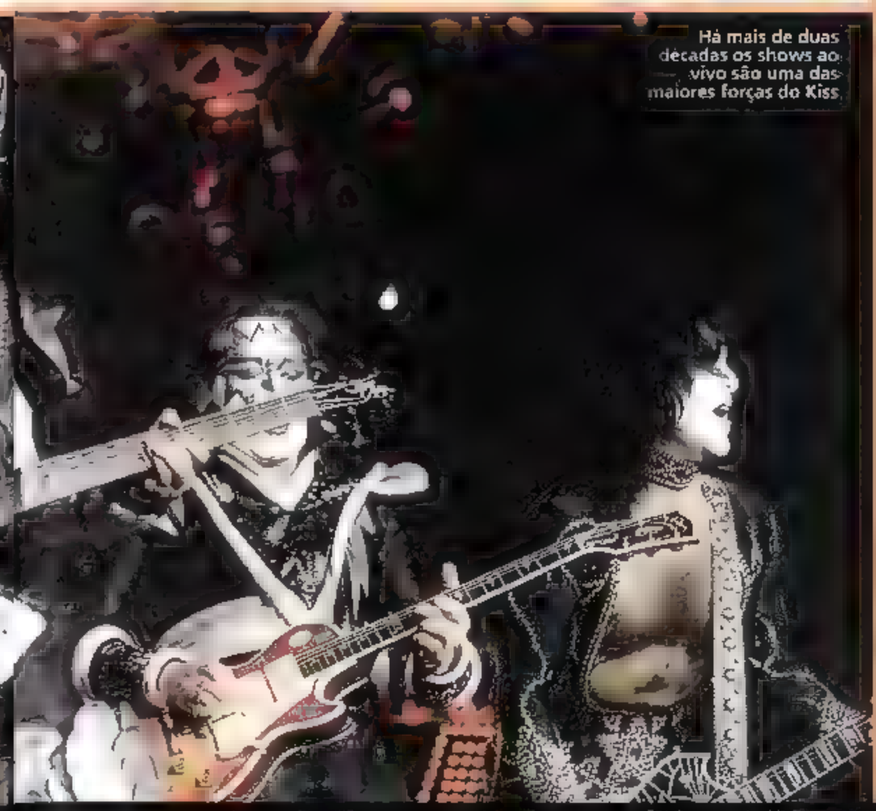
Esta tecnologia 3D será levada a outros países?

Sim, mas há uma questão prática. precisaria haver demanda. Se algum país realmente quiser nos ver levaremos até lá o show com os efeitos 3D

Vocês estão tocando os mesmos clássicos de sempre nesta turnê. Por que não exploram canções diferentes? O Metallica, por exemplo, enche os shows com músicas inesperadas...

Suas perguntas são meio bizarras, pois sugerem que sejamos como outros grupos. Se você pedir à sua namorada para agir como outra garota, ela dirá, "Fique então com a outra!". Vamos falar sério agora. A maioria dos grupos não tem trinta discos. Nosso problema não é muito o que devemos adicionar aos shows, e sim o que excluir. Você acha possível os Rolling Stones deixarem de tocar "Satisfaction", "Jumpin' Jack Flash" e "Honky Tonk Women" em seus shows? ▶





Fotos: Jen Cherry

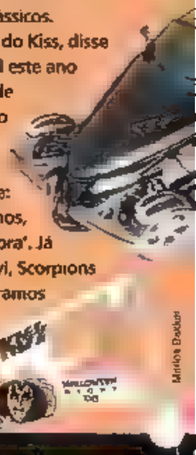
MEDIA

Aproveitando o Halloween, no final de outubro, milhares de fãs se vestiram como Paul, Gene, Ace e Peter para curtir, no Dodger Stadium de Los Angeles, o primeiro show da turnê *Psycho Circus*. O Kiss lotou em 70% um estádio para 56 mil pessoas, com fãs de diversos países. "Gastei 3 mil dólares com a viagem, o hotel e o ingresso", disse Miho Kohzu, uma japonesa de 38 anos. A brasileira Tatiane Tanus, 28, vibrou: "Realizei um sonho!"

Por mais de duas horas o grupo enlouqueceu a multidão com sua parafernália visual, incluindo explosões durante "I Was Made For Loving You" e plataformas móveis em "Black Diamond". A guitarra voadora de Ace em seu solo e a cusparada de sangue de Gene durante "God Of Thunder" mantiveram tradições criadas nos anos 70. Entre as novas bossas está o vôo de Paul, levado por um cabo a uma plataforma no centro do estádio, de onde cantou "Love Gun"

O Kiss havia anunciado que a tecnologia 3D seria a maior atração do show. Os três telões mostravam as baquetas de Peter, a linguona de Gene e as guitarras realmente pareciam voar pelo estádio. Contudo, o efeito 3D limitou-se a algumas músicas e não houve óculos suficientes para todos. "Peço desculpas. Fizemos outros shows e todo mundo recebeu óculos", esclareceu Paul. Com exceção de "Within", "Into The Void" e "Psycho Circus", o quarteto se limitou aos clássicos.

Doc McGhee, empresário do Kiss, disse que o grupo estará no Brasil este ano e explicou por que a turnê de 1997 foi cancelada. "Quando estávamos para tocar em Buenos Aires e Santiago, o produtor brasileiro nos disse: 'Vamos esperar mais dois anos, estamos com problemas agora'. Já estive no Brasil com Bon Jovi, Scorpions e Skid Row. Eu e o Kiss adoramos o país e estaremos lá em pelo menos duas cidades", garantiu.



Mirela Dadoo

A marca Kiss explora até carro e revista em quadrinhos

O novo filme do Kiss entra em cartaz este ano

Canções dos anos 70 como "Beth" e "God Of Thunder" são maioria no novo show, *Psycho Circus*

Quanto mais tempo um grupo fica na ativa, mais músicas podem ficar de fora. Daria para tirarmos "Detroit Rock City", "Calling Dr. Love", "Deuce", "Shock Me" ou "God Of Thunder"? Eu sei que os fãs mais dedicados querem ouvir músicas obscuras, como "Mr. Speed", mas me preocupo com a maioria.

Sem enrolação ou demagogia: quanto vocês metem no bolso por show?
É possível perder dinheiro num show. Me perguntaram sobre o preço dos ingressos e eu disse: 'Você pode ser roubado com um ingresso de 15 dólares e se dar bem com um ingresso de 100 dólares'. O principal é o que os fãs recebem pelo que pagam. Algumas bandas cobram barato, mas eu não as veria nem que fosse grátis. Num show do Kiss, as pessoas sabem onde o dinheiro está indo – o som, o efeito 3D, o espetáculo. Algumas vezes ganhamos dinheiro e cobrimos as despesas.

Números, por favor.
Não é que eu não queira responder, mas isso enfatizaria a ideia errada. Tocamos uma média de cinco shows por semana. Foram 200 shows em um ano na última turnê. Tomamos essa atitude porque é muito caro levar nosso show na estrada. Seja um ou sete shows, o custo é ainda o mesmo. Quando falam que ganhamos muito dinheiro, só conseguimos porque fazemos mais shows que os outros grupos.

Você e Gene estiveram no Kiss durante todos esses anos. Isso dá a vocês o direito de ganhar mais do que Ace e Peter?
Não, pois estamos com o grupo original. O Kiss tem uma longa história que [illegible] essas coisas, e hoje todos dão 100% de si. Os lucros são divididos igualmente.

Gene disse que Ace e Peter voltaram ao grupo principalmente porque se livraram do álcool e das drogas. Você acha que os dois são tentados a se viciar novamente?
Todos têm vícios, maldades e coisas que podem causar problemas. Eu mesmo me sinto tentado a fazer besteiras. Temos que medir nossas tentações e o que podemos perder. Essa é a fragilidade do ser humano. O principal agora é que valorizamos muito o grupo, mais que no passado. Isso torna o ambiente mais saudável. Não estou falando apenas de Ace e Peter. Estamos todos cientes do valor e da importância do que fazemos. Seria moleza culpar Ace e Peter, mas a verdade é que ninguém no grupo é perfeito.

Além do disco *Psycho Circus*, o Kiss lançou uma revista em quadrinhos, um cartão de crédito personalizado, um provedor na internet, dois *home videos*, um carro de 75 mil dólares e diversos itens de merchandise. Não seria melhor lançar e promover um produto de cada vez?
O que um produto significa para uma pessoa não significa para outra. Tentamos satisfazer o máximo possível de fãs. Muitas pessoas não estão nem aí para a Internet, mas curtem uma placa comemorativa do grupo. Outras não se importam com uma jaqueta, mas querem minha guitarra. Por que então as deixar esperando na fila? Os fãs devem ter o que desejam.

O carro será produzido em massa?
Não, ele está disponível por meio de uma loteria. As pessoas ligam e uma delas ganhará (*esta oferta só funciona com ligações dos Estados Unidos e do Canadá*). Agora só temos um carro, mas poderemos colocá-lo no mercado.

Você é casado e tem um filho. É estranho assistir hoje a seus vídeos com todas aquelas garotas enlouquecendo?
Sou casado, mas não estou morto! Acabamos de posar para a capa da revista *Playboy* (*a ser lançada em março*). Fotografamos ao lado de vinte *playmates*. Isso prova que meu nome não está nos obituários e meu coração ainda está batendo!

Mas o que sua esposa acha disso?
Nada. Ela me conhece bem, minha vida nunca foi segredo para ninguém.

Dizem que Peter não gravou a bateria e que o guitarrista Bruce Kulick (*ex-integrante da banda*) gravou as guitarras de *Psycho Circus*. É verdade?
Bruce ficaria feliz em ouvir isso, mas não é verdade. Eu e ele gravamos todas as demos (*referindo-se aos testes que são feitos durante a pré-produção*), mais nada. Talvez seja por isso que esses boatos começaram. O caso de Peter também é mentira.

O Kiss está sendo processado por uma agência que alega que a música "Dreamin'" é plágio de "Eighteen", de Alice Cooper. Como vocês reagiram?
Esse problema não tem nada a ver com o Alice. Ele está até envergonhado. Eventualmente os direitos de uma música podem pertencer a pessoas que não a compuseram. É uma situação ridícula que será resolvida no tribunal. Todo mundo quer ganhar dinheiro facilmente nos Estados Unidos, mas não estamos nessa.

O Kiss é protagonista no filme *Detroit Rock City*, a ser lançado este ano. Como é o roteiro?
É um filme passado nos anos 70, sobre as aventuras de quatro pessoas que desejam assistir a um show do Kiss. Está sendo feito pela New Line Cinema, que possibilitará um lançamento mundial.

Garth Brooks (cantor country) - "O Kiss captou todo o poder da música. As performances teatrais me influenciaram muito. Adoro o solo de guitarra de 'Detroit Rock City'."

Jason Newsted (Metallica) - "Um colega de escola me emprestou o primeiro disco do Kiss, o que mudou minha vida. Pedi um baixo de presente no meu aniversário de 14 anos. Eu queria ser Gene Simmons!"

Joey Ramone (Ramones) - "Me lembro do Kiss no começo de carreira. Gene vestia uma camisa com uma caveira e ossos cruzados e o grupo já usava gelo seco no palco. Os caras fizeram uma apresentação no clube Coventry (*em Nova York*) para anunciar o primeiro contrato com uma gravadora. Foi o show mais barulhento da minha vida."

Cher - "Eu já namorava Gene quando vi meu primeiro show do Kiss. Nunca curti muito a música, mas fiquei impressionada com o espetáculo. Foi demais vê-lo cuspindo sangue e Paul voando pelo palco."

Phil Anselmo (Pantera) - "É difícil dizer quem respeito mais: Kiss ou Black Sabbath. Foi um privilégio o Pantera ter aberto shows para os dois."

Adam Horovitz (Beastie Boys)
"Saí com minha primeira garota quando fui a um show do Kiss. Depois da experiência, tive certeza de que meu relacionamento daria certo."

Jerry Cantrell (Alice In Chains) - "O Kiss foi meu papel de parede. Não dava para ver nenhuma parte do concreto. O grupo estava em tudo que era lugar!"

"Tudo é dividido igualmente entre nós", mente Paul

Reginaldo prega o amor em impagáveis canções com o santo espírito da Jovem Guarda.

Reverendo Rossi

Pioneiro do rock brasileiro, ídolo da geração manguebit e cada vez mais popular no Norte/Nordeste, Reginaldo Rei é espontaneamente tudo que Falcão gostaria de ser

por José Teles. Fotos: Léo Caldas

Em mais de trinta anos de carreira, ele jamais parou de fazer shows. Fundador, pelos idos de 1965, do primeiro conjunto de rock do Nordeste, o Silver Jets, ele só ficou sem gravar entre 1975 e 1980. Teve sucessos na Jovem Guarda, viveu boas fases no começo dos anos 70 e na década passada. Mas está impossível em 1999: é prioridade da poderosa gravadora Sony Music, que lançou no fim do ano passado seu primeiro disco ao vivo. Saindo com 250 mil pedidos antecipados, o CD deve ganhar certificado de platina em breve – será o terceiro da carreira de Reginaldo Rei, como ele é conhecido agora.

Nascido em 1944, nos Coelhos, bairro pobre do Recife, e criado no Méier, Zona Norte do Rio, ele é atualmente o artista mais popular do Norte/Nordeste. Hoje não há na Bahia banda de trio elétrico que não toque ao vivo seu sucesso "Garçon" (com n mesmo, foi lançado assim, assim ficou). Nem a "Eva" da badalada Ivete Sangalo escapa – Ricardo Chaves até regravou. "Foi essa canção que me trouxe de volta para esta fase maravilhosa", agradece.

Por volta de 1983, um cantor recifense pediu-lhe que escrevesse uma musica para seu novo disco. O sujeito não apenas estava numa dureza franciscana como ainda por cima descobriu que andava sendo traído. Precisava, portanto, de um sucesso que lhe levantasse o moral e a conta bancária. Reginaldo Rossi fez "Garçon", mas o amigo acabou não gravando. "Um desses maestros inteligentes disse que era simples demais para ele cantar." Sobrou para Reginaldo mesmo e, desde então, essa corneira sobre um sujeito que toma um pé-na-bunda e vai ao bar se embriagar ("garçom, eu sei que eu tô enchendo o saco, mas todo bebum fica chato") só lhe dá alegrias.

Em 1999, o fenômeno deve ir além da Bahia, periga tomar conta do país inteiro. "Hoje me chamam de brega-chique, me chamam de bregastar, chamam de cult, já tá todo mundo achando que o Rossi é cult, não é mais brega", conta ele na varanda de sua casa espaçosa, à beira-mar, no bairro chique de Candeias, no Grande Recife.

Reginaldo se define como um homem de hábitos frugais. Seu prato preferido: "Feijão, arroz e frango – o pescoço é a parte da galinha que mais gosto. Feijão, arroz e bife. Feijão arroz e calabresa". Seleide, sua mulher (é casado há 26 anos), acrescenta: "Ele adora comida de lata" Por comida de lata, entenda-se: sardinha, mortadela e quitute de boi...

O cantor aponta os dois Vectras na garagem: "Poderia ter uma Mercedes, uma BMW, mas prefiro um carro assim, médio". Pela quantidade de shows que faz por mês, poderia mesmo ostentar um carrão importado: são cerca de catorze, cada um custa 12 mil reais. Reginaldo Rossi, um homem rico? "Olha, eu tenho uma equipe de dezesseis pessoas trabalhando comigo. Graças a Deus, umas quarenta pessoas dependem diretamente do Reginaldo Rossi."

A Sony espera vender um milhão de cópias de *Reginaldo Rossi Ao Vivo – Grandes Sucessos*. Curioso é que nenhuma das gravadoras que o tiveram antes como contratado havia pensado em gravá-lo ao vivo. E no palco, onde incorpora personagens e maneirismos, é que ele mostra o segredo de seu sucesso. Pode falar à *la*

Encontro de ídolos: Julio Iglesias e Reginaldo

Reprodução/ Ag. Lumiar

Reginaldo em 1975, num show de aniversário dos Fevers

"Homem que é homem tem que babar o saco das mulheres"

Roberto Carlos, para logo em seguida repetir trejeitos de Elvis Presley. Entre uma musica e outra, conta histórias, piadas, saúda "homens, mulheres, rapazes suaves, moças do sapato grande, crianças" e fala barbaridades – do ponto de vista anatômico, pelo menos – como "homem que é homem tem que babar o saco das mulheres".

A performance, que aparenta ser cuidadosamente estudada, é toda improvisada. "Um amigo meu, músico, falou: 'Reginaldo seu show é maravilhoso, mas só tem uma coisa ruim, a desorganização'. Quatro meses depois, ele me diz: 'Seu show é maravilhoso. Sabe qual o grande gancho dele? A desorganização'."

Reginaldo não ensaia com seus músicos. Mais radical do que Chuck Berry (que nem sequer tem um grupo fixo), nem ele nem a banda sabem ao certo o repertório que apresentam. A coisa funciona na base da química e, principalmente, da mímica. "Usamos códigos: três dedos para baixo é mi menor, aí faço o sinal que vou entrar nesse tom. Quatro dedos para cima é fá maior. Um dedo para cima é dó maior, um para baixo é dó menor. A banda sabe o tom, mas não da música. No mi menor, tanto posso cantar o borogodá ou 'Na Hora do Amor'."

O "borogodá" citado é o onomatopaico refrão de "Deixe De Banca", antigo sucesso de Erasmo Carlos no período áureo da Jovem Guarda (versão do rock francês "Les Cornichons"), que Reginaldo Rossi incorporou aos sessenta hits que escolhe para cantar (entre 300 canções gravadas) a cada show. "Essa música foi uma coisa maravilhosa na minha vida. Em 1975, a Som Livre comprou uns tapes meus da Sony e fez um disco. Filmaram um ▶

Nos tempos de "O Pão", na Jovem Guarda, com o cabelo alisado

Reginaldo, um roqueiro: "Até hoje faço iê-iê-iê, bicho".

clipe, era pra passar três vezes por dia, mas passavam umas quinze, não tinham mais o que botar. Erasmo tinha gravado em 1965, e Eduardo (*Araújo*) também. Mas, como estava esquecida, a música pegou", lembra, entre goles de cafezinho, um de seus raros vícios.

Outro deles é uísque com Coca-Cola. "Sou do tempo da Cuba Libre; depois que o rum começou a me fazer mal, mudei para o uísque." Ele não liga nem para a cor do rótulo. Aliás, lhe desce melhor um uísque nacional do que um *scotch red label*. O que não entra no seu organismo de jeito nenhum é droga. "Não me imagino dependente de nada, nem de horário. Nos shows eu digo pra meninada *(está no disco novo, gravado)*: 'Em vez de cheirar cocaína, melhor cheirar a xareca da menina'."

O público de Reginaldo tem gente de todas as idades, mas a imensa maioria é de jovens e adolescentes. "Eu fundei o rock aqui em Pernambuco e a meninada descobriu isso." Ele cursou até o terceiro ano de Engenharia, mas largou tudo pelo rock. Pagou o preço do pioneirismo. "A gente alisava o cabelo para ficar parecendo os Beatles e o pessoal atirava casca de laranja."

No final de 1965, já partia para carreira solo, esquentando os shows de Roberto Carlos no Recife. Acabou sendo contratado por Geraldo Alves, empresário do próprio Rei. "Fiz uma música chamada 'O Pão', que foi gravada pelo Sergio Murilo. Quando fui a São Paulo gravar um compacto, mostrei minhas composições e terminei fazendo um LP", conta. "O Pão" estourou em 1966, e abriu para o cantor as portas do programa *Jovem Guarda*.

Na década de 70, na explosão da música brega, seu maior sucesso foi "Mon Amour Meu Bem Ma Femme". Mas, desde que voltou a morar no Recife, em 1990, é curtido em todas as classes sociais. Faz um show num morro da Zona Norte e na mesma noite apresenta-se em um clube privê na Zona Sul. Em Salvador, ano passado, cantou para 78 mil pessoas.

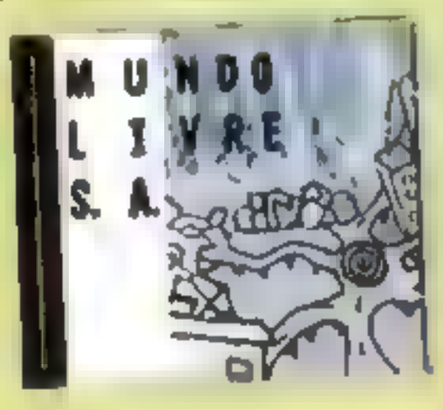
Agora algumas das principais bandas que formam a cena mangue (mundo livre s/a, Querosene Jacaré) mais Lenine e Zé Ramalho gravam um disco-tributo a ele. "É gratificante, prova que estive certo todo este tempo cantando o romantismo. Mas eles escolheram músicas engraçadas. Por exemplo, 'Complexo De Cachorro' *("Estava completamente apaixonado com um caso que comigo aconteceu/ Deixei meu almoço bem guardado, e o gato lá de casa comeu")*. Eu hoje morro de rir, mas Roberto Carlos não cantou também 'O Brucutu'?"

O SOM QUE ESTÁ INVADINDO A CIDADE!

EXCELENTE ATACA

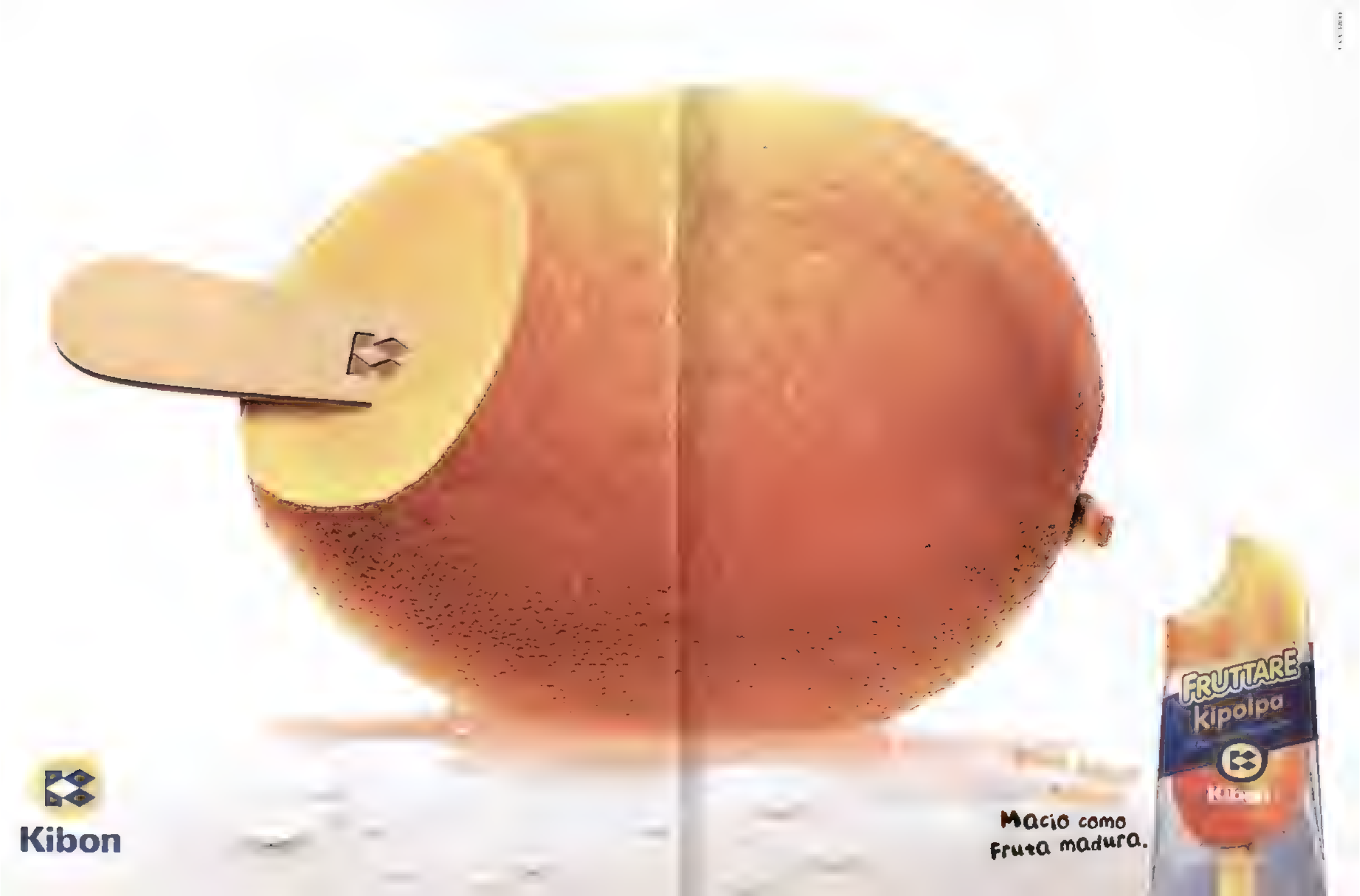
EXCELENTE DISCOS

CAPITAL INICIAL - Atrás dos Olhos
MUNDO LIVRE S.A. - Carnaval na Obra
OS OSTRAS - Operação Submarina
MARCELO NOVA - Eu Vi o Futuro, Baby. Ele é Passado
MAURÍCIO MANIERI - A Noite Inteira



JÁ NAS LOJAS!

Abril Music
www.abrilmusic.com.br


FRUTTARE
kipolpa
Macio como
Fruta madura.
Kibon

"Para Mim A Noite É Cheia de Surpresas"

Ana Maria S. Carvalho, arquiteta, assinante da HBO

Tem dias em que a Ana Maria nao sabe mais onde esta. É tanta aventura, romance e suspense que fica difícil acreditar que ela poderia estar na sua própria casa. Afinal, nao é todo mundo que recebe a visita de pessoas como o Batman, o Cavaleiro das Trevas, de vez em quando dá uma passadinha por lá, para ver se está tudo em ordem.

Mas nao é só o mascarado de Gotham City que frequenta a casa da Ana. Outros heróis, vilões e aventureiros levam, todos os dias, muita ação para a sua vida. Ana Já boas risadas com os melhores comediantes, se emociona com os casais apaixonados e, quando tudo parece estar calmo, assassinos psicóticos invadem as suas poltronas. As noites na casa da Ana são um sucesso garantido. Graças a HBO, de que ela é assinante.

HBO faz parte da vida da Ana. É de milhares de outras pessoas que querem ter sempre um bom programa. Só com a HBO [illegible]ssível ver os mais recentes lançamentos de Hollywood e os grandes sucessos de bilheteria. E a HBO não é feita só de filmes dos grandes estúdios - shows exclusivos, documentários e Produções Originais HBO também fazem parte da programação. O assinante assiste tudo isso sem filas, sem cabeças atrapalhando a visão ou casaizinhos conversando durante todo o tempo.

HBO faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem pensa que Coppola, Bertolucci e Fellini são os nomes dos atacantes da seleção italiana de futebol.

Faz parte da vida de quem assiste TV a[illegible]em da HBO Brasil a TVA, a DIRECTV, a MTV, o CM[illegible] e a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril. Faz parte da vida de quem lê revistas. São quase 200 títulos diferentes. Faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um sale[illegible]te exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 1,3 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para divulgar cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida.

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · manequim · DIGISAT · VIP · Info Exame · Listel · SHOWBIZ · QUATRO RODAS · HBO · GAMES · Info Exame · CONTIGO! · ESCOLA · Info Exame · Bravo! · Info Exame · EURO CHANNEL · BOA FORMA · CASA CLAUDIA · Info Exame · Saúde! · Ana Maria · Info Exame

Mande suas demos e CDemos para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Marcelo Medeiros *(de óculos)* e André Mendes: o Maria Bacana apresenta nova safra

Maria evoluída

Em 1997, o trio baiano **Maria Bacana** lançou um CD pela Rock It! (selo gerenciado pelo guitarrista Dado Villa-Lobos), apareceu em festivais como o Close Up e Abril Pro Rock e conquistou alguma notoriedade. Depois sumiu, mas não acabou. Recentemente, o baixista Lelê, prestes a se casar preferiu largar a carreira musical. Agora André Mendes (vocais e guitarra) e Marcelo Medeiros (bateria) procuram um substituto. "Mas se não acharmos um até assinar contrato não me importo de gravar o baixo também", adianta André. Depois de rompidos os laços com a gravadora Universal, o grupo fez poucos shows – há um ano não toca com regularidade. "Resolvemos parar com tudo para reorganizar a banda e nossa vida." Dessa reorganização surgiu um bom CDemo, com os habituais peso e melodia, que deve servir como pré-produção para o segundo álbum da banda. "Todo fim do dia componho uma nova música. Somos uma banda de garagem, as composições saem naturalmente, já tenho quarenta prontas. Só damos mais atenção aos arranjos que fazem a gente pensar", explica André.
Contatos: tel. (071) 314-2524

Cidade quase maravilhosa

Amor e ódio ao Rio

O **Anjosex** não é mais uma banda a cantar as maravilhas do Rio e da carioquice. Bem tocado em rádios comunitárias de sua cidade com "Bluesamba" (uma fusão dos dois gêneros), o grupo é formado por dois ex-integrantes do Gangrena Gasosa, pioneiro do caminho thrash metal com ponto de macumba que Sepultura e Soulfly trilharam (só que sem levar a mistura a sério – aliás, não só a mistura): o vocalista Luciano Ramos (ex-Pomba Gira) e seu irmão, o tecladista Leandro. "O som é bastante sumgado e as letras fazem um jogo de amor e ódio em relação ao Rio", resume Luciano.
Contatos: tel. (021) 437-9449 ou e-mail: anjosex@vetor.com.br

Trip hop baiano

A soteropolitana **Rebeca Matta** traz com o independente *Tantas Coisas* uma bagagem, digamos, eclética. Fez faculdade de Administração, trabalhou em Tribunal de Contas, estudou canto lírico e pintura e acabou na música eletrônica, há cinco anos. No disco, além de composições próprias que misturam trip hop e MPB, ela revê Chico Buarque ("O Meu Amor"), Milton Nascimento ("Nada Será Como Antes", com uma batida pesadíssima) e Lulu Santos ("Como Uma Onda", sussurrada). "Eles são antigas paixões, entraram sem razão especial. Meu objetivo for que os novos arranjos atingissem diferentes percepções do público", imagina Rebeca.
Contatos: tel. (071) 978-1671 ou e-mail: tantascoisas@usa.net

O Stado é de rock, mas também swinga e faz o povo dançar

Sangue camuflado

A banda carioca **Stado** existe há seis anos e recentemente aboliu o "de Rock" de seu nome – para deixar claro que suas influências ultrapassam o puro rock'n'roll. "As décadas de 70 e 80, em geral, e a disco music foram a base para nosso som", diz Paulo Novo, guitarrista. O quarteto participou de quatro edições do FestVaida e não vencer nenhuma (apesar da posição de destaque) ajudou a perceber que era preciso abrir os horizontes. "Hoje, por incrível que pareça, tocar só rock estigmatiza", pensa Paulo. Assim, a música de trabalho "Não Pare De Dançar" é um bom funk, e "Caribado" se aproxima da dance music. "As letras mais sérias, que falam de política, ainda continuam bem rock'n'roll", ressalva o guitarrista. **Contatos: tels. (021) 533-6876 (Dauro) ou 239-6140 (Felipe)**

Os Animais: poéticos, sim, sambistas, não

Rock disfarçado

No início, os **Animais Poéticos**, banda pop-rock paulistana, contavam com muitos integrantes, mas nem todos queriam se esforçar o suficiente. Resultado: sairam quase todos e ficou um trio, que hoje tem motivos para comemorar, depois de ter "se atolado em dívidas" para produzir mil cópias do CD de estréia: a tiragem inicial se esgotou e outros mil já saírão vendidos da fábrica. Isso com o ambíguo título *Agora Que O Samba Começou*. "Na capa a gente colocou uma foto do meu irmão de criação, que é negro. Tinha loja que colocava o CD ao lado do Só Pra Contrariar", conta Paulo. Lojistas acabaram substituindo a foto da capa pela da contracapa, que mostra o trio. Vendidos, os Animais agora deixam a foto deles mesmos.
Contatos: tel. (011) 496-3193

Raio-D

ELECTROROAD – Terceira compilação de seis bandas/artistas do selo brasileiro Electroad

Biopsy

Som: Crossover Industrial
Origem: Campinas, SP
Auto-retrato: "Fazemos uma mistura de Prodigy com Sepultura", compara Fabricio Viscardi.
Resumo crítico: O lado heavy praticamente se resume aos vocais – o jeito cavernoso de Max Cavalera está nas canções. Bom para dançar.
Produção: Boa
Contatos: tel. (019) 252-6473 ou e-mail: bvisc@dglnet.com.br

X On Mind

Som: Techno/Dance/Industrial
Origem: Campinas, SP
Auto-retrato: "Acho a música eletrônica muito sensual, o 'x' do grupo remete aos filmes pornôs – *X-rated*", diz Ricardo Gabiatt.
Resumo crítico: Aprovado até para ouvir em casa, de preferência acompanhado "Valley Of Souls" é quase um *easy listening*.
Produção: Muito boa
Contatos: tel. (019) 242-4644 ou email: suporte@quanta.com.br

Frontrunner

Som: Industrial/ Neo EBM (Eletronic Body Music)
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "We wire the feelings" ("Nós ligamos os sentimentos", em português), lema de Julio Saraiva.
Resumo crítico: Projeto do selo 4D Records, o som do Frontrunner é bastante heterogêneo e seu charme está exatamente aí. É bem verdade que um disco inteiro nessa linha pode cansar.
Produção: Muito boa
Contatos: tel. (011) 6949-4445 ou e-mail: frunner@uol.com.br

Deadjump

Som: EBM/ Crossover/Industrial
Origem: São Paulo, SP
Autoretrato: "Tenho por base um som que é a evolução do tecno, música pesada, mas feita pra dançar", fala Alexandre GR.
Resumo crítico: Na linha do Frontrunner (também faz parte do selo 4D Records), ainda pode amadurecer os arranjos. Só para as pistas.
Produção: Boa
Contatos: tel. (011) 6464-1796 ou e-mail: deadjump@zipmail.com.br

Símbolo

Som: Eletrônico Dançante/EBM anos 80
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Não me vejo carregando a bandeira da eletrônica só por ser um dos pioneiros. Mudo sempre, para continuar sendo referência. Nunca influência", explica Martin.
Resumo crítico: Experiência faz a diferença na parte técnica. Som que realmente dispensa letras.
Produção: Muito boa
Contatos: tel. (011) 5563-7349 ou e-mail: simbolo.org@uol.com.br

X-Action

Som: tecno/dance/ industrial
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Mesmo sabendo que o tecno está bem atrasado no Brasil, continuamos na luta", diz Lucia Alves.
Resumo crítico: Nível internacional. A ótima "Hallucination" revive o New Order. A teclada Lucia merece os prêmios que já recebeu.
Produção: Muito boa
Contatos: tel. (011) 549-8415 ou e-mail: lucia.alves@tecnet.com.br

Thaíde

O rapper número um do hip hop paulistano se delicia com vinis raros de heróis do som black nacional, balanços internacionais e samba

Até setembro do ano passado, o Thaíde não tinha seu QG musical. Com a compra de uma nova casa em São João Clímaco (Zona Sul de São Paulo), ele concentrou seu trabalho e lazer num pequeno cômodo no fundo do quintal. Nesse quarto estão seus vinis, CDs (que começou a comprar só em 1995), a televisão e o vídeo, além da coleção de credenciais, óculos e bonés. "Aqui é minha ilha. Componho, ouço de tudo, vejo desenhos, tenho meu videogame", descreve o rapper.

Só quem tem passe livre é a filha Tamires de 4 anos – inclusive para mexer nos LPs, que obedecem a uma lógica toda própria. "Coloco samba perto de samba, funk perto de funk, o mesmo com música romântica e rap nacional. Sei que onde tiver um disco de samba, vão ter mais trinta", conta Thaíde. Entre os cinco engradados de garrafa lotados de vinil, há de tudo mesmo. "Gosto de qualquer tipo de música. Ela só tem que me agradar. Tenho até pouco disco, só mesmo aquilo que consegui."

A paz que Thaíde hoje passa é bem diferente de seu comportamento no passado. "Eu era um cara muito vingativo, achava que tinha situação que só podia ser resolvida à base de violência. Mudei meu pensamento de tanto que ouvi essa rapaziada" *(veja quadro)*. Artistas como Tim Maia, Gerson King Kombo e Jovelina Pérola Negra mostraram ao compositor que a música pode falar de preconceito sem agressividade. "Na música 'Boogie Woogie Da Favela', a Jovelina tira uma do cara que se chamava Davi, mas se autoproclamava 'Deivid'." Agora que Thaíde raramente frequenta bailes, seu quarto virou praticamente o único lugar para curtir música. "Aqui dá para sentir mais o valor de cada som. O baile era legal para entrar no clima, mas hoje quando rola música romântica o pessoal não dança – se encontra num canto – e, em vez de samba-rock, rola pagode."

Leticia Calmon

Alta Rotação

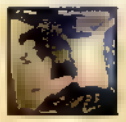
ALMIR RICARDO
***Pura* (compacto)**
"Essa música mostra que para falar de amor não é preciso fazer música romântica. Só tem que ser boa. Ele fala da sensualidade de uma mulher que nunca o traiu. A primeira vez que ouvi não acreditei que era brasileiro. Em 1981, 82, fazia baile no fundo de casa e quando colocava 'Pura', todo mundo dançava."

VÁRIOS
Soul Grand Prix
"Comprei por causa da capa. Ela indica que rolou uma treta no banheiro de um baile, o cara jogou a cabeça do fulano no espelho e ainda escreveu o nome do disco com sangue. Mas ele manteve a violência lá dentro, sem incluir outras pessoas. Além disso, tem uma música que nos proporcionou um grande sucesso – 'Mr. Big Stuff'. Foi a partir dela que fizemos 'Senhor Tempo Bom'."

MR. FUNK SANTOS
Mr. Funk Santos
"Era um DJ que tocava no Rio. Nunca o conheci pessoalmente, mas ele mostrou pra muita gente a importância da música, mesmo só fazendo compilações. Por isso o respeito muito. A gente tem que pegar coisas boas do passado e levar pro futuro, isso é história. Racionais fizeram 'Mulheres Vulgares' *(de Holocausto Urbano, primeiro disco do quarteto, de 1990)* a partir de "Do It Fluid", do Blackbirds, que ele incluiu neste disco."

GERSON KING COMBO
Gerson King Combo
"Se Deus quiser, ainda vou conhecer esse cara. Gerson foi e é um grande incentivador do afro-brasileiro. As letras dele falam de problemas da negritude e do orgulho de ser o que é, sem precisar ser racista. Você não deve se tornar aquilo que mais odeia. Se naquela época não falava mais pesado é porque havia a ditadura. Hoje o rap pode ser mais direto porque existe uma certa liberdade."

SANDRA DE SÁ
Olhos Coloridos
"Toquei muito 'Olhos Coloridos' em baile. A cor preta é a junção de todas as cores. Ela quer dizer que tudo que se reflete nos olhos é a verdade, independentemente da cor dos olhos, do cabelo duro, da boca grande. As pessoas têm que saber enxergar isso."



TIM MAIA
Velho Camarada
"Hoje não gosto de ouvi-lo, fico muito triste pelo que aconteceu com ele, a maneira como viveu e morreu. Tem uma música, 'Vou Com Gás', que infelizmente não tocou nos bailes, mas poderia fazer sucesso mesmo nos dias de hoje, é a cara dele. Ele manda que vai visitar a namoradinha em Minas Gerais. E não é uma música romântica, apesar de ele ser mestre nisso."

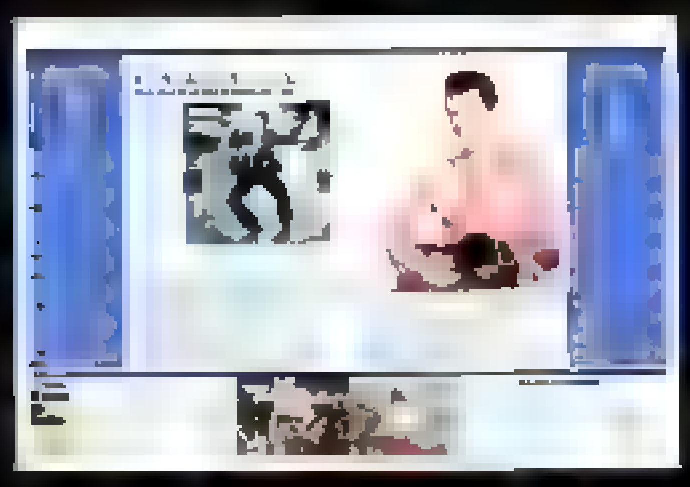
PARTIDO EM 5
Partido Em 5
"Este disco é um grande xodó. Sempre falo que *Partido Em 5* é um dos melhores trabalhos de samba que já fizeram no país. Não tem igual, é totalmente malandro, porque na passagem de uma música para outra eles vão trocando idéia e de uma maneira muito natural. Em 'Defeito De Mulher' começam dizendo: 'Mulher nasce sorrindo, cresce fingindo e morre mentindo'. Mas no final fazem questão de se contradizer: 'Leva o homem à perdição e o bicho ainda morre de amores por ela'. Então é melhor viver com ela, né não? Não entendo como artistas assim passam a vida inteira sem reconhecimento algum."

Jovelina Pérola Negra e Gerson King Combo: discos que inspiraram música e estilo de vida de Thaíde

Fotos Marcello Jorreinal

De Al Jolson
1927
A Eric Clapton
1999
A Música do Século. 600 músicas de sucesso nas gravações originais. Mais de 350 intérpretes.
Toda semana, com a sua revista Caras, um fascículo com entrevistas históricas e um CD grátis.

Coleção A Música do Século.
Toda semana com sua revista Caras.



O fascínio dos perfis históricos e as famosas entrevistas da **Rolling Stone**, a revista de música mais importante do planeta. A primeira entrevista, de 1970, é antológica: **John Lennon** falando pela primeira vez sobre o fim dos **Beatles**. Cada edição vem ainda com um guia comentando as faixas de cada CD, com informações e curiosidades sobre os mais de 350 nomes da coleção. Para montar a sua discoteca básica, uma equipe de jornalistas especializados selecionou os **100 músicos** nacionais e internacionais mais importantes do século. Além disso, **50 artistas brasileiros** contam quais são seus músicos, discos e músicas prediletas. Cada fascículo tem ainda a seção "Dia a Dia", com toda a cronologia dos últimos 100 anos, formando uma verdadeira enciclopédia do século XX: guerras, acontecimentos sociais, moda e costumes, artes, esporte e [illegible] música.
Cada CD traz uma seleção com músicas de sucesso em gravações originais, e ainda uma faixa multimídia de 1 minuto com as imagens mais marcantes do século XX. A primeira é **O Muro de Berlim**.

Essas são as músicas do primeiro CD:

1 **Dire Straits** Walk of Life • 2 **Elton John** Sacrifice • 3 **Bee Gees** How Deep is Your Love • 4 **Ella Fitzgerald & Louis Armstrong** Summertime • 5 **Frank Sinatra** I've Got You Under My Skin • 6 **Stevie Wonder** You Are the Sunshine of My Life • 7 **Lionel Richie** All Night Long • 8 **Righteous Brothers** Unchained Melody • 9 **Chris DeBurgh** Lady in Red • 10 **Eric Clapton** Wonderful Tonight • 11 **Rod Stewart** Maggie May • 12 **Elton John & John Lennon** I Saw Her Standing There

A partir de 13/01 nas bancas.
Caras R$ 3,90 + Fascículo R$ 5,90 + CD grátis.

CARAS

Emoção e técnica

A força de Seattle ao vivo

PEARL JAM
Live On Two Legs
Epic/Sony

Vá lá que Eddie Vedder, cantor da antes grande banda de Seattle ainda em atividade, às vezes incomode com sua angústia provocada pelo sucesso e sua briga eterna com a Ticketmaster, empresa que controla as vendas de ingressos para shows nos EUA. Quando ele [illegible] se concentra em cantar as canções de sua banda, o rapaz mostra porque o Pearl Jam, mesmo lançando discos quase todo ano, segue com o prestígio inabalado.

Dois meses após encerrar a turnê promocional de seu último CD, *Yield*, o quarteto de Seattle solta seu primeiro disco ao vivo. Reclamações surgirão pela presença no repertório de apenas duas músicas do disco de estréia, *Ten*: "Even Flow" e "Black". Mas é justificável que uma banda jovem não queira viver do passado e distribua o *set list* entre seus cinco discos. Assim, aparecem — com ótima recepção do público, que se esgoela do início ao fim — boas canções menos badaladas, como "Hail Hail", "Daughter" e "Nothingman". Vedder segura bem a voz, caprichando nas interpretações, mesmo que isso signifique eventualmente uma escorregada na afinação. Nada grave, pois o melhor do grunge sempre foi mais emocional.
O instrumental é baseado no ótimo baixo de Jeff Ament, com a bateria do ex-Soundgarden Matt Cameron, emprestando mais técnica aos arranjos de seus antecessores. Os guitarristas Stone Gossard e Mike McCready se revezam bem entre os acordes distorcidos e sutis pontuações harmônicas. A versão para "Fuckin' Up", de Neil Young, dá o toque final a um belo CD.

Bernardo Araujo

Nota 9

Notas de 0 a 10 dadas pelos colaboradores e críticos de SHOWBIZZ.

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista.

ENGENHEIROS DO HAWAII

Infinita Highway

BMG Brasil

Partindo do emblemático mês de janeiro de 1985 – quando o grupo formado por três arquitetos se apresentou em público pela primeira vez em Porto Alegre, com os ventos da Nova República e do Rock In Rio soprando por todo o Brasil – e chegando aos dias atuais, a caixa *Infinita Highway* mapeia a estrada dos dez discos e das variadas formações dos Engenheiros do Hawaii. Do pioneiro trio de *Longe Demais Das Capitais* – ainda com Marcelo Pitz no baixo, o primeiro de uma série de músicos que se desentenderam com o onipresente Humberto Gessinger – até o quarteto do recente *Minuano*, a coletânea reúne composições que fizeram dos Engenheiros a banda gaúcha de maior sucesso no Brasil e colocaram as letras repletas de trocadilhos na antologia do rock dos anos 80.

Augusto Licks partiu para a carreira-solo, Carlos Maltz virou astrólogo e Gessinger já mudou a formação da banda pelo menos quatro vezes. O grupo se descaracterizou pelas diversas disputas de poder sem nunca compreender que toda forma de poder é uma forma de morrer por nada

Márcio Pinheiro Nota 6

BLACK EYED PEAS

Behind The Front

Interscope Records – IMPORTADO

Rap criativo com direito a funk e de Jorge Ben

Nem é preciso ser vidente para apostar no Black Eyed Peas como a grande revelação de 1998 no hip hop e também *Blockbusters* do hip hop a partir do futuro próximo. Por quê? Bem, primeiro porque não é todo dia que rappers clonam Jorge Ben. Depois porque em sua estréia o trio faz um hip hop fino de letras alto-astral com discreto apelo pop e irresistível.

Agora, se ela foi a grata surpresa do par com um apito de samba logo na abertura contagiante de "Karma", imagine descobrir no manifesto antigangsta "Positivity" indefectíveis vocais-vocal que caracterizaram Jorge Ben em início de carreira. E a faixa-título do CD, e um criativo trip hop para Massive Attack nenhum botar defeito.

Carlos E. Oliveira Nota 5

M4J

Brazil – Eletronic Experience

Matraca/Trama

O CD de estréia do grupo M4J, do "top DJ" (como se diz no mundinho cercado) Mau Mau, vem representar a chegada da cultura techno no mercado fonográfico brasileiro não-*underground*. E vem com proposta de casar a linguagem universal do melhor virtuall do techno com idiossincrasias locais. Isso quer dizer techno com agogô, repenique, berimbau, muito samba e exotismos desse naipe.

Atando um universo normalmente avesso à MPB – o de DJs tecnoboys e clubbers – a tais referências, fica impossível não pensar em jogada de marketing para exportação – ingleses devem adorar como aliás já vem adorado. Mas a receita rende música pop vários narizes à frente de tudo que o pobre Brasil anda produzindo – ou, no mínimo, exemplares curiosos dessa boa fusão, como "Capoeira" (com tecnoberimbau e tudo), "Pedra Bruta" e "Camisa Verde". Algo está acontecendo, afinal.

Pedro A. Sanches Nota 7

UB-40

Labour Of Love

Virgin Records

Reggae inglês em reciclagem

O UB-40 chega ao terceiro volume da série de covers *Labour Of Love* sem a inspiração ou a criatividade de outrora. Ao invés de verdadeiros trabalhos arqueológicos (como a releitura de "Red Red Wine" do cantor jamaicano Tony Tribe) ou investidas certeiras no mundo soul (a versão para "The Way You Do The Things You Do" do grupo vocal Temptations), o UB-40 decepciona ao apostar na obviedade. O resultado são releituras medianas e a destruição completa dos hinos "Soul Rebo," (Bob Marley) e "Legalize It" (Peter Tosh).

Sergio Martins Nota 5

SEAL

Human Being

WEA

O cantor de "Crazy" e "Kiss From A Rose" ressurge em grande estilo

Seal é esperto. Ao invés de ficar queimando o seu filme com discos medianos e a alta exposição de sua imagem na mídia, ele fica na moita e maior parte do tempo. Em sete anos, lançou apenas três discos e ganhou o respeito de todo o mundo pop. Mesmo sem causar o mesmo impacto do segundo *Seal* (1995), o CD vai bater forte em quem curte o pop impecável do cara, na linha da consagrada "Kiss From A Rose".

Da faixa de abertura "Human Being", às belíssimas "Colour" e "Princess", a fórmula apurada pelo produtor Trevor Horn, que mistura violões, quartetos de cordas, baladas e eletrônicas e grooves sinistros – segura a onda. E mais uma vez o cara fecha o disco com uma releitura da faixa de abertura. Seal faz pop de gente grande.

Hélio Gomes Nota 8

FATBOY SLIM

You've Come A Long Way, Baby

Skint/Sony Music

Colagem sonora pancadão que dá

O inglês Quentin Cook virou Norman Cook porque odiava seu nome aristocrático. Foi baixista dos Housemartins (grupo pop socialista do final dos anos 80 – conhecida aqui como "Meio Do Pepe,") e fundador da boa banda Beats International.

Como DJ usou os nomes Freakspower, Pizzaman, Mighty Dub Katz, Fried Funk e, desde 1996, é Fatboy Slim, sensação do big beat, gênero que tem colagens sonoras e o pancadão do hip hop ("Grand master Flash foi uma revelação para mim") consegue agradar a eletrônicos e roqueiros. Aperfeiçoando o trabalho de seus manos Chemical Brothers, Slim faz lembrar em três irresistíveis faixas deste seu segundo álbum o cruzamento "rachaassoalho". O problema de identidade é que persiste. Quem se identifica com uma certa cultura e curte um vazio hipnótico, dançará todas. Quem não se identificar ficará a em metade do disco. Já está de bom tamanho, né?

Pedro Só Nota 7

JARDS MACALÉ

O Q Faço É Música

Atração Discos

O "maldito" da MPB revisita sua obra

Com três décadas de carreira nas costas, Jards Macalé vem atuando em um esquema independente, apesar da inegável qualidade de seu trabalho. Neste CD ele dá um toque minimista a antigas composições, contando às vezes com esparsas colaborações do lendário guitarrista Lanny Gordin e da turma da Velha Guarda da Portela.

A abertura, com um pequeno poema do cineasta Glauber Rocha – Rio De Janeiro musicado por Macalé, já promete. A tradição sambista se faz presente em canções como "Favela" (de Padeirinho e Jorge Aloia) e "Cidade Lagoa" (Sebastião Fonseca e Cícero Nunes), enquanto o músico arranja vocais mais inusitados na canção do compositor cubano Silvio Rodrigues ("Unicórnio") e uma versão bossa nova para "Blue Suede Shoes", de Carl Perkins. Mesmo as regravações de antigas parcerias com Wally Salomão ("Vapor Barato") e Capinam ("Movimento Dos Barcos") e Vinícius De Moraes ("O Mais Que Perfeito") e Torquato Neto ("Deste Novo Mundo") soam renovadas pelos arranjos simples e pelo toque pessoal do violão de Jards.

Celso Pucci Nota 7

Pobre menina rica

JEWEL

Spirits

Atlantic/Continental

Jewel é uma pobre alma perdida no meio de um mar de desumanidade. Reclama dos encrenqueiros, dos fanáticos e ambiciosos e lamenta a destruição de todo tipo de beleza. Mas, segundo a cantora, esses problemas têm solução: basta nos unirmos e acreditarmos nas pessoas e então vamos descobrir novamente a essência da vida. Antigamente, os cantores folk que exaltavam essa virtude eram moralistas e agiam como chatos. Jewel não é nada disso. A glamourosa moonha é uma industria cantora platinada, sex symbol, poetisa best-seller e atriz.

Em seu novo disco, a deusa platinada casa intimidade acústica com sonoridade radiofônica em "Hands" e flerta com o rock na base "Down So Long". Já "Fat Boy", ode a um rapaz gordinho, mais parece cantoria de grupo de teatro. *Spirits* tem uma faixa escondida, "Little Bird", antigo sucesso dos anos 60 da cantora Marianne Faithfull – que Jewel canta à capela. Mesmo com eventuais falhas, este álbum é melhor do que os mais recentes trabalhos de cantoras do gênero.

Paulo Cavalcanti Nota 8

Lars Ulrich, Jason Newsted, Kirk Hammet e James Hetfield criam o "karaokê metal"

Fúria sem economia

METALLICA
Garage Inc.
Mercury/PolyGram

Já estava mais do que na hora de os fãs do Metallica terem acesso às ótimas versões que a banda fez, ao longo dos anos, para canções como "Last Caress", dos Misfits, e "Am I Evil", do Diamond Head. O quarteto então caprichou, raspou o tacho de todos os EPs e lados B e ainda gravou onze novas covers – das quais o baladão "Turn The Page", de Bob Seger, é a primeira música de trabalho – em um CD duplo. As novidades não se atêm ao metal/punk de sempre: lá está uma versão envenenada para "Loverman", de Nick Cave, e uma emocionada homenagem ao Lynyrd Skynyrd em "Tuesday's Gone". As favoritas da casa Mercyful Fate e Motörhead comparecem em peso e, para a alegria do planeta metal, quando o papo é cover, o Metallica não economiza em fúria.

Bernardo Araujo — Nota 8

MOJAVE 3
Out Of Tune
4 AD – IMPORTADO

Pro[illegible] com influências de [illegible] country, pop

No início dos anos 90 o casal Neil Halstead e Rachel Goswell estreava no cenário independente inglês com seu primeiro grupo, o Slowdive. A crítica inglesa os abraçou de cara e os chamava de *shoegazers*, termo relacionado à timidez dos dois que tocavam sem nunca encarar o público.

Com o final do Slowdive, Neil e Rachel assinaram com o selo 4AD e montaram o Mojave 3. O álbum *Out Of Tune* é o segundo lançado pelo grupo e arranca elogios de toda imprensa, que chega até a consagrar Neil Halstead como um novo Nick Drake (um dos ídolos de Renato Russo). Esse novo trabalho navega em várias direções com influências do início dos anos 70 e também fortes pitadas de country e folk music. Destaque especial para a faixa de abertura, "Who Do You Love".

Kid Vinil — Nota 8

KID ABELHA
Autolove
WEA

Pop p[illegible] pouca bem [illegible] da concorrência

No balanço das horas, nada deve mudar. A mais pop das bandas pop dos anos 80 faz questão de se manter como sempre foi, sem muitos acréscimos – ou seja, pop, pop e pop.

É claro que nisso está contido muito de supérfluo: sopros amestrados ("Tanta Gente", "Eu Só Penso Em Você"), letras inspiradas em Olavo Bilac ("Ouvir Estrelas"), refrões redundantes ("Depois Das Seis") e remixes. Mas não é o que mais conta. Presos pelo rabo ao pop pipoca, os kids tiram todo o proveito possível de ser goma de mascar, descartando incoerência, pretensão e conchavos. Por isso mesmo chegam até muito perto do chique, nas colaborações com o músico Egberto Gismonti ("Minas–São Paulo" e "Três Taças", faixas merecedoras da tarja "lindas"), no "plágio" do sucesso dos sertanejos Leandro & Leonardo ("Pense Em Mim") ("Mãos Estranhas", com auxílio luxuoso de letrista de Cris Braun), na *lounge doors* "Tambaú", na delicada "Maio" e na black disco em inglês "Somebody". A média pode dar perto de cinco, mas tudo bem, o pop nacional anda com média menos um e meio. Ah, se todas as vagabas fossem como essa Paulinha.

Pedro A. Sanches — Nota 6

GAL COSTA
Aquele Frevo Axé
BMG Brasil

Supervoz vo[illegible] apostar na qualidade

Voz, talento, carisma... Gal linda tudo para ser nossa Billie Holiday. Infelizmente, preferiu ser nossa Diana Ross, quase sempre enfatizando bela aparência e seguindo modas as mais efêmeras. De modo que seus bons discos são menos numerosos do que poderiam ser – este, porém, é um deles. Produzido pelo guitarrista Celso Fonseca (da banda de Gilberto Gil), o CD traz boas novidades (o samba-choro "Aquele Frevo Axé", de Caetano Veloso, a canção-axé "Aguarte Agora", de Carlinhos Brown) e regravações inspiradas ("Você" e "Que Beleza", de Tim Maia, "Esquadros", de Adriana Calcanhoto). Se você só conhecia a Gal da voz eternamente aguda, rumbas loucas e *minhor rambeiln*, prepare-se para conhecer a Gal de verdade.

Ayrton Mugnaini Jr. — Nota 9

HOOTIE & THE BLOWFISH
Musical Chairs
Atlantic/Continental

Terceiro disco do [illegible] grupo americano de rock

Só sendo americano até a medula para engolir o som do Hootie & The Blowfish. Dá para imaginar o ouvinte do quarteto com uma lata de cerveja na mão e um prato de bacon no colo vendo a final do campeonato de futebol local e ouvindo este *Musical Chairs*. O terceiro disco da banda é uma mistureba de influências do rock branquelo dos anos 70 (há ecos de Bob Seger), country music e baladinhas insossas tocadas no violão.

Se ao menos o quarteto conseguisse criar uma identidade, tudo bem. Mas o resultado é enfadonho, um som caduco de mais. Nessa praia, o melhor é ficar com os Wallflowers. Pelo menos eles soam mais sinceros.

Hélio Gomes — Nota 3

DROWN
Product Of A Two Faced World
Slipdisc/Abril

Novatos do metal industrial mostram força

O Drown é uma banda americana de estilo semelhante ao do badalado grupo Korn e do endiabrado Rob Zombie. O cantor e letrista é um grandalhão tatuado de nome Lauren Boquette que não se cansa de se queixar da vida. Em canções como "The Day I Walked Away", "Tired Of Living Like This" e "I Hate What I Am", ele expõe seu sofrimento e insatisfação com o mundo e consigo. Ainda que nem todos estejam dispostos a ouvir a ladainha, com certeza Boquette soa 100% sincero. O baterista Marco Forcone, o baixista Sean E. Demott e o guitarrista Patrick Sprawl – além das programações muito bem feitas – dão peso de sobra às canções, mas às vezes soam repetitivos. Vale como estréia, para quem não se importa de ouvir som barulhento e lamúrias.

B.A. — Nota 7

B-Real (o careca de cavanhaque) comanda o novo ataque sonoro do Cypress Hill

CYPRESS HILL
IV
Ruffhouse/Sony Music

O trio formado nos subúrbios de Los Angeles por B-Real (Louis Freese), Sen Dog (o cubano Senen Reyes) e DJ Muggs retorna com um álbum marcado pelo despojamento melódico e poético, que se traduz em embalos hipnóticos conduzindo letras diretas. Desde a abertura com "Looking The Eye Of A Pig", passando por faixas como "From The Window Of My Room" e "Prelude To A Core" (com samples do grupo experimental alemão Amon Duul I), o rap minimalista e provocante do Cypress Hill dá a tônica do CD.

As "bandeiras" explícitas sobre a maconha – que fizeram a fama do grupo – surgem na hilária "Dr. Greenthumb" (uma espécie de manual de como cultivar a erva), em "High Times" e no final de "Lightning Strikes", entre outras inúmeras passagens do disco.

Celso Pucci — Nota 8

Adeus bandidagem

Qual a maior qualidade de *IV*?
B Real – Foi um disco em que buscamos caminhos diferentes para o rap. Está mais barulhento, desordenado e muito mais musical do que os nossos trabalhos anteriores. As letras também melhoraram.

Os fãs do Cypress Hill vão gostar [illegible]?
A maioria deles é fiel, ouve tudo que fazemos. Eu gostaria que eles prestassem mais atenção na música e nas letras deste disco. Para os que não conhecem nosso trabalho, eu gostaria que eles ouvissem o disco com a mente e com o coração abertos.

As letras mudaram. Você não usa tantos termos do gangsta rap (o *hip hop que glorifica armas e trata as mulheres como objeto sexual*), não?
Eu prefiro falar da minha vida atual – e ela tem pouco ou quase nada a ver com a realidade gangsta. Eu não ouço gangsta, prefiro esse hip hop mais acelerado que as pessoas estão fazendo hoje em dia.

Existe um "lado negro" no rap?
Sim, tem muito artista aí que explora o rap para fazer dinheiro. São pessoas sem amor no coração. É melhor ouvir Madonna, que é muito boa.

O rap é visto como uma música para gente durona. Qual foi a última vez que você chorou?
Quando a minha avó morreu, anos atrás. Um homem pode chorar de frustração. Por exemplo, quando ele não tem condições de dar comida para a família. O que não é o meu caso.

Beleza bruta

PORTISHEAD
Roseland NYC Live
Go Beat/PolyGram

Portishead ao vivo no Roseland Ballroom, em Nova York. Ou: como criar beleza bruta em onze faixas essenciais. Há algo de sublime neste CD, gravado em julho do ano passado. O mundo agradece. "Porque essa vida é uma farsa/ E eu não posso respirar enfiada nessa máscara", canta Beth Gibbons, a ninfeia de Bristol, que cumpre hoje o papel que nos anos 80 foi de Liz Fraser, dos Cocteau Twins.

O guitarrista Adrian Utley, que é o cérebro da banda, explicou que a utilização de uma orquestra de cordas com trinta integrantes deu um novo *timing* ao grupo. "Tivemos de tocar mais baixo para que a orquestra fosse ouvida", contou. Isso limou aqui e ali algumas vicissitudes dos sintetizadores e tornou o Portishead ainda mais melódico, mais sutil. Aquela marcação artificial da bateria, própria do trip hop, tambem teve de transmutar-se. E Geoff Barrow, o baterista, parece que encarnou um jazzista de última hora.

O Portishead junta à sofisticação musical uma grande dose de lirismo nas letras, o que faz alguma diferença no mundo da pós-eletrônica. Recusa a rendição fácil das brincadeiras sentimentais, investe no elogio da transgressão, da diversidade artística. Em "M steryons", faz emergir das bases eletrônicas sons etéreos, hipnóticos. "Only You" ganha uma atmosfera de acid jazz, empurrada por uma dupla de saxofones.

Apenas duas das canções do CD não foram gravadas em Nova York. "Sour Times" (registrada em abril deste ano, em São Francisco) e "Roads" (gravada na Noruega, em julho). O grupo acha que as expectativas crescem conforme seu trabalho avança, mas seu trabalho só pode avançar se eles próprios tiverem tempo, distanciamento e desprendimento para ouvir e assimilar. "É difícil divisar para onde estamos indo", diz Utley. "É como aprender em público." Para nós, ouvintes, é como assistir a uma chuva de asteróides em pleno dia.

Jotabê Medeiros Nota 8

BEACH BOYS
Endless Harmony
Capitol/EMI Music

O surgimento, ano passado, da série de CDs piratas chamada *Unsurpassed Masters* fez com que os Beach Boys fuçassem seus arquivos atrás de material inédito. O resultado é *Endless Harmony*. Boa parte do disco traz músicas ao vivo gravadas em diversas fases da banda ("Heroes And Villains", "Darling" e um *medley* com sucessos da época do surf), ensaios ("Good Vibrations" e "God Only Knows", em que brilham as harmonias vocais de Carl Wilson) e algumas versões em estúdio ("California Girls", "Kiss Me Baby"). A despeito de muita gente só falar da genialidade do líder Brian Wilson, este material de arquivo é uma justa oportunidade para destacar o talento de seu irmão Carl, morto em janeiro deste ano, vítima de câncer.

Paulo Cavalcanti Nota 9

JONNY LANG
Wander This World
(A&M/PolyGram

Uma [illegible] sensação [illegible] hora para outra [illegible] sucesso instantâneo. Foi o que ocorreu com Jonny Lang.

O jovem bluesman estreou em 1996, com o disco *Lie To Me*. Os solos e as pegadas blueseiras da sua guitarra, junto aos vocais rasgados, eram gratas surpresas, incomuns para um garoto da sua idade. Tanto que ele foi escolhido como a revelação do ano pela revista *Billboard*, abrindo shows para os Rolling Stones, Aerosmith e B.B. King.

Agora, Jonny retorna com um segundo álbum, geralmente uma grande responsabilidade para um jovem músico que surgiu tão repentinamente como ele. Mas [illegible] se da bem. *Wander This World* abre outras perspectivas para o guitarrista que expande seu leque de referências para o rock (a faixa título e "The Lovee") e o rhythm n' blues ("Still Raining, Still Dreaming", "Second Guessing"), o funk ("I Am", "Before You Hit The Ground") além de se arriscar no rockabilly ("If This Love") e até na valsa ("Leaving To Stay"). Sem abandonar o espírito do blues, Jonny traz um trabalho eclético que o coloca novamente em evidência entre as caras novas do momento.

Celso Pucci Nota 7

CHICO BUARQUE
As Cidades
BMG Brasil

As Cidades não se revela [illegible] primeira audição. Extremamente lírico, naque[illegible] sentido de mostrar emoções e sentimentos íntimos, o disco é melodicamente sutil. Nada de ritmos dançantes, nada de refrões fáceis, nada de melodias que grudem no ouvido para sair assoviando. Mesmo "Carioca", misto de homenagem ao Rio e roteiro do cotidiano observado por um recém-descasado com seu cefrá de pregoeiro e acompanhamento percussivo, não chega a ser música para tocar no rádio. Mas quem parar para ouvir vai encontrar um trabalho refinado que cresce na medida em que é ouvido novamente. "Cecília", "Você, Você", "Sonhos, Sonhos São", "Xote De Navegação" e "Iracema Voou" fazem de *As Cidades* uma obra do tamanho de *Paratodos*. O que quer dizer muito.

Fabio Rodrigues Nota 9

JONI MITCHELL
Taming The Tiger
Reprise/Warner

O mundo gira, as modas passam e Joni Mitchell continua fiel às próprias idiossincrasias. Ainda bem. Seu novo disco, *Taming The Tiger*, é tudo o que se espera da grande cantora e compositora canadense. Como já havia feito no bom CD anterior, *Turbulent Indigo* (de 1994), e em tantos outros ao longo de sua carreira, ela trafega entre a dinamarca do jazz, o intimismo folk e um discreto tom pop com fluência invejável.

Suas histórias, ora bizarras, ora tocantes com estranhos diálogos surgindo aqui e ali no meio das letras, carregam uma moral que definitivamente não é a dos outros – nem mesmo a das cantoras que tentam inutilmente imitá-la, como Jewel, Alanis Morissette e Sarah McLachlan. "Stay In Touch", dedicada à filha que Joni reencontrou depois de tê-la abandonado para a adoção aos trinta anos atrás, "Face Lift", um acerto de contas com a mídia, a música título (a mais famoso poema de William Blake) e faz um ataque elegante à mediocridade que assola as rádios, e "Harlem In Havana" é uma canção divertida e nos lembra os bons shows de jazz.

Os arranjos às vezes carregam demais no uso dos teclados (na própria Joni, que ainda toca violão, guitarra e cuida até de assinar a produção) e do sax do convidado especial Wayne Shorter. Mas, pensando bem, se não fosse assim, não seria um disco de Joni Mitchell.

Daniel Benevides Nota 8

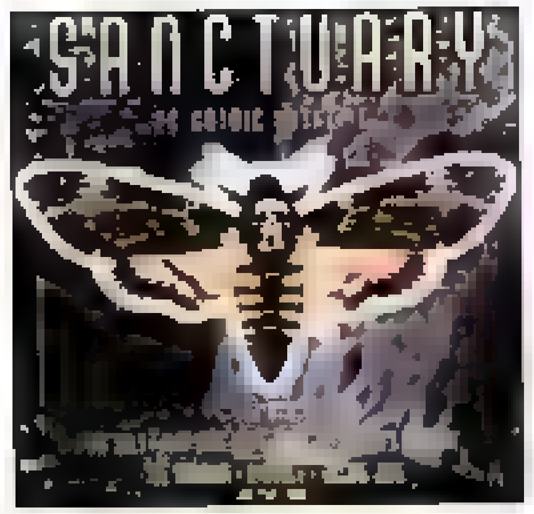
O samba pede passagem

VÁRIOS
Esquenta Na Sapucaí Nota 6
Sambas-Enredo Do Grupo Especial 1999 Nota 9
[illegible]

Esquenta Na Sapucaí é um registro dos sambas de "esquenta", aqueles que puxador e bateria tocam antes de começar o samba-enredo do ano. Pena que, das treze agremiações, quatro (Mocidade, Caprichosos De Pilares, Viradouro e Beija-Flor) comparecem no CD com seus sambas de 1998. Mas os amantes do samba tradicional vão aprovar as belas versões de "Exaltação À Mangueira" e "Foi Um Rio Que Passou Na Minha Vida", da Portela. Há boas mudanças no CD dos sambas de 1999: as cadências estão mais lentas, valorizando as melodias, os puxadores estão mais preocupados em cantar os sambas e a bateria soa limpa, sem a confusão das gravações ao vivo. Outra mudança é a participação de Alexandre Pires, do Só Pra Contrariar (Mangueira), e de Belo, do Soweto (Beija-Flor). E os sambas de Império Serrano, Mangueira, Viradouro, Vila Isabel e Imperatriz Leopoldinense são acima da média.

Bernardo Araujo

"Só pra contrariar", Alexandre Pires canta ao lado de Jamelão



VÁRIOS
Sanctuary - 25 Gothic Anthems
Universal Music

Coletânea revisita [illegible] dos góticos

A turminha do cemitério pode tirar o pó do casacão preto. Este álbum duplo consegue reunir em 26 faixas o melhor do chamado "rock gótico", com a presença de todas as bandas que valeram a pena nessa falange do pop, apesar da [illegible] da ausência do Sisters Of Mercy, um dos maiores nomes desse estilo cavernoso. A ausência [illegible] preenchida pelo Mission, uma dissidência das [illegible] do [illegible] rock soturno com uma linha forte de baixo, bateria marcial e guitarras e vocais saídos do inferno. Como disse certa vez um dos ícones do gênero, Peter Murphy, esquelético e carismático cantor do Bauhaus: "É qualquer música ouvida dentro de uma tumba". Lindo.

Há um detalhe: algumas canções escolhidas não representam [illegible] maior hit da banda. O [illegible] do Bauhaus, por exemplo, comparece com "She's In Parties" e não com "Bela Lugosi's Dead", como seria a opção óbvia. Idem para "Spiritwalker", a faixa do grupo inglês Cult, que deveria ter entrado com "She Sells Sanctuary" - até pela referência explícita ao título da coletânea. Mas o álbum duplo é ótimo [illegible] por incluir coisas desta década, como Nine Inch Nails e Marilyn Manson, que pagam tributo aos pioneiros góticos.

Thales de Menezes Nota [illegible]

NENHUM DE NÓS
Paz E Amor
Paradoxx

Produção classe A, letras nem tanto

Se no disco anterior, o Nenhum De Nós se preocupava com o mercosul musical, agora a banda [illegible] mais no pop internacional. De *Mundo Diablo* para cá, o quinteto gaúcho se apresentou no festival Tordesilhas da MTV, mudou de gravadora e resolveu [illegible] [illegible] lema [illegible] para batizar o novo trabalho.

Sexto álbum de [illegible] carreira de onze anos, *Paz E Amor* foi gravado no Rio, mixado no País de Gales - pelo engenheiro de som Dave Charles, o mesmo que produziu o disco do Charlatans - e masterizado na Inglaterra.

O grupo alterna letras apaixonadas ("Esse foi um beijo de despedida. Que se dá uma vez só na vida") com manifestos hippies ("Flores na cabeça. Nossos pés descalços/ Nossa vida toda De paz e amor" [illegible] essa nem o [illegible] Oswald Montenegro [illegible] igualaria). E mesmo que [illegible] em mudança [illegible] nos [illegible] ("[illegible] Ser" [illegible] "Meu Mundo E Nada Mais", de Guilherme Arantes), o Nenhum recupera algumas fórmulas conhecidas. Por exemplo, a adaptação de canções de *hermanos portenhos*, no caso "Rezo Por Nós", de Charly García e Luiz Spinetta, e a releitura de um pequeno clássico da música gaúcha com a regravação de "[illegible] De Paris", de Nei Lisboa. São os melhores momentos [illegible]

Marcio Pinheiro Nota 4

TOM ZÉ
Com Defeito De Fabricação
Luaka Bop IMPORTADO

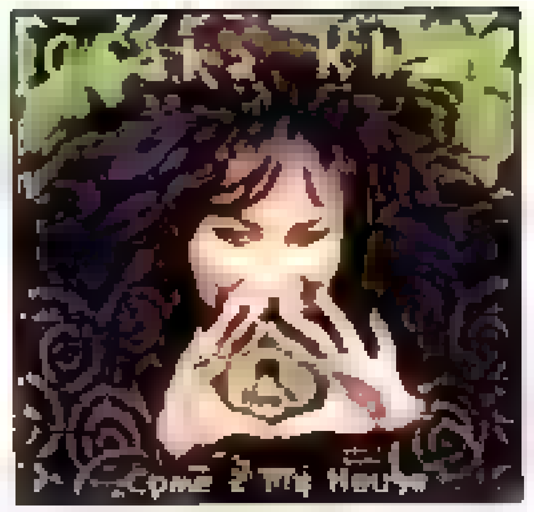
Ponta de estoque tropicalista

Ironias abrasivas do destino: Tom Zé, o "tropicalista que não deu certo", virou cult no Primeiro Mundo. O acaso de sua descoberta via David Byrne consolida-se neste novo CD da Luaka Bop, em que ele desenvolve a teoria do "autoplágio".

Tom Zé reprocessa em "Burrice" sua própria "Sabor De Burrice", do disco de estreia, exatos trinta anos atrás no meteórico selo AU (Artistas Unidos) a Som Livre da TV Record da época. "Gene", que abre o disco em compasso de samba quebrado, vem de "Sã [illegible]", de um LP gravado na Continental em 1972. "Xique-Xique", parceria com Zé Miguel Wisnik (autor de várias letras do Rumo), com seu reco-reco de boca e a gravidade vocal de Arnaldo Antunes, foi gravada no ano passado para a trilha de *Parabelo*, balé do Grupo mineiro Corpo.

Mesmo com tantos reaproveitamentos, as pontas de estoque deste [illegible] louco da MPB valem mais que a maioria das grifes da praça. Além da desconstrução do samba ("O Olho Do Lago", "Postcar"), que lhe garantiu o ingresso no mundo civilizado, o baiano de Irará brinca com o [illegible] baião ("Esteticar") e até com um tango ("Cedo Tardar"). Inventa ainda um desconjuntado "Tangolomango" (com um pé no chá-chá-chá), que esconjura os juros da ganância capitalista. Da seresteira "Valsar" à tribal para turista "Emorê", Tom Zé reina em sua arte rara. Pratica o cabecismo de ponta-cabeça.

Tárik de Souza Nota [illegible]



CHAKA KHAN
Come 2 My House
NPG/BMG Brasil

Vozeirão sem [illegible] produzido por Prince

Depois de anos sem pisar num estúdio, a cantora americana Chaka Khan volta em grande estilo. A começar pelo parceiro "simbiótico", o artista conhecido anteriormente como Prince. A união dessas duas forças sua melhor do que os lançamentos mais recentes do cantor.

Chaka mostra seus dotes vocais logo na faixa-título "Come 2 My House", uma balada em que o duelo entre a turma dos metais e o vozeirão da diva transforma-se numa das coisas mais chiques ouvidas nos últimos tempos. O disco decepciona quem espera ritmos mais dançantes - que Chaka soube explorar em "I Feel For You", hit de 1984. A única tentativa dançante é "Dettocrazy", parceria da cantora com Prince. Mas nem isso impede que *Come 2 My House* seja apreciado pelos amantes da boa música negra.

Claudia Lima Nota 8

Nick Rhodes, Simon Le Bon e Warren Cuccurullo passam a raspa no tacho

Todos os espasmos

DURAN DURAN
Greatest
EMI Music

Para quem já possui *Decade*, coletânea lançada em 1989, esta nova antologia do Duran Duran é redundante. O material dos anos 90 não acrescenta muito: despreza o interessante *Thank You* (de 1995, tido injustamente como o pior disco de covers de todos os tempos) e regurgita hits ruins como "Ordinary World". O encarte, sem letras nem textos biográficos, é desperdiçado por bobagens que algum diretor de arte achou bonitas. Apesar disso, para quem não tem *Decade*, *Greatest* vale a pena. O Duran foi uma excelente banda pop durante dois álbuns (o primeiro, *Duran Duran*, é um grande disco, até hoje incompreendido), no começo dos anos 80. Depois de 1984, teve apenas espasmos de inspiração. Mas eles ("Notorious", "All She Wants Is", a recente "Electric Barbarella") estão todos aqui.

Pedro Só Nota 7

"A gritaria nos shows não fazia sentido"

Vocês se sentem parte desse revival dos anos 80?

Simon Le Bon – Não, o Duran Duran não entrou numa onda nostálgica, não estamos fazendo música de *revival* dos anos 80. Também não queremos morrer quando esse *revival* acabar. Além disso, não sumimos como o Culture Club ou o Human League. Continuamos a fazer parte da vida das pessoas todos esses anos.

Você acha que os fãs amadureceram junto com o grupo?

Sim. Por termos vindo do *underground*, sempre consideramos meio bizarro ter um monte de fãs adolescentes. Claro que depois acostumamos, mas simplesmente não fazia sentido toda aquela gente gritando nos shows.

Qual foi o impacto da saída do baixista John Taylor?

Ele saiu em março de 1997. Ficamos obviamente muito tristes, mas entendemos que ele precisava caminhar sozinho e tocamos em frente. Acho que na faixa "Electric Barbarella" mostramos que superamos todos os problemas internos. Quanto a John, ele estava morando em Los Angeles e ficava difícil acompanhar o trabalho da banda de tão longe. Mas continuamos amigos. Estamos torcendo por ele e por sua carreira solo.

Aos 40 anos (completados em outubro), como você se sente?

É só um número. Quem sabe agora eu consigo crescer...

Um Show De Frota Leva O Seu Espetáculo

Temos o veículo de acordo com a sua necessidade, porque o espetáculo não pode parar.

Somos uma empresa especializada em grandes eventos, preparada para viagens nacionais e internacionais e, por isso, temos à sua disposição uma frota completa, com ***ônibus de luxo, Low Driver, Double Deck, Leito e convencional.***

Temos também ***micro ônibus, vans, automóveis com ar condicionado, limousines com TV, vídeo, etc.***

Frete & Cia. Uma empresa que, tendo você como cliente, vai longe.

FRETE & CIA

0800-553387

Central: (011) 834.5298

www.fretecia.com.br

fretecia@fretecia.com.br

Divulgação

GENESIS
Archive: 1967-75
Virgin Records

Na história do rock, poucos grupos se tornaram tão destrambelhados como o Genesis. Sua primeira fase, desde a criação até a saída do vocalista Peter Gabriel, foi marcada por uma música cerebral, em que o cantor encarnava os mais diversos personagens de suas letras, enquanto a banda mandava ver um som melodioso e sofisticado. Já sem Gabriel, com o então baterista Phil Collins nos vocais, o trabalho do grupo degringolou para um pop anódino e repetitivo.

A caixa quádrupla *Archive 1967-75* sabiamente restringe-se aos registros do grupo com Gabriel. Mais: não se trata de uma mera compilação, o pacote prima por trazer apenas material raro e inédito. Os dois primeiros CDs apresentam a versão integral do álbum duplo *The Lamb Lies Down On Broadway* (o último com Gabriel), gravada num show no Shrine Auditorium, em Los Angeles, no início de 1975.

O terceiro disco também é bem interessante, destacando-se várias faixas do álbum *Selling England By The Pound* (1973), gravadas ao vivo com boa qualidade no Rainbow Theatre, em Londres. Mas as maiores atrações estão nas demos feitas entre 1967 e 1969, que compõem a maioria das vinte faixas da bolacha final. Lá se percebe que todas as idéias poéticas e musicais que iriam orientar o som do grupo já estavam presentes. As letras surrealistas de Gabriel e as elaboradas progressões harmônicas dos instrumentistas se esboçavam, em meio à pronunciada influência dos Beatles e do folk rock inglês na linha do Fairport Convention, em faixas como "Image Blown Out", "One Day", "Sea Bee" e "Try A Little Sadness".

Celso Pucci Nota 8

VÁRIOS
A Trip To Brasil – 40 Years Of Bossa Nova
Motor/Verve IMPORTADO

Viagem fantástica com reis da bossa

Apresentada como "a coletânea definitiva de hits essenciais e cult da bossa", esta viagem organizada pelo produtor e crítico Arnaldo de Souteiro cumpre a promessa. Parte de um fonograma de 1953, "Eu Quero Um Samba", com o grupo Os Namorados, que já apresentava a batida no acordeão do jovem João Donato. Inclui a primeira aparição oficial da bossa, no violão de João Gilberto que conduz "Chega De Saudade" cantada por Elizeth Cardoso, clássicos obrigatórios como "Gir From Ipanema" (do disco *Getz/Gilberto*, dando finalmente o justo crédito ao baixista Tião Neto), "Corcovado" (com Tom Jobim), "Manhã De Carnaval" (com Luiz Bonfá) e "Mas Que Nada" (a do comercial do Ronaldinho Amarelinho, com o Tamba Trio), e escolhas bem sacadas tipo "Balançamba" (com Roberto Menescal, Eumir Deodato e raros vocais de Aluísio de Oliveira).

Com uma abordagem jazzística na seleção e deliciosos textos explicativos no libreto de 28 páginas, Arnaldo faz deste CD duplo uma homenagem ao músico brasileiro. Wes Montgomery, Oscar Peterson e Quincy Jones à parte, *A Trip To Brazil* valoriza a pegada agreste de Baden Powell ao violão, o trombone de Raul de Souza, os saxes de Paulo Moura e Meirelles, a sutileza do baterista João Palma. O disco tem apenas um deslize: por erro de revisão, "Fotografia" com Nara Leão e Tom, que é de 1977, saiu com a data de 1997.

Pedro Só Nota 8

Dicionário amoroso

reedição

SUZANNE VEGA
Tried And True – The Best Of
A&M/PolyGram

Suzanne Vega é mais conhecida como a "voz doorinha que canta 'Luka' ". Mas esse título é muito pouco para a dona de uma das mais belas e melodiosas vozes da música mundial. Menos ainda para uma autora de letras brilhantes sobre solidão, encantamento, medo, desejo e amores.

Este disco reúne acertadamente o melhor da sua carreira, desde 1985 até duas boas canções inéditas, "Book & A Cover" e "Rosemary". Os destaques ficam por conta de algumas composições consideradas perfeitas pelos adeptos de Mrs. Vega: "Caramel", "Marlene On The Wall", "World Before Columbus", "99.9F°" e "The Queen And The Soldier". Aparecem ainda na listagem das melhores "Tom's Diner" – na versão dançante do DNA – e "Left Of Center", que fez parte da trilha do filme *A Garota De Rosa Shocking*.

Além de sua voz e composições, Suzanne oferece aos ouvidos sons orgânicos e emocionantes, fazendo ótimo uso da tecnologia. Resumindo: este disco é obrigatório para aqueles que amam e os que ainda vão se apaixonar pela música de Mrs. Vega.

Fernanda Pista

Fernanda Takai (vocalista e guitarrista do Pato Fu) Nota 9

As belas melodias de Mrs. Vega presentes neste *best of*

Jo Gi Hoon/Corbis

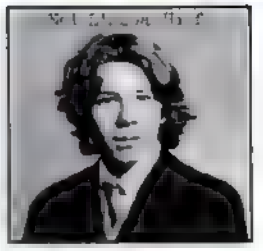
VÁRIOS
Velvet Goldmine
London Records - IMPORTADO

Trilha homenageia grandes nomes do *glam rock*

Originalmente, *Velvet Goldmine*, filme de Todd Haynes sobre a cena *glam rock* dos anos 70, seria uma biografia escandalosa de David Bowie. Mas o astro vetou a idéia e o uso de suas músicas. Então os produtores – Michael Stipe (R.E.M.) à frente – se viraram e *Velvet* virou um épico *flamboyant* sobre estripulias de cama e palco de um tal Brian Slade (Jonathan Rhys-Meyers), inglesinho andrógino, símbolo sexual de moços e moças.

Para a trilha, um *dream team* foi chamado para "recriar a atmosfera da época" e suprir a falta dos originais. Grant Lee Buffalo e Pulp trazem xerox de próprio punho, mas o grosso do material é de covers (Roxy Music, T. Rex, Brian Eno, New York Dolls), a cargo de Placebo (uma "20th Century Boy" feroz que deixaria o próprio Marc Bolan com inveja), Teenage Fanclub (com Donna Matthews, da Elastica) e duas bandas *all star*. Uma delas é Venus In Furs (Thom Yorke, do Radiohead, secundado entre outros pelo ex-saxofonista do Roxy Music, Andy MacKay, e pelo guitarrista Bernard Butler, ex-Suede). A outra chama-se Wylde Rattz, um sub-Stooges com Mark Arm (Mudhoney), Steve Shelley (Buzzcocks), Thurston Moore (Sonic Youth), o stooge autêntico Ron Asheton e o ator Ewan McGregor (o Iggy Pop mal disfarçado da tela) no vocal. A idéia foi chupar os originais e pode incomodar os fãs. Mas a execução é competentíssima.

Jaime Biaggio Nota 8



NEI LISBOA
Hi-Fi
Paradoxx

Lenda do rock gaúcho em projeto *unplugged*

Ele poderia ser um nome nacional, representando para os gaúchos algo parecido com o que Chico Science representava para os pernambucanos. Mas Nei Lisboa se manteve longe de mais das capitais, preferindo continuar passeando pelo Bonfim, pelo Parque da Redenção, fazendo compras no camelódromo próximo ao Mercado Público e produzindo trabalhos em editoração eletrônica. Isso acarreta alguns problemas (seu disco já foi classificado num sebo do Rio como sendo de música portuguesa), mas para um povo bairrista como o gaúcho, essa opção por Porto Alegre – ao contrário da até hoje polêmica Elis Regina, que deixou a querência – vale quase tanto quanto um manifesto separatista.

Hi-Fi é disparado o melhor disco já gravado por Nei Lisboa. Mesmo sem as letras de sua autoria, tão emblemáticas para um compositor tão identificado com sua aldeia como o e.e. *Hi-Fi* capta um Nei inspirado como intérprete, seja na conhecida "Everybody's Talking" (do cantor Nilsson, que entrou na trilha de *Perdidos Na Noite*), ou então na serena versão para "Bennie & The Jets", do histriônico Elton John, na adaptação de "Sometimes It Snows In April", daquele que um dia se chamou Prince, ou até mesmo na virulenta "I Shot the Sheriff", de Bob Marley. Nei Lisboa em alta-fidelidade subverte o ditado e mostra que cantando o mundo pode também estar cantando a sua aldeia.

Márcio Pinheiro Nota 7

MOTÖRHEAD
Snake Bite Love
SPV IMPORTADO

Trio da pesada em boa forma

Um disco do Motorhead não costuma apresentar muitas surpresas, e é por isso mesmo que o trio formado por Ian "Lemmy" Kilmister (baixo e voz), Phil "Wizzo" Campbell (guitarra) e Mikkey Dee (bateria) – o outro guitarrista, Wurzel, saiu da banda anos atrás e se lançou recentemente como artista de dance music – segue como um dos mais respeitados entre os fãs de rock pesado. É o caso deste *Snake Bite Love*.

Com uma produção clara e crua (que deixa em evidência o baixo Rickenbaker de som sujo de Lemmy e as econômicas guitarras de Campbell), ótimos riffs e a bateria pesada e criativa de Dee – ex-integrante da banda do cantor King Diamond –, o disco é Motörhead da cabeça aos pés. Desde a primeira canção, "Love For Sale", passando por outras pancadas, como "Take The Blame" e "Desperate For You", até a balada (!!) "Dead And Gone" e a bluesera "Joy Of Labour", tudo mostra a banda em ótima forma em sua terceira década de atividade. Enquanto a voz rouca de Lemmy (que já passou dos 50) e sua combalida audição não apresentarem danos irrecuperáveis, ótimo.

Bernardo Araujo Nota 9

B.B. KING
Blues On The Bayou
MCA/Universal Music

Mestre do blues volta às suas raízes

Do alto de seus 73 anos, Blues Boy King resolveu voltar às puras raízes do blues. Isso porque no álbum anterior (*Deuces Wild*, de 1997), o velho B.B. arregimentou célebres convidados para enveredar pelo rock (ao lado dos Rolling Stones e de Eric Clapton), pelo country (com Willie Nelson e Bonnie Raitt) e até pelo hip hop (com o rapper Heavy D.). O resultado era uma diluição da sua obra.

Neste novo disco, o guitarrista buscou a fonte de inspiração em suas origens, com uma só banda, trancou-se em um estúdio nos cafundós de Louisiana e, durante quatro dias, registrou este respeitável disco de blues. Entre os temas instrumentais da faixa de abertura ("Blue Boys Tune") e de encerramento ("If That Ain't It I Quit"), brilham músicas como "I'll Survive", "Mean Ol' World" e "Good Man Gone Bad", entre outras. Por sinal, esta foi a primeira vez que o bluesman produziu totalmente um álbum gravado por ele mesmo. Quem sabe, se continuar com a mesma intenção, Blues Boy King consiga realizar trabalhos tão bons quanto os de outro bluesman "setentão" um tal de John Lee Hooker.

Celso Pucci Nota 6

JACK
The Jazz Age
Too Pure

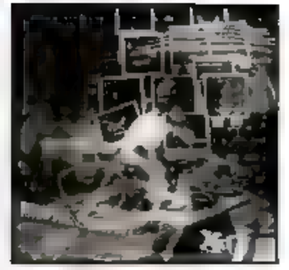
O mais perfeito retrato da boemia londrina

Neste seu segundo álbum, o grupo Jack faz um vigoroso painel romântico da boemia londrina. O duelo caminho entre a sátira e a glamourização do modo de vida dos tipos "sonhadores" alimentados em pubs enfumaçados, bêbados de nostalgia, de desilusão e de cerveja amarga. *The Jazz Age* já foi chamado de "a Capela Sistina do rock orquestral moderno" pela crítica inglesa.

O destaque deste sexteto inglês é Anthony Reynolds, cantor carismático, de barítono aveludado, *sex appeal* e um afiado senso de auto-ironia. Entre as influências confessas, estão Lou Reed, Scott Walker (ídolo de David Bowie) e a cantora, modelo e figura trágica Nico – que é reverenciada pela banda em "Nico's Children" e "Cinematic", as duas melhores canções de *Jazz Age*.

O Jack é uma das melhores bandas semidesconhecidas da Inglaterra, e este álbum é perfeito para fazer de conta que se está num hotel em Londres, namorando à luz de velas.

Thomas Pappon Nota 9



ELLIOTT SMITH
XO
Dreamworks IMPORTADO

Novo geniozinho no pop americano

Este trovador boêmio de cabelo ensebado, roupas encardidas, cara feia e preciosas melodias lançou seus três primeiros discos solo pelo selo alternativo Kill Rock Stars ("Mate Astros do Rock"). Depois de indicado para o Oscar de Melhor Canção por "Miss Misery" (tema de *Gênio Indomável*, filme escrito e interpretado pelos prodígios Matt Damon e Ben Affleck), foi rapidamente "cooptado pelo sistema". Que bom! A gravadora de Steven Spielberg lhe deu casa, comida e dinheiro – para ter as roupas lavadas e pagar um estúdio decente.

Abandonando o formato voz-e-guitarra-em-quatro-canais, Elliott Smith continuou economizando na lavanderia, mas não poupou inspiração. Com piano, chamberlain (uma pianola velha), ocasionais cordas e metais, suas baladas tristes, quase sempre afogadas em desamor e bebida, fulgem como deveriam. A valsinha "Waltz # 2 (XO)", "Baby Britain" e "Independence Day" são obras-primas.

Pedro só Nota 9

THE BEATLES
The Beatles
Apple/EMI Music

reedição

O velho preconceito da crítica ensina que os Beatles erraram a mão neste disco e que ele deveria ser um álbum simples. Passados trinta anos de seu lançamento, *The Beatles* (no Brasil, conhecido como *Álbum Branco*) é relançado com capa e encarte originais – e sua avaliação é mais do que oportuna.

A obra é uma bela coleção de rocks básicos ("Back In The U.S.S.R.", "Revolution"), baladas ("I Will", "Blackbird", "Julia") e o disco em que George Harrison definitivamente acerta a mão como compositor ("Piggies", "Good Night" e "While My Guitar Gently Weeps", com solo de guitarra de Eric Clapton). E se Harrison está em boa forma, John Lennon e Paul McCartney também não ficam atrás (Ringo Starr é café-com-leite): enquanto o primeiro chafurda com classe na lama blue ("Yer Blues") e na paródia ("Glass Onion", que ironiza os beatlemaníacos que procuram "segredos" nos álbuns do quarteto, "Sexy Sadie" e "Everybody's Got Something To Hide Except Me And My Monkey", que acaba com a reputação do "filósofo" oriental Maharishi), Paul brilha no protometal "Helter Skelter". Um disco básico.

Sérgio Martins Nota 9

Com caipira não se brinca

GARTH BROOKS
Double Live
Capitol/EMI Music

Garth Brooks renova o country com truques de rock de arena

Garth Brooks revolucionou a country music. Artista que mais vende na música americana, o chapeludo de Oklahoma dá a seus shows um jeitão de megaconcerto de rock, com uma pirotecnia que bate de frente com Rolling Stones e outras superbandas – ele chega até a "voar" sobre a platéia, efeito especial típico de Gene Simmons, o linguarudo do Kiss.

Neste inevitável CD duplo ao vivo, ele apresenta o creme de álbuns clássicos como *No Fences* e *Sevens*.

Excelente compositor de baladas, Garth despeja canções românticas do quilate de "If Tomorrow Never Comes" (gravada por Renato Russo em *O Último Solo*) e "Standing Outside The Fire" – que tocou em algumas rádios-rock brasileiras. Se sai ainda melhor em músicas rápidas e dançantes, como os *honky tonky* (canção típica de boteco) "Friends In Low Places" e "American Honky Tonky Bar-Association" e no *western swing* (country com levada de jazz) "Longneck Bottle".

Double Live também traz as inéditas "It's Your Song" e "Wild As The Wind" (dueto com Trisha Yearwood). Deve funcionar ainda melhor em vídeo, mas já que a coletânea *The Hits* encontra-se fora de catálogo, este showdisco serve como uma excelente introdução ao trabalho de Garth Brooks.

Paulo Cavalcanti Nota 8

SHOW
Para anunciar ligue:
Tels: (011) 3037-4741
3037-5868
3037-5474

A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Enviamos para todo país.
Aceitamos cartão
Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta
Loja 15 - cep 01041-000 - Centro - SP
LONDON CALLING
CD'S - VHS - LD'S
(011) 223-5300

Ao Vivo

Rock até o sol raiar

Roger e o Ultraje emocionaram a galera com novas e velhas canções

Festa da Brasil 2000

Broadway (São Paulo) 10/12

Um sábado [illegible] numa tempestuosa – no sentido meteorológico também – noite paulistana de quinta-feira. Dezoito bandas subiram ao palco para comemorar o final do ano na rádio Brasil 2000 (107,3 FM), porto seguro dos fãs de rock no dia [illegible] da capital paulista. Na Broadway, mais de 3 mil pessoas suadas circulavam entre os dois palcos, bares e piscina (com direito a mergulho) das 22h até as 7h45 da manhã.

A produção previa shows de 30 a 45 minutos, alternando-se nos dois palcos. Mas o revezamento só funcionou até meia-noite, quando se decidiu chutar o balde e promover shows concomitantes – se não fosse assim, a festa só teria acabado lá pelo meio-dia. Lobão e o quinteto thrash Korzus foram os responsáveis pelo aquecimento, respectivamente nos palcos 1 e 2. O palco principal recebeu em seguida o mundo livre s/a, cada vez mais popular em São Paulo, [illegible] a molecada para pular ao som de canções do CD *Carnaval Na Obra*. No outro palco, Clemente e os Inocentes mostravam que estão bem vivos. O quarteto lembrou, acompanhado pelo povo, hits como "Rotina" e "Pânico Em SP", além da nova "Cala A Boca".

Antes da apresentação da Tribo de Jah se pôde ver bem o saudável ecletismo da

Brasil 2000 e seu público. Quando o grupo maranhense – que conta com quatro músicos cegos – começou sua apresentação, o pula-pula antes incendiado por Rob Zombie e Rage Against The Machine se tornou mais suave e o reggae foi curtido da mesma maneira. Corta para o outro palco, onde os Ostras usaram guitarras e música instrumental para mostrar como se faz surf music no Brasil.

A temperatura começou a atingir o ponto de ebulição com a subida de Edgard Scandurra, Nasi, Gaspa e André Jung. A platéia convulsionava feito cobertura de pizza recém-saída do forno e acompanhava o Ira! em canções recentes como "Você Não Sabe Quem Eu Sou" e "Miss Lexotan". Logo depois, no palco 2, os gaúchos do Ultramen mostraram com classe sua mistura de reggae, rap e rock pesado, com canja de Dado Villa-Lobos.

No espaço principal, a noite tornou-se ainda mais histórica com a chegada de Roger Rocha Moreira e o renovado Ultraje A Rigor. Caprichando na pegada, o quarteto mostrou uma música nova, "Se Eu Fosse Homem", e arrepiou em clássicos como "Zoraide", "Ciúme", "Pelado", "Chiclete" e "Inútil". De levar lágrimas aos olhos. A festa acabou prejudicando os Cowboys Espirituais, cujo country-pop foi visto por meia dúzia de pessoas.

No [illegible] palco [illegible] mas a [illegible] "Toda Forma De Poder" a plenos pulmões, dando as boas-vindas a Humberto Gessinger, Luciano Granja (guitarra), Adal Fonseca (bateria) e Lucio Dorfman (teclados inaudíveis). Os Engenheiros uniram clássicos como "Sopa De Letrinhas" e "Infinita Highway" a canções mais novas como "A Montanha" e "A Promessa". Pulos mais ritmados foram os do [illegible] do [illegible] Negro [illegible] de uma sessão de agito no segundo palco.

Enquanto o espaço principal recebia o rock n'roll de Marcelo Nova, do outro lado o anticlímax da noite. A banda americana de ska Toasters resolveu acertar o som nos mínimos detalhes (às 4h15 da manhã), abusando da paciência do público. Quando o show começou, no entanto, logo a galera esqueceu a espera e saltitou ao som das batidas puladas do grupo. Quem desistiu e foi para o palco 2 pôde presenciar o barulhão classe A dos Funk Fuckers. Com BNegão, Jimmy Love e Paulão (ex-Gangrena Gasosa) dividindo os vocais, os cariocas arrepiaram com canções como "Bunda" e "Julieta".

Passava das 5h30 quando gritos de "Capital! Capital!" saudaram a entrada do quarteto brasiliense. O carisma de Dinho, o retorno de Dado Villa-Lobos (mais uma vez) e canções como "Música Urbana", "Veraneio Vascaína", e homenagens a Plebe Rude (com "Até Quando Esperar") e Legião Urbana ("Que País É Esse") levaram o Capital Inicial à consagração. Do outro lado, Ostheobaldo, firmes como se fossem 10 da noite, agitavam o povo com suas canções e uma versão para "No Sleep 'Til Brooklyn", dos Beastie Boys.

Seis e meia da matina e a Legião Urbana Cover ainda encantou viúvos e viúvas de Renato Russo, que juntos cantaram até as 7h45, com direito a "Faroeste Caboclo" no bis. "No ano que vem quero fazer uma festa para 10 mil pessoas", comemorou [illegible], diretor da Brasil 2000.

Bernardo Araujo

Clemente mostrou a força do punk

Ultramen: novidade gaúcha

Os Toasters abusaram e agradaram

Nasi e o Ira! foram acompanhados em voz alta pela galera

Dinho e o Capital agitaram já de manhã

Metal à pro d'ág

A força do metal reside na cabeleira de Steve Harris

Janick Gers não honra a tradição guitarreira do Iron

Helloween foi prejudicado pela chuva

Iron Maiden
Helloween
Raimundos

Anhembi (São Paulo), 5/12

O heavy metal acabou? Não é isso que pensam os 20 mil *headbangers* que compareceram ao Anhembi. Tudo ia bem até que um convidado (nada especial) insistiu em aparecer para atrapalhar a festa: a chuva. Com ou sem ela, os Raimundos esquentaram a galera com seu tradicional forrocore, hoje em dia muito mais para o "core" do que para o forró. Ao final, a garoa virou uma tempestade e as aboboras selvagens da Alemanha entraram em cena.

O Helloween detonou um *speed metal* que se assemelha muito ao som de uma caixinha de música com pedal de distorção e rotação acelerada. Também foi prejudicado pelo péssimo som, pelo lamaçal e pelo próprio destino: depois de tantas mudanças na formação, a banda consegue reunir os cinco alemães mais apáticos que já pisaram em um palco.

Maiden, Maiden!, gritavam todos quando as luzes se apagaram. Foi nessa hora que a atenção do público se voltou para um senhor quarentão que controla tudo do alto de seu metro e setenta: Steve Harris. Se existe alguém que personifica o heavy metal é ele. Steve baixista e principal compositor da banda, tem algo de importantíssimo, credibilidade. E isso dá para perceber num dos pontos altos do show: em "Heaven Can Wait", dezenas de fãs sobem ao palco e cantam o coro no mesmo microfone que o ídolo. Se os Beatles foram os *Reis Do Iê-Iê-Iê*, Steve Harris é o *Rei Do Ô-Ô-Ô*.

O resto da banda, com exceção do ótimo guitarrista Dave Murray, não tem o mesmo pique. O baterista Nicko McBrain se diverte atirando peças de bateria furadas para a galera. O outro guitarrista, Janick Gers, mudou para pior vários arranjos do ex-guitarrista Adrian Smith. O vocalista Blaze Bayley não decepcionou.

O defeito do show estava no próprio repertório: a vontade de divulgar os discos *Virtual XI* e *The X-Factor* fizeram o Iron deixar de lado hinos como "Running Free" e "Run To The Hills" para tocar "Sign Of The Cross", uma chatice de quase 10 minutos. Mas a recente "Fear Of The Dark" agitou mais a galera que o clássico "Sanctuary". "Hallowed Be Thy Name" e "Number Of The Beast" foram os grandes momentos da noite. O metal continua vivo, só acaba no dia em que Steve Harris cortar o cabelo.

Felipe Machado

A intérprete do hit "Torn" provou ser mais que um rostinho bonito

A bonequinha solta a franja

Natalie Imbruglia

Forum (Londres), 19/11

Só Natalie Imbruglia para sacudir seu cabelo curtinho como se fosse uma juba e não perder a pose. Só ela mesmo para com um *setlist* mal organizado (duas músicas lentas, uma animada, três baladas, e por aí em diante, atravancando o ritmo do espetáculo) fazer vibrar o público no meio de uma noite gelada. Só uma estrela no auge da sua popularidade para lotar dois shows proibidos para menores de 18 anos – ou seja, proibidos para a maioria de seus fãs. Ela tinha acabado de ganhar o prêmio da MTV européia de melhor canção do ano por "Torn" (2,2 milhões de singles vendidos no mundo todo) e o público, em devoção cega, fez enormes filas para comprar camisetas, calendários, fotos, bonés e pôsteres.

Natalie canta muito bem, mandando para o ar qualquer teoria de ser uma artista fabricada pela indústria. É é bonita mesmo: parece uma bonequinha, mesmo usando escassa maquiagem e roupa propositadamente casual (calça jeans e camiseta). Beleza, se não ajuda, com certeza não atrapalha na construção desta coisa altamente subjetiva que se chama carisma.

O hit "Torn", nona música do show, foi o momento mais quente, como era de se esperar: a australiana pulou mais que canguru e fez a galera cantar junto cada palavra. Na maior parte do tempo, porém, o que rolava era uma atmosfera *mezzo*-intimista-*mezzo*-casta: no palco, um sofá vinho de veludo servia para os músicos descansarem e tocarem descontraídos as baladas e canções românticas. O expediente ajudou o show a ficar mais com cara de *pub* da esquina.

A apresentação durou exatos 60 minutos e foi transmitida ao vivo pela Internet na *home page* oficial da cantora. Natalie chegou a cumprimentar a galera de casa pela câmera que fazia a transmissão. Detalhe: deu um giro pela platéia do Forum trazendo a constatação de que o estilo adotado por Natalie Imbruglia anda fazendo a cabeça de suas fãs, pelo menos no cabelo. Nunca se viu tanta franjinha.

Luciano Vianna e Valeria Rossi

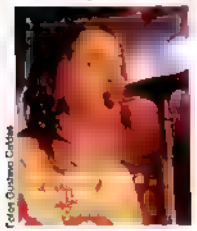
Festival de índio

SuperDemo

Fundição Progresso (RJ), 11 a 13/12

Era para ter sido um festão. O evento, misto de festival e Feira da Providência do rock independente, completava cinco anos. Superdimensionado para sua procária estrutura (dois palcos, pista de skate, mercado de moda) acabou pagando da pior forma a conta de uma proposta irreal, ainda que bem-intencionada. Bandas pularam fora em cima da hora, entre elas chamarizes potentes, como O Rappa e mundo livre s/a, a garotada, com opções de shows gratuitos no mal escolhido fim de semana, não compareceu na proporção esperada, dando prejuízo; na triste nota final, à 1h30 da manhã de segunda-feira, os seguranças da Fundição Progresso desligaram o som antes que todas as bandas tivessem tocado (o acordo do festival com o Juizado de Menores para permitir a entrada de menores de 16 anos previa o fim dos shows até meia-noite).

"Fico triste. Arrisquei, errei, das próximas vezes vou ser mais cuidadosa", desculpou-se, resignada, a produtora Elza Cohen, após bate-boca com o público irado.



Fotos Gustavo Cortes

Sexta-feira (11/12)

Sem O Rappa, que já havia desistido dias antes por conta da falta de infra-estrutura, o Defalla, lenda ressuscitada do Rock Grande do Sul póde encerrar a noite. Visibilidade máxima, decepção idem. "Tem gente que critica a nova fase, diz que parece Prodigy e Marilyn Manson", observava, antes do show, o vocalista Edu K. Gente sensata. O impacto inicial da indumentária travecodominatrix do vocalista se desmanchou logo no início de um set monocórdio, com músicas antigas mudadas para pior e novas inexpressivas.

Mas o grande show do SuperDemo já havia ocorrido: o percussionista Otto, pernambucano exilado do mundo livre, trouxe uma formação eclética (bongôs, teclados, pick-ups) a serviço de um mântrico drum'n'bass tropical. "Vamos fazer o bem! Tem que fazer com coração", gritava o simpático e tortaço *frontman*, que, sem dúvida, fizera bem aos ouvidos da platéia. Tocaram também AfroReggae, Ultramen e Manimal, banda capixaba sem a consistência que o auto-atribuído rótulo rock-congo (rock + ritmos do folclore local) sugere. No palco 2, destaque para o Grave, rocktrônico competente, já fisgado pela Abril Music.

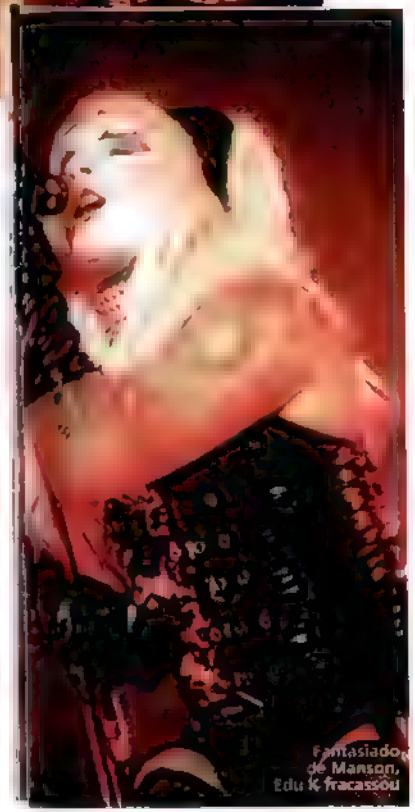
Sábado (12/12)

Pouco público, poucas bandas, pouca relevância. Enquanto o palco 2 fechava o foco no hip-hop, no 1 a grande atração da noite era o Maskavo Roots. Bem, bem, bem. Musicalmente mais interessantes, os noise-cariocas do Vulgue Tostoi sofreram com a equalização, que transformou seu som em uma zoeira ensurdecedora. O simpático quarteto baiano Penélope Charmosa, que lança seu primeiro CD em março, trouxe um pop ingênuo confetado por agradáveis intervenções de flautas e teclados. E, de quebra, a musa do festival, a vocalista/guitarrista Érika, um mix de Winona Ryder/Nanzinho. Apaixonante.

Domingo (13/12)

Por contenção de despesas, palco 1 e palco 2 viraram um só. Foi pedido às bandas que se limitassem a 20 minutos de show, o que o carioca Squaws ignorou em favor de sua fusão rock-rap influenciada pelo que há de mais chato em cada gênero. O Funk Fuckers passou batido pelo cronômetro também, mas em nome de um som mais eficiente e descontraído. Mais cedo, os gaúchos da Comunidade Nin-Jitsu e o inacreditável Chatos & Chatolim (e suas dançarinas, as Chatoletes) já haviam hasteado a bandeira do alto-astral e do baixo calão na Fundição.

Jaime Biaggio



Fantasiado de Manson, Edu K fracassou

Fotos Daniela Toviansky

Cheio de espaços vazios!

Rap pra playboy

Racionais MC's

Metropolitan (RJ), 11/12

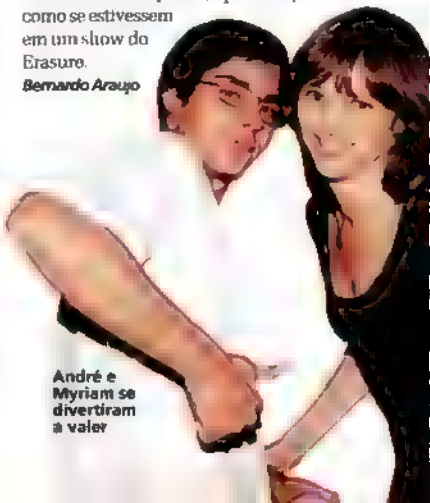
"Vamos fazer esse show pros playboys, pra pagar os dois outros que faremos nas comunidades." Talvez KLJay, dos Racionais, tenha sido um pouco descuidado em sua declaração, na semana que antecedeu o primeiro show do grupo no templo musical da classe média-alta carioca. Talvez atraído pelo festival SuperDemo (*veja matéria ao lado*), quem sabe pensando nos shows grátis no Morro do Juramento e em Vigário Geral e, claro, possivelmente ofendido com as palavras do rapper, o público do Rio não deu as caras. Nos dois shows de abertura, dos cariocas Mr. Catra e MV Bill, a visão da platéia era desoladora.

Por volta de meia-noite, KLJay, Mano Brown, Ice Blue e o DJ Edy Rock iniciaram o trabalho, atraindo os minguados mil pagantes para a beira do palco. Ainda era muito pouco para uma banda com a força e o cachê (em torno de 30 mil reais) dos Racionais. Mil pagantes vezes os 20 reais do preço do ingresso... dá para sentir o tamanho do prejuízo.

De vermelho e com um lenço na cabeça (no melhor estilo Tupac Shakur), Brown parecia querer comandar uma festa, mas a ausência de público e o eco das palavras de seu companheiro deixavam uma inevitável impressão de trabalho burocrático. Até no discurso rebelde ele se enrolou, dizendo que o ano acabaria em 22 dias (só se o mês de dezembro, em vez do dia 31, acabasse no 34, visto que passava de meia-noite).

Mesmo assim o público tinha total boa vontade com a banda, respeitando, aplaudindo e até pulando – em apenas uma canção, o clássico "Fim De Semana No Parque". Mesmo sucessos atuais, como "Diário De Um Detento", "Mágico De Oz" e "Capítulo 4, Versículo 3", não chegaram a sacudir a galera no curto show de uma hora de duração. Muito mais feliz foi o povo do Juramento e de Vigário Geral, que lotou os espaços e viu uma banda cheia de empolgação e garra, e não apenas profissionalismo. Deu para agradar os globais Myriam Rios e André *Sandrinho* Gonçalves, que dançavam como se estivessem em um show do Erasure.

Bernardo Araujo



André e Myriam se divertiram a valer

Quermesse moderna

Mundão

Sesc Santo Amaro (SP), 27/11 a 6/12

A idéia era ótima: escalar artistas que dificilmente viriam ao Brasil por vias "normais" – o duo nipônico Cibo Matto, a banda anglo-brasileira Drugstore, entre outros – e fazê-los tocar, com entrada grátis, para um público médio de 5 mil pessoas. O resultado ficou longe do esperado. O Mundão esteve muito mais para a quermesse da esquina do que para um festival moderno. Um dos principais problemas foi o palco. Construído no teto de um galpão, ele aumentava – e muito – a distância entre os artistas e o público. Esse detalhe prejudicou o Drugstore, a primeira atração internacional da festa.

O Drugstore é liderado por Isabel Monteiro, paulistana de família quatrocentona que há cinco anos mandou a família às favas e foi tentar a sorte em Londres. Ela não pode reclamar da sorte: o primeiro disco da banda, lançado há quatro anos, teve boa recepção na Inglaterra. No ano passado, a história se repetiu com *White Magic For Lovers*, que traz uma participação especial de Thom Yorke (vocalista e guitarrista do Radiohead). Ele divide os vocais com Isabel Monteiro na faixa "El President", composta para o ex-governante do Chile, Salvador Allende – morto em 1973.

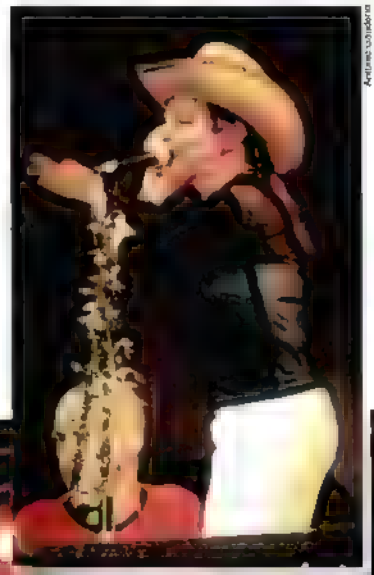
Emocionada por tocar pela primeira vez em seu país de origem, Isabel tentou descer até a platéia. Foi impedida pelo comprimento do fio do microfone. Mas o Drugstore garantiu bons aplausos com a já citada "El President", com "Alive" – do primeiro disco – e com uma versão para "Maluco Beleza", de Raul Seixas. A coisa só ficou um pouco estranha quando Isabel arriscou uns versos de "London London", de Caetano Veloso.

O Cibo Matto, outra atração bastante aguardada, decepcionou. A dupla formada por Yuka Honda (teclados) e Miho Hatori (vocal) veio reforçada pelo guitarrista Sean Lennon (filho do ex-beatle John e namorado de Honda), pelo tropicalista Tom Zé e pelo músico/produtor Arto Lindsay. A mistura resultou numa apresentação repleta de experimentalismos – em uma delas, Tom Zé e as meninas brincavam com palavras iniciadas pela letra G – e versões bastante diferentes das presentes no disco *Viva! La Woman* – lançado aqui pela gravadora WEA. Caetano Veloso foi novamente "homenageado", dessa vez com uma releitura de "Oração Ao Tempo" (faixa do álbum *Cinema Transcendental*, de 1979).

As atrações nacionais também foram prejudicadas pelos organizadores do festival. O pernambucano Otto – que promove uma elogiadíssima mistura de drum'n'bass com ritmos brasileiros – tocou na mesma noite que o Cibo Matto, num teatro com capacidade para apenas 100 pessoas. Conclusão: duas apresentações seguidas e pelo menos duzentas pessoas – que não conseguiram ver o show – insatisfeitas. O artista gaúcho Júpiter Maçã, por sua vez, foi escalado para tocar no meio-dia de domingo, dia 6 de dezembro. Quase ninguém apareceu.

Mas o Mundão também fez gol ao transformar uma escada de avião em púlpito para ícones do brega. Sidney Magal (com uma nova versão de "Sandra Rosa Madalena"), Gretchen, Angela Maria, Cauby Peixoto e Maria Alcina garantiram um bom quorum, mesmo cantando apenas uma música cada.

Patrícia Decia



Anderson Schneider

Isabel Monteiro, do Drugstore, encarna o clima de festa junina com chapelão e tudo

Lloyd Cole fez o Palace voltar aos anos 80

Marcelo Ximenes

Prisioneiro do passado

Lloyd Cole

Palace (São Paulo), 9/12

"Eu poderia parar de escrever novas músicas. A gente poderia virar uma banda só de músicas velhas. Vocês querem ouvir música nova?", pergunta Lloyd Cole, quase no final do show. A platéia responde "Yeah!". Mas, claro, não mais do que 10 segundos depois alguém já está berrando pela vigésima vez por "Forest Fire". Culpa de quem conseguiu logo na estréia, em 1984, com a banda Commotions, fazer um dos álbuns mais perfeitos da história do pop: *Rattlesnakes*, eleito pelos leitores do semanário inglês *New Musical Express* como 22ª melhor disco de todos os tempos. Com apenas 38 anos e a mesma cara de menino há uma década, Lloyd Cole sabe que está condenado à prisão perpétua. Possivelmente, dividindo cela com outro filho dos anos 80 amarrado ao passado, o cineasta Steven Soderbergh, que ao ganhar com seu primeiro filme, *sexo, mentiras e videoteipe*, a Palma de Ouro de Cannes em 1989 abriu a entrevista coletiva após a premiação com a resignada frase: "Acho que daqui para a frente só posso ir ladeira abaixo".

O cantor inglês encontrou o Palace, se não lotado, pelo menos com um público de semifinal, o que não deixa de ser surpreendente para uma quarta-feira chuvosa, com uma atração que não lança disco desde 1995 e nunca foi de arrastar multidões, seus discos ficam com vendagens médias de 100 mil cópias nos Estados Unidos. Sem nenhum cenário e apenas umas poucas luzes, ele entrou no palco provavelmente vestindo a roupa que usou durante o dia inteiro: camisa branca para fora da calça, mangas arregaçadas – tanto despojamento foi demais para as fãs de seu jeito de garoto tímido, que gemiam a cada vez que trava os cabelos dos olhos. Acompanhado pelo brilhante Neil Clark, companheiro dos Commotions, fez um set acústico, abrindo com "Unhappy Song" e logo em seguida oferecendo a primeira de *Rattlesnakes*, "2CV". Depois de outras três, porém, algo imprevisto. Ele chamou ao palco a banda de apoio, The Negatives, e a cantora Jill Sobule para assumir os vocais. Depois da oitava música seguida, o público ameaçou chamar o Procon.

Para alívio geral, Cole resolveu cantar de novo e passou a desfilar uma seleção do melhor de seu rock melódico, com suas letras de amores complicados cheias de citações intelectualoides. Um conjunto de cordas, essencial em muitos dos arranjos, fez falta, mas não prejudicou, sendo bem substituído por violões e guitarras. Entre músicas do próximo disco e da carreira solo, ele não se esqueceu de agradar à seita fiel: tocou "Perfect Skin", "Four Flights Up", "Lost Weekend", "Jennifer She Said" e "Are You Ready To Be Heartbroken?". Quando voltou para o segundo bis, só com o violão, apresentou uma lenta versão de "Forest Fire". E não deve ter acreditado quando todos cantaram a letra de cor.

Vitor Paolozzi

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine..

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315 970, São Paulo - SP
email. showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Aerosmith
Juliana Butti — Rua Santa Luzia 151, casa 7 — Rio de Janeiro RJ CEP 20511-030 e-mail aerosmith1@sol.com.br

Creedence Clearwater Revival
João Vitor Lopes Cassoli — Rua Santos 134 — Paraguaçu Paulista SP CEP 19730-000

Planet Hemp
Letícia Kamada — Rua Carlos Gomes 165 — Itajaí, SP CEP 17880 000

Smashing Pumpkins e Sepultura
Antonio Aparecido de Almeida, Rua 48 — W 47 n 70 — Barreiros, SP CEP 14780 446

Prodigy
Denise Souza — Rua Barra Grande nº 37 — São Paulo, SP CEP 08080-420

Raimundos
Rob anira Soares — Rua Cl[illegible] 281 — São Francisco — São Luís MA CEP 05075-340

Savage Garden e Blur
Manuela Vieira — Rua Goiano Suzuki 131 — Tabuão da Serra SP CEP 06765-140

Rage Against The Machine e Marilyn Manson
Amanda Gonçalves — Rua Governador Jorge Lacerda 2174 — Joinville SC CEP 89045-081

Mighty Mighty Bosstones e Skuba
Dennis Maria Brunan — Rua Nova Granja 172, casa 6 — São Paulo SP CEP Cabuçu 07011

k.d. lang
Denise de Jorge — Rua Duarte Galvão, 18 apt° 903 — Icaraí Niterói RJ CEP 24120-120

The Cure
Luciana Tiemi Oda de Gallotti — Ichi-Ken Tajimi Shi Aichi-ken 8 29 84 — Shinpukuji-ko 0 354 507-001 — Japão

Oasis
João Vitor Lopes Casseb — Rua Santos 134 - Paraguaçu SP CEP 17730-001

FÃS-CLUBES

Matchbox 20
Too old to play with matchbox — Rua Rosa e Silva 61 bloco 2 apt 303 - Grajaú — Rio de Janeiro RJ CEP 20541 330 — [illegible] e-mail: [illegible]

Paralamas do Sucesso
One More Time — A/C Ana Paula Sant'Anna - Rua Vicente Machado 1246 - Curitiba PR CEP 82510-410

Capital Inicial
Veronica Vasconcelos — A/C Adriano Rodrigues — Quadra 01 conjunto H casa 315 - Setor Norte - Gama DF CEP 72430-010

Nirvana
Nirvana Brasil — Forever Fan Club - A/C Zilah — Travessa Machado de Assis, 60 - Centro - Nova Lima, MG CEP 34000-000.

Cidade Negra
Pra Entender O Cidade — A/C Silvia Regina Almeida Prado - Rua Laura, 181 — Goioerê — Guarulhos SP CEP 07062-030

Faces do Suburbio
Fã-clube Oficial Faces do Subúrbio — A/C Pedro Henrique Balensifer — Rua José Nunes da Cunha 4309 — Candeias — Recife, PE CEP 54440-010

Michael Jackson
The Michael Jackson International Fan Club - Rua Vivaldo Cavalcante 1081 — Natal RN CEP 59114-000

Engenheiros do Hawaii
Fã-clube Outros Tempos — A/C Silvia Tonia - Rua Ernesto Alves, nº 152 - Centro - Ijuí RS CEP 98700-000 — tel. (055) 333-4758

Raul Seixas
Raul Rock Club — Caixa Postal 12106 São Paulo SP CEP 02098 970

The Verve
No Come Down — A/C Danilo Araújo — Rua Pernambuco 2269 apt 201 — Pituba — Salvador BA CEP 41830-190 e-mail: dscarneiro@z.com.br

Legião Urbana
Fã-clube Somos Tão Jovens — Rua Ataúlfo Zarur 30 - Sagrado Coração - Juiz de Fora, MG CEP 36035-040 - tel. (032) 212-9122

FANZINES

Angra
Angra News - Caixa Postal 606 São Paulo, SP CEP 01059-970

Kiss
Brazilian Kiss Information, A/C Rodrigo Ribeiro da Fonseca - Rua Dr. Veloso, 1337 — Montes Claros, MG CEP 39400-074

Rock cearense
Conheça o rock de Fortaleza na Internet! Bandas, agenda de shows, fotos, musicas, notícias promoções
www.uol.com.br/fortalerock
e-mail: rockcearense@hotmail.com

Silverchair
Untitled Silverchair — Rua Guilherme Pugsley, 1494, apt° 502 Curitiba, PR CEP 80620-000

PROCURO

BIZZ e SHOWBIZZ
Fotos e reportagens sobre Legião Urbana - Caruaru/Batalhone — Rua Orlando F Bonfim, 91 - Uberaba, MG CEP 38017-330 — e-mail: [illegible] tel. (0348) 312-9911

Nirvana
Vídeo do *Unplugged In New York* de Davidson Marcos — Av Brasília, s/nº Centro Santo Antônio da Barra GO - tel. (062) 026-1235. CEP 75935-000

Oasis
Compro fotos tiradas no Brasil, de preferência do show de São Paulo, e fitas de vídeo. Felipe Felix — Av Rio Branco, sem, bloco 8, apt° 301 - Goiania GO CEP 74165-070

Oasis e The Verve
Gravação do show do Oasis exibido ou não na MTV Latina ou algum do The Verve. Cecília Leão — Rua Conselheiro Portela 852 B, apt° 402 — Espinheiro - Recife PE CEP 52050-020

Raimundos
Fotos, reportagens e materiais. Jean Cleiser de Oliveira — Rua Agulhas Negras, 140 - Itaum Joinville SC CEP 89220-500

Roxette
Materias, troco por Madonna, Bon Jovi e Nirvana. Maria Seidério — Av. Dr. Armando Prado, 447 Catanduva SP CEP 15700-000

SHOWBIZZ
As que têm materias sobre o Oasis: Cynthia Nishimura — Rua Dom Antonio Barreiros, 93 apt° 1 — Vila Guimarães — São Paulo SP CEP 04174-080

Queensryche
CD Empire, troco pelo *Destination Anywhere* do Jon Bon Jovi ou *Nine Lives* do Aerosmith. Fabiana Passeto — Rua Dr. [illegible] 080 — Vila Pauliceia — São Bernardo do Campo, SP — tel. (011) 418-4428 CEP 09684-001

BIZZ e SHOWBIZZ
Materias sobre The Smiths ou sobre Morrissey. Marcela Ferreira — Av. Nacionalista, 887 — Vila Antonieta — São Paulo, SP CEP 08063-015

Spice Girls e All Saints
Troco por material (inclusive importado) de Hanson e Backstreet Boys. Roberto Evangelista — Rua São Salvador 53 apt° 103 — Flamengo — Rio de Janeiro RJ CEP 22231 130

Videos
Compro de Bon Jovi, Take That (o grupo ou os integrantes já separados), Spice Girls, Hanson e Oasis. Loriane Duarte - Rua Cabeça Rondon, 1814 — Centro — Macapá AP CEP 68906-390

U2
Gravação do programa *U2 A Year In Pop* - HBO outubro de 1997. Tabiana Silva Carmell — Rua Monte Líbano, 544 - Jardim Chapadão — Campinas SP CEP 13066-660

Titãs
Material desde os primórdios até hoje em dia. Daiane de Marti Rua Bastos, 308 - Jardim Cristiane Santo André SP CEP 09181-110

Duran Duran
Gravação em VHS [illegible] Hollywood Rock e Rock in Rio Especial Hollywood Rock 88. Compro também singles e bootlegs. Miguel Sangiano Rinaldi - Rua Fitomena Nunes, 602-Irmãs Olaria — Rio de Janeiro RJ CEP 21021 460

cranberries
Compro ou troco qualquer materia. Iara Lucia Macedo Bueno - Rua Jerônimo de Ornelas 138 — Caravaggio, RS CEP 99 000 000

SHOWBIZZ
Materias [illegible] Spice Girls, Maria Paula Menezes — Rua Lamartine Barbo 95 - Jardim Santo Onofre — Leopoldo Serra SP CEP 06785-280

Whitney Houston
Fita com o show exibido pelo canal HBO em outubro do ano passado. Edmilson Carlos — BIP (011) 5503-1000, código 69148 tel. (011) 293-4744

TROCO

Jimi Hendrix e U2
Vídeo com o final [illegible] show da Legião Urbana pelos CDs *The Jimi Hendrix Experience BBC Sessions* e U2 *The Best Of 1980-1990*. Marcus Roque da Cruz — Travessa Beltrão 63 casa 07 - Santa Rosa Niterói RJ CEP 24241-260

Madonna
Materias de qualquer artista, cantor, banda de rock nacional ou internacional por material da Madonna. Vania de Souza Neto - Rua Sobradinho, 15 - Santa Teresa Rio de Janeiro RJ CEP 20251 300

Aerosmith e Nirvana
Materias de varias bandas nacionais e internacionais por Aerosmith ou Nirvana. Carolina Kramer — Rua Dionisio Cerqueira 604, apt° 101 — Gutierrez Belo Horizonte MG CEP 30430-140

U2
Fotos, reportagens, pôsteres do Michael Jackson por qualquer materia, do U2, Silvania Alves Gomes — Rua Luis Miro, 15 — conjunto B - Cohab Anil – São Luís, MA CEP 65054-000

Marilyn Manson
Material das Spice Girls, Hanson, Backstreet Boys, Aqua, All Saints. Backstreet Boys pelo [illegible] Debie Sassi Matsufuje — Rua Wilson Vallim, 67 apt° 31 — Jardim Prudência — São Paulo SP CEP 04661 130

SHOWBIZZ
Capa com o Led Zeppelin por qualquer capa da Legião ou Renato Russo. Jefferson Gomes — Av. João Moura Galvão, 196 — Santa Emília — Poços de Caldas MG CEP 37704 040

MÚSICOS

Rock brasileiro
Baixista amador procura Cristiano Lima — Rua Vicente Mouse Qd 29, Lt 09 — Santo Hilário — Goiânia GO. CEP 74780-360

Banda de rock
Procuro baterista, baixista e vocalista para formar banda de rock. Pedro Luiz Corrêa Duarte — Rua Paulo 201 Vila Sônia — Santo André SP CEP 09142-050

Som estilo Oasis
Procuro banda masculina iniciante entre 14 e 17 anos. Afinidade com o som do Oasis. Afonso Dall'aqua Jr. — Av. Casa Verde 2001, apt°105 — Casa Verde — São Paulo SP CEP 02519 210

Instrumentistas ecléticos
Canto MPB, rock nacional e internacional. Procuro banda que more na região de Ermelino Matarazzo e que queira uma vocalista e guitarrista. Juscilania Braga dos Santos - Rua Ricardo Rotarello, 580, casa 7 - São Paulo, SP CEP 03813-010

Formação roqueira
Sou vocalista e procuro músicos que toquem rock. Carolina R. S. Branco - Rua Commendador Pinto, 511, casa 104 — Rio de Janeiro, RJ CEP 21 641 320

Idade conta
Procuro baixista, baterista e guitarra solo para trabalho sério todos de 16 a 19 anos. Andre Barbosa - Rua Amoroso Costa 323, apt° 302 — Rio de Janeiro, RJ CEP 20540-560

Vocais masculinos
Procuro rapazes para formar grupo musical no estilo Backstreet Boys, Savage Garden e Jovsone. Fabio Amaro — Rua Sergipe 191 Juscelino — Nova Iguaçu, RJ CEP 26251 180

VENDO

SHOWBIZZ
Coleção a partir da edição [illegible] todas em perfeito estado. Marcos Ferreira — Rua João Ribeiro Camargo, 179 — Colombo, PR CEP 83406 280 — tel. (041) 761-4222

Rolling Stones, Pink Floyd
Reportagens, também de Legião Urbana, U2 e Sepultura. Mariana Franco — Rua João de Moura, 51 - São Paulo, SP CEP 05412 000 - tel. (011) 881-5404

The Cure, Iron Maiden, U2
CDs e discos de colecionador em ótimo estado. Mário Humberto (047) 244-1421 (horário comercial) e-mail: dplayer@gold.com.br

All Saints
Material importado - Renato Carneiro — Av. Cesar Hilal 1405 apt° 103-B — Vitória, ES. CEP 290 52 231

Vários
CDs do Pearl Jam, The Cure, Hanson, Coelho, Michael Jackson, Wellington Alameda - Av Luiz Pinheiro, 1819 - Arapuã, PR CEP 84090 000

Bon Jovi
CDs, videos, revistas e outros materiais. Beatriz Campos — Caixa Postal 110 - Mineiros, GO. CEP 75830-000 — tel. (062) 661-1727

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

Offspring

Música de *Americana*, novo disco do grupo de punk rock, ironiza branquelos que fingem ser "do gueto"

Pretty Fly
(For A White Guy)

(Dexter Holland/Noodles/
Greg Kriesel/ Ron Welty)

You know it's kind of hard
Just to get along today
Our subject isn't cool
But he fakes it anyway
He may not have a clue
And he may not have style
But everything he lacks
Well he makes up in denial

(Refrão)
So don't debate, a player straight
You know he really doesn't get it anyway
He's gonna play the field, and keep it real
For you no way, for you no way
So if you don't rate, just overcompensate
At least you'll know you can
always go on Ricki Lake
The world needs wannabe's
So do that brand new thing

He needs some cool tunes
Not just any will suffice
But they didn't have Ice Cube
So he bought Vanilla Ice
Now cruising in his Pinto,
he sees homies as he pass
But if he looks twice
They're gonna kick his lily ass

Now he's getting a tattoo
He's gettin' ink done
He asked for a "13", but they drew a "31"
Friends say he's trying too hard
And he's not quite hip
But in his own mind
He's the dopest trip

(Refrão)

© Underachiever Music/Worn Music Public, direitos cedidos para o Brasil a BMG Music Pub Brasil Ltda.

Sangue Bom
(Para Um Cara Branco)

Você sabe que é meio difícil
Se dar bem hoje em dia
O nosso papo não é o legal
Mas ele engana assim mesmo
Ele pode não ter noção de nada
E pode não ter estilo
Mas tudo o que falta nele
Bem, ele disfarça fingindo que não

(Refrão)
Então não discuta, o cara joga aberto
Você sabe que ele não saca nada mesmo
Ele vai entrar no jogo e fazer de conta
que é para valer
Mas para você, sem chance, sem chance
Então se você não está no mesmo nível,
tente compensar
Pelo menos dá para ir depois
no programa da Ricki Lake
O mundo precisa de candidatos a estrela
O mundo ama candidatos a estrela
Então entre nesse modismo

Ele precisa de uns sons legais
Não pode ser de qualquer um
Mas como não tinha Ice Cube
Ele comprou Vanilla Ice
Agora circulando no seu carrão,
ele vê seus manos enquanto passa
Mas se ele encará-los de novo
Vão enchê-lo de porrada

Agora ele está fazendo uma tatuagem
Ele está levando a tinta
Ele pediu um número 13,
mas desenharam um 31
Os amigos dizem que ele se esforça
E ele não é lá muito bacana
Mas na sua cabeça
Ele é a maior viagem

(Refrão)

Manos de araque

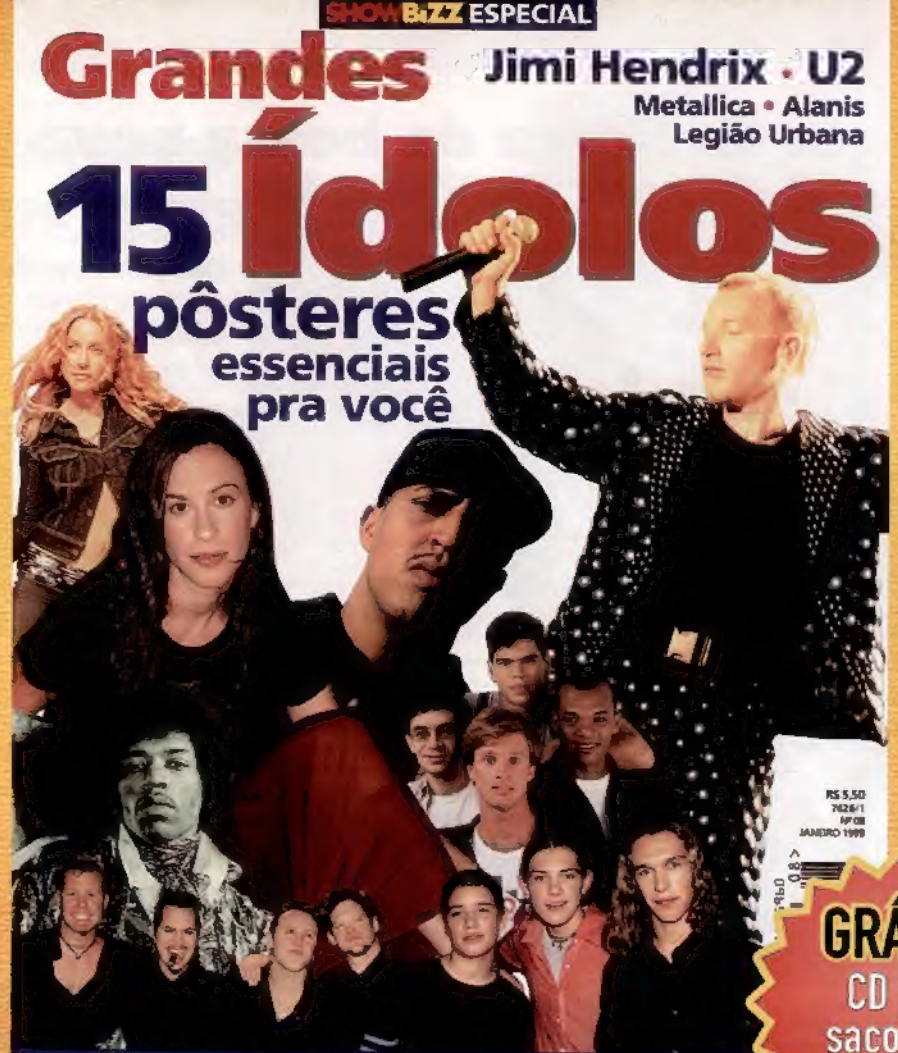
"Pretty Fly" é uma gozação com os "whiggas", brancos metidos a negros que pateticamente tentam copiar expressões, gírias, roupas e tudo mais da cultura black. Uma tradução mais solta do título desta música seria: "até que, para um cara branco, você é sangue bom". O personagem da letra engole Vanilla Ice (o rapper branco e fake) em vez de Ice Cube (negro e "autêntico") e passeia no carro preferido dos gângsteres da periferia. O *Ricki Lake Show* referido é o programa que deu origem à Márcia, a já (felizmente) extinta atração de quebra-paus entre famílias e vizinhos, exibido no Brasil pelo SBT.

SHOWBIZZ ESPECIAL

Grandes

Jimi Hendrix • U2
Metallica • Alanis
Legião Urbana

15 Ídolos
pôsteres
essenciais
pra você



RS 5,50
7626/1
Nº 08
JANEIRO 1998

GRÁTIS
CD pra
sacolejar
no verão

E mais : Madonna • Bush • Hanson • Iron Maiden • Oas
Racionais • Kurt Cobain • Silverchair • Titãs • Toasters

PURO DELÍRIO!

SHOWBIZZ ESPECIAL GRANDES ÍDOLOS.
Alanis, Hanson, Bush e outros astros em 15 pôsteres arrepiantes.
Leve a maior constelação pra casa.

Editora Abril

Revista SHOWBIZZ

O Igor Cavalera da bossa-nova

Dom Um vem ao Brasil todo ano, mas prefere viver na Suíça

Aos 73 anos, o legendário Dom Um Romão encara jazz e samba com todo o vigor

Fera do jazz, bossa e samba

Fotos Renan Cepeda e Arnaldo de Souteiro

"Precursor da bossa-nova." Quem ouve falar o clichê a respeito do baterista Dom Um Romão pensa que vai vê-lo tocar com escovinhas de metal, imprimindo aos tambores aquela batida minimalista. Nada disso. "Comparado com a bossa tradicional, Dom Um é Sepultura", diz o produtor Arnaldo DeSouteiro, que trabalhou com ele em *Rhythm Traveller*, seu primeiro disco gravado no Brasil em trinta anos, recém-lançado, que o levou a uma pequena turnê nacional no final do ano passado. A comparação com o endiabrado Igor Cavalera não é inadequada. No palco, aos 73 anos, Dom Um desce a lenha na bateria, improvisando e variando as batidas sem perder a base em nenhum momento.

"Tenho feito muitos shows de percussão solo", diz ele, que está fora do Brasil há 31 anos e mora entre Nova York e a Suíça. Além da bateria convencional – das marcas Pearl (tambores) e Paiste (pratos) –, seu set inclui uma enormidade de instrumentos de percussão. "Não chego a ser um Naná Vasconcelos, mas também invento", brinca Dom Um, mostrando um leque de agogôs que construiu. Instrumentos brasileiros e africanos como chocalhos, caxixis, castanhas e carrilhões também fazem parte do equipamento. "Quando vou tocar em um show, tenho que chegar uma hora e meia ou duas antes da passagem de som, para montar tudo", conta ele, cheio de disposição. Ao vivo, além da bateria, Dom encontra pulmões para soprar apitos e gritar o tempo todo, incentivando a banda. "E quando acaba, todos querem ir para o hotel e eu só penso no jantar e no resto da noite", conta.

Dom Um nasceu no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro. Seu pai e tio eram músicos amadores e o incentivaram a batucar, primeiro no samba e depois em sua fusão com o jazz, a bossa-nova.

Em 1968 Dom zarpou para o exterior, onde construiu um currículo que inclui, entre outros, Tom Jobim, Jorge Benjor (a bateria do clássico "Mas Que Nada" é dele), o grupo fusion Weather Report e até a diva do teatro Edith Piaf.

Hoje ele segue freqüentando os altofalantes das boates de acid jazz da Europa. "Dizem que a bossa-nova está em alta lá, mas não é verdade. O pessoal gosta de dançar a música feita por quem faz ou fez bossa, como Joyce e eu. Mas ninguém vai para a noite dançar banquinho e violão", garante. Para quem está começando, Dom Um aconselha o estudo de um instrumento de harmonia. "Piano ou violão dão ao baterista noções de escalas e até ritmo, é importante." Palavra de mestre.

Bernardo Araujo

Cuíca

Um dos mais folclóricos instrumentos do samba, foi trazida ao Brasil por escravos bantos e tem uma particularidade: é um dos únicos membros da família da percussão classificados como membranofone, ou seja, que produz som a partir da vibração de uma pele. O instrumentista não bate no topo da cuíca, geralmente feito de couro animal. Ele fricciona um pedaço de pano – tradicionalmente uma estopa – em um palito preso, por dentro do instrumento, na pele. Com a outra mão, o cuiqueiro pressiona o couro, alternando os sons entre graves (com ele mais frouxo) e agudos (mais justo). Segundo o maestro Quincy Jones, a cuíca é um dos instrumentos mais sampleados pelos músicos de acid jazz, mesmo porque, como já aconteceu em uma gravação do cantor Beck, eles não sabem como tocá-la. "A cuíca está em extinção", denuncia Mestre Ciça, comandante da bateria da Unidos do Viradouro, que, para mostrar a importância da peça, não faz por menos: desfila no domingo de Carnaval com 40 cuiqueiros, a maior ala entre as grandes escolas cariocas. Ele lembra que a cuíca é o instrumento menos reto de uma bateria, e que a responsabilidade do suingue recai sobre ela.

Fricção, sorriso e suingue

Presença no pop

Renegade Soundwave, álbum *In Dub*
Quincy Jones "New Bossa Nova"
Fernanda Abreu "Rio 40 Graus"

Pequeno que satisfaz

Mini system é o aparelho ideal para quem gosta de ouvir música nas alturas por um preço baixo

Substitutos dos extintos três-em-um e dos aparelhos modulares (que agregavam várias unidades para formar um único conjunto de som), os mini systems nunca saem de moda. Principalmente porque eles são práticos, de fácil transporte e adequados a qualquer espaço. Praticamente todas as versões disponíveis no mercado vêm com controle remoto, rádio AM/FM digital, duplo deck e "carrossel" (sistema de troca automática de CDs). Por tudo isso, são campeões de vendagem.

"Quem procura o mini system normalmente quer agregar preço médio a uma potência razoavelmente alta", atesta Fernando Felipe, consultor da Studio Two, de São Paulo. "O Aiwa NSX 304 (de R$ 450 a R$ 550) ou os Pioneer XP 170 e XP 270 (de R$ 420 a R$ 550) são os modelos de maior saída. Ambos têm potência de 500 watts, perfeita para pequenos ambientes. São ideais também para sonorizar escritórios, consultórios e empresas em geral. Um pouco mais caro que os outros, o Pioneer XP 470 (de R$ 650 a $ 750) pode ser um bom investimento por causa de sua potência: 1 100 watts, o dobro dos outros."

Uma das coqueluches do momento é o mini system Super DJ Mix Sony (de R$ 790 a R$ 990) – 1 800 watts de potência. "Ele é muito vendido. Seu grande atrativo é poder acrescentar ao som do CD que está sendo escutado efeitos como scratches *(aquela "arranhada" que o DJ faz no disco)* e batidas variadas, além de mixar diversos ritmos."

A prova de que os mini systems evoluem constantemente está nas versões Aiwa NSX 85 (de R$ 700 a R$ 900) e JVC D 702 T (de R$ 850 a R$ 990), novidades com autonomia para compor *home theathers* de um único aparelho. "São unidades com 2 000 a 2 600 watts de potência e um processador dolby prologic que permite receber o som estéreo do vídeo ou TV e dividi-lo pelas cinco caixas que o acompanham. Dá pra formar um *home theather* sem arcar com custos elevados", esclarece Felipe. E, para orçamentos mais folgados, a indicação recai em um modelo que esbanja sofisticação. "O Pioneer XP 970 F (de R$ 950 a R$ 1 100) tem 2 100 watts de potência, sistema dolby prologic para funcionar como *home theather* e capacidade para programar 26 CDs. Seu painel prateado é um dos mais modernos entre os mini systems atuais."

Onde encontrar

São Paulo
Studio Two – (011) 212-7793
Loja 37 – (011) 229-4646

Rio de Janeiro
King Sound – (021) 224-1226
Julico Som – (021) 224-8926

Curitiba
Drebor – (041) 360-8080
Lojas Colombo – (041) 322-7875

Salvador
Norberto Som – (071) 354-3577

Recife
Bob Som – (081) 465-3466

Fonte: Domingues

União de gerações

Poesia refinada e música pop fazem de *Tapestry* um trabalho para muito além dos anos 70

As confissões de King bateram Rolling Stones e Beatles nas paradas.

Gaeme Hoggard/ Retna

Performance

Ano de lançamento: 1971
Produção: Lou Adler
Músicas: "I Feel The Earth Move" • "So Far Away" • "It's Too Late" • "Home Again" • "Beautiful" • "Way Over Yonder" • "You've Got A Friend" • "Where You Lead" • "Will You Love Tomorrow?" • "Smackwater Jack" • "Tapestry" • "You Make Me Feel Like A Natural Woman"

Quando gravou *Tapestry*, King havia acabado de mudar-se para Hollywood, onde era vizinha de hippies famosos, como Joni Mitchell e Frank Zappa. No estúdio, durante os intervalos da gravação, bordava uma tapeçaria com a qual aparece na capa do disco. *Tapestry* (Tapeçaria) é também o título de uma das faixas, na qual King compara a própria vida a uma tapeçaria onde figuras mágicas se sucedem até a aparição da morte.

Tapestry
Carole King

Num ano – 1971 – em que os Rolling Stones lançaram *Sticky Fingers* e o Led Zeppelin botou na rua o *IV (Four Symbols)*, quem dominou a parada americana foi Carole King. Inteiramente composto e interpretado por King, *Tapestry* foi o campeão absoluto em vendas e execuções nas rádios naquele ano, tornando-se o disco mais vendido da história até então, superando inclusive os Beatles, que haviam implodido no ano anterior.

Dentre as faixas mais famosas, destaca-se "You've Got A Friend", o perfeito hino à amizade que, dizia-se, teria sido inspirado em James Taylor, grande amigo e incentivador da carreira de Carole King. Anos mais tarde, ela explicou que não pensava em James quando se sentou ao piano para compor. Ela jura que a canção "veio do algum lugar, como acontecia freqüentemente". Místico, não?

Desde os 18 anos Carole King escrevia músicas para outros artistas cantarem, no esquema que ficou conhecido como "o grupo de Brill Building". Essa turma, baseada em Nova York, tinha entre seus compositores gente como Burt Bacharach e Paul Simon. Nascida no Brooklyn, em Nova York, Carole casou-se cedo com Gerry Goffin, ex-colega de colégio que se tornou seu parceiro. Juntos tiveram várias canções no topo das paradas. Vozes como a de Aretha Franklin e grupos como The Byrds, The Drifters e The Animals imortalizaram o trabalho da dupla.

No fim dos anos 60, a vida de Carole deu uma guinada. Separada de Goffin, recém-casada com o baixista Charles Larkey, ela estava pronta para se arriscar a fazer um disco-solo no qual interpretasse composições próprias. Em 1970 lançou *Writer*, que não foi bem na parada de sucessos. Em 1971 estourou com *Tapestry*.

O estilo de King em *Tapestry* é poeticamente refinado e musicalmente simples, com refrões que grudam como chiclete. As letras falam de amor, amizade e uma vida mais tranqüila. Além de "You've Got A Friend", o disco possui outros clássicos, como "So Far Away", "It's Too Late", "Will You Love Tomorrow?" e "You Make Me Feel Like A Natural Woman".

A sensibilidade e a inteligência implícitas em cada música fazem de *Tapestry* um disco fácil de ouvir, o que talvez explique parte do seu estrondoso – e incontestável – sucesso. Numa época em que o conflito de gerações fervia, Carole King conseguiu falar tanto aos jovens que buscavam expressar seus sentimentos quanto aos mais velhos que valorizavam a excelência musical e poética.

Felipe Zobaran

Divulgação

"Eu acho que furei duas cópias de *Tapestry* de tanto que ouvi este disco. Ele é um dos melhores álbuns de todos os tempos e certamente influenciou – e muito – o meu jeito de cantar"
(Gloria Estefan, cantora)

MTV MUSIC TELEVISION APRESENTA O SHOW QUE TODO MUNDO CANTOU A MÚSICA DE TODO MUNDO.

Assista na MTV, dia 26/01 às 23:10h, ao especial deste show. Reapresentação dia 29/01 às 22:40h e dia 31/01 às 17h.

www.mtv.com.br

Já está nas lojas o CD 5 anos de CHAOS.

CHAOS

Sony Music

www.sonymusic.com.br

Tanto" - SKANK ™ "Ate de Manha" - SKANK @ "Você Fica Bem Melhor Assim" - SKANK e LÔ BORGES # "Happy Days" - JOTA QUEST "Mangueiro" - JOTA QUEST ∞ "Zé Trindade" - MASKAVO ROOTS $ "Tempestade" - MASKAVO ROOTS e SAMUEL ROSA % "A Cidade" - GABRIEL O PENSADOR <None> "Cachimbo da Paz" - GABRIEL O PENSADOR ™ "Tão Seu" - PENÉLOPE CHARMOSA • "Rios Pontes e Overdrives" - MESTRE AMBRÓSIO £ "Malungo" - NAÇÃO ZUMBI <None> "Mamelha e Respeito" - PLANET HEMP <None> "Baseado em Fatos Reais" - PLANET HEMP

Como escolher um carro que agrade a você e também a sua família? Ele deve ter motor 1.8 l, leve, compacto e dinâmico, que garanta excelente desempenho e muita economia? SEAT Cordoba. Agilidade e versatilidade na condução, proporcionadas pela direção hidráulica de série e uma suspensão segura e macia? SEAT Cordoba. Deve apresentar também soluções avançadas, injeção eletrônica digital, amplo espaço interno, acabamento interno diferenciado para acomodar com folga a sua família? SEAT Cordoba. Um carro produzido por robôs nas modernas instalações da SEAT Martorell, a mais moderna fábrica de automóveis da Europa. E com soluções de tecnologia e design que lhe conferem um dos melhores coeficientes de penetração aerodinâmica (Cx 0,32), proporcionando excelente desempenho e economia. Nunca um carro reuniu com tanta propriedade um temperamento tão esportivo com uma personalidade tão familiar. Venha conhecê-lo num Revendedor SEAT.

SEAT Cordoba 99. Sangue quente, temperamento forte. E ainda assim estamos recomendando para sua família.

O europeu de sangue quente.

SEAT

Uma marca do Grupo Volkswagen

Código de Trânsito Brasileiro — A única maneira de transitar com segurança.

Este veículo está em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores.

SEAT SERVICE Assistência 24 horas em todo o território nacional.

SEAT Fax Para receber maiores informações sobre os veículos SEAT, ligue de seu fax para 0800-198866.